



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Covilhã | Portugal

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

AS COMPETÊNCIAS DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO TREINADOR DO DESPORTO ESCOLAR

Ana Augusta de Barros Gonçalves Saraiva Matos da Cruz

Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Educação
Física nos Ensinos Básico e Secundário
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Júlio Manuel Cardoso Martins

Covilhã, Outubro de 2016

AGRADECIMENTOS

No futuro... Agradeço hoje ao meu orientador na perspicácia e pertinência (...) Agradeço a partilha da vossa disponibilidade e tenacidade perante estas propostas de estudo e reflexão.

Um caminho percorrido perspetivando os novos desafios, (...) Recordo muitos professores e treinadores, perante os maiores obstáculos, incentivando-me, propondo caminhos, propondo perguntas sem resposta, mostrando-me o palco da escola e da competição onde revejo as minhas melhores memórias até hoje, que me ensinaram a explorar e questionar na área das pedagogias, toda a aprendizagem que fiz e refiz até aos dias de hoje para continuar a ensinar tanto os meus alunos como os meus atletas.

Aos meus estimados e inesquecíveis professores, principalmente os da opção de desporto, colegas, pais, alunos, família, amigos e pessoas que conquistei durante o meu percurso pessoal, académico e profissional por abrirem sempre novas portas e horizontes aos vários projetos apresentados, nomeadamente a este mais uma vez, propondo assim um novo rumo para que o futuro se torne mais risonho no caminho dos nossos alunos, turmas e grupos e muitos outros intervenientes no processo do desporto escolar (...) que nutrem este amor em comum.

Pessoas (...) que reforçam a ideia (...) de que o estudo, a perseverança, a pertinência, a reverência, a firmeza, o rigor, a reflexão, a resiliência e o respeitar compromissos no desporto valerá sempre a pena.

Pessoas... Que me permitem expressar valores nobres da existência humana: a gratidão e perseverança, por estar nesta ampla dimensão de estudo e reflexão.

E a todos, os treinadores, que se cruzaram no meu caminho um obrigado por todos os valores humildes que partilharam comigo dentro das minhas piores e melhores vitórias.

Pessoas que me inspiraram... “Criar e desenvolver um clima em que cada um e todos os membros da equipa tenham um máximo de oportunidades para alcançar o sucesso.” (Alves, 2000: 125)

Autores que me marcaram... Os treinadores cuidam da pessoa de fora para aumentar a medida, a grandeza, a elegância e a expressão da pessoa de dentro, como referem (Tani et al , 2006), o que chamamos de condição humana, um templo de luz e razão implantado em cima da natureza.

RESUMO

A crescente participação no desporto exigiu uma evolução significativa nas diferentes áreas e disciplinas que o contemplam - pedagogia do desporto, psicologia do desporto e *coaching* desportivo.

Ao professor, é-lhe exigido um conhecimento multidisciplinar e científico, na sua modalidade desportiva, bem como, no que concerne ao específico domínio do campo escolar do nosso estudo - desporto escolar. O nosso professor, tendo como atuação dois campos distintos, a escola e a competição, encara um novo dilema que deverá ser estudado para se apurar novas estratégias e dinâmicas de formação destes profissionais. Assim, estudando a atualidade neste vasto campo, propomos com o nosso estudo apurar a atuação do nosso professor de educação física como treinador do desporto escolar para abrir novos caminhos para a sua formação e exigências da atual comunidade escolar.

O nosso tema de investigação enquadra-se na questão “Quais as qualidades, mais valorizadas nos professores/treinadores do desporto escolar, na perspectiva do professor de educação física?”.

Assim, para dar resposta a esta questão utilizamos uma amostra de 117 indivíduos, amostra de conveniência, dos quais 90 são do género masculino e 27 do género feminino.

A recolha de dados foi efetuada através de um questionário “Percepções sobre qualidades de um Bom Treinador” (cf. anexo I) realizado no Google Questionários e enviado “online” por “*email*” - correio pessoal na internet, com 20 itens, utilizando uma escala de Likert (Likert, 1961) onde: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Indiferente; 4 - Concordo; 5 - Concordo Totalmente.

Das percepções mais pertinentes, destacam-se os treinadores do desporto escolar sem cargos no desporto federado apresentam *scores* de *coaching* mais elevados do que os treinadores que desempenham cargos. As diferenças observadas foram estatisticamente significativas ($U = 1758,5$; $W = 4839,5$; $p = 0,047$). Os treinadores do desporto escolar sem cargos no desporto federado apresentam *scores* de gestão psicológica mais elevados do que os treinadores que desempenham cargos. As diferenças encontradas foram estatisticamente significativas ($U = 1858,5$; $W = 4784,5$; $p = 0,011$).

Os treinadores com mais anos de experiência apresentam *scores* de *coaching* mais elevados do que os treinadores com menos anos de experiência. As diferenças encontradas foram estatisticamente significativas ($U = 1801$; $W = 2504$; $p = 0,025$). Os treinadores com mais anos de experiência apresentam *scores* de gestão psicológica mais elevados do que os treinadores com menos anos de experiência. Considerando um nível de significância de 0,075, as diferenças encontradas foram estatisticamente significativas ($U = 1667$; $W = 22297$; $p = 0,074$).

Os treinadores/praticantes da modalidade apresentam *scores* de *coaching* mais elevados do que os treinadores/não praticantes da modalidade. Considerando um nível de significância de 0,075, as diferenças encontradas foram estatisticamente significativas ($U = 159,5$; $W = 195,5$; $p = 0,07$).

Perante os dados apresentados, podemos concluir que o fator mais valorizado pelos professores de educação física, na seguinte condição, sem cargos no desporto federado, treinadores com mais anos de experiência, treinadores/praticantes da modalidade é o *Coaching* Desportivo. Essas emoções positivas “(...) possuem como função o alargamento do campo da consciência e, conseqüentemente, das possibilidades de pensamento e ação das pessoas” (Neto L. et Marujo, H., 2011: 442; Alves, 2000:133; Whitmore, 2006:3; Hodge et al, 2014; Chan & Mallett de 2011).

E ainda, o fator da Gestão Psicológica foi valorizado pelos professores de educação física, nas seguintes condições, sem cargos no desporto federado, treinadores com mais anos de experiência, treinadores com o Curso de Treinadores Nível /Grau 2. Os treinadores efectivos de maior experiência do processo de treino assumem como (Mesquita, 2005; Salmela e Moraes, 2003; Hoover-Dempsey & Sandler, 2005; Bento, 2004; Sarmento, 2012; Brustad, 1992; Smoll, 2001) os *scores* mais altos deste fator.

Palavras-Chaves: Treinador do Desporto Escolar, *Coaching* Desportivo, Pedagogia do Treino, Gestão Psicológica ...

ABSTRACT

Increasing participation in sport required significant developments in the different areas and disciplines that include - sports education, sports psychology and sports coaching.

The teacher, a multidisciplinary and scientific knowledge-it is required in their sport and, as regards the specific field of school field of our study - school sports. Our teacher, whose performance two distinct fields, the school and the competition, faces a new dilemma that should be studied to determine new strategies and dynamic training of these professionals. Thus, studying the present in this vast field, we propose with our study to ascertain the performance of our physical education teacher and coach school sports to break new ground for their training and requirements of the current school community.

Our research topic is part of the question "What are the qualities most valued in teachers / school sports coaches, in view of the physical education teacher?".

So to answer this question we used a sample of 117 individuals, convenience sample, of which 90 are of males and 27 females.

Data collection was conducted through a questionnaire "Perceptions about qualities of a Good Coach" (see Annex I) performed on Google and Questionnaires sent "online" with "email" - personal mail on the Internet, with 20 items, using a Likert scale (Likert, 1961) where: 1 - Strongly Disagree; 2 - I disagree; 3 - Indifferent; 4 - I agree; 5 - Agree.

The most relevant insights, we highlight the coaches of school sports without charge in federated sport have higher coaching scores than the coaches who play positions. The differences were statistically significant ($U = 1758.5$; $W = 4839.5$; $p = 0.047$). The coaches school sports without charge in federated sport have higher psychological management scores than the coaches who play positions. The differences were statistically significant ($U = 1858.5$; $W = 4784.5$; $p = 0.011$).

Coaches with more years of experience have higher coaching scores than coaches with fewer years of experience. The differences were statistically significant ($U = 1801$, $W = 2504$, $p = 0.025$). The coaches with more years of experience have higher psychological management scores than coaches with fewer years of experience. Considering a significance level of 0.075, the differences were statistically significant ($U = 1667$, $W = 22297$; $p = 0.074$).

Coaches / mode practitioners have higher coaching scores than the coaches / not practicing the sport. Considering a significance level of 0.075, the differences were statistically significant ($U = 159.5$; $W = 195.5$, $p = 0.07$).

In view of the data presented, we conclude that the most valued factor by physical education teachers, the following condition without positions in federated sport, coaches with more years of experience, trainers / practitioners mode is the Sport Coaching. These positive emotions "(...) have the function of extending awareness course and consequently the possibilities of thought and action of the people" (Neto L. et Marujo, H. 2011: 442; Alves, 2000: 133; Whitmore, 2006: 3; Hodge et al, 2014; Chan & Mallett 2011).

And yet, the Psychological Management factor was valued by physical education teachers, the following conditions without positions in federated sport, coaches with more years of experience, coaches with the Coaches Course Level / Grade 2. Effective trainers more experience the training process take as (Mesquita, 2005; Salmela and Moraes, 2003; Hoover-Dempsey & Sandler, 2005; Benedict, 2004; Sarmiento, 2012; Brustad, 1992; Smoll, 2001) the highest scores of this factor.

Key Words: School Sports Coach, Sports Coaching, Training of Education, Psychological Management ...

ÍNDICE

1.	INTRODUÇÃO	ix
1.1	OBJETIVOS.....	x
1.1.1.	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	x
1.2.	HIPÓTESES.....	x
1.3.	PROBLEMA	xi
2.	REVISÃO DA LITERATURA.....	12
2.1.	COACHING DESPORTIVO	20
2.2.	PEDAGOGIA DO TREINO.....	22
2.3.	GESTÃO PSICOLÓGICA.....	37
3.	MATERIAL E MÉTODOS	44
3.1.	CARATERIZAÇÃO DA AMOSTRA	44
3.2.	INSTRUMENTO	45
3.3.	ANÁLISE ESTATÍSTICA.....	45
4.	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	46
4.1.	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	75
5.	CONCLUSÕES.....	78
6.	LIMITAÇÕES DO ESTUDO	81
7.	BIBLIOGRAFIA.....	82
8.	WEBGRAFIA.....	89
9.	ANEXOS	92

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) nos dois grupos - Masculino e Feminino.....	51
Gráfico 2 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) nos dois grupos - Masculino e Feminino	52
Gráfico 3 - Distribuição dos scores dos fatores (Gestão Psicológica) nos dois grupos - Masculino e Feminino	52
Gráfico 4 - Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) nos dois grupos de habilitações - Licenciatura e Mestrado	53
Gráfico 5 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) nos dois grupos de habilitações - Licenciatura e Mestrado	54
Gráfico 6 - Distribuição dos scores dos fatores (Gestão Psicológica) nos dois grupos de habilitações - Licenciatura e Mestrado	54
Gráfico 7 - Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) nos dois tipos de desporto - Coletivo e Individual	55
Gráfico 8 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) nos dois tipos de desporto - Coletivo e Individual	56
Gráfico 9 - Distribuição dos scores dos fatores (Gestão Psicológica) nos dois tipos de desporto - Coletivo e Individual.....	56
Gráfico 10 - Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) com, e sem, curso de treinador.	57
Gráfico 11 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) com, e sem, curso de treinador.	58
Gráfico 12 - Distribuição dos scores dos fatores (Gestão psicológica) com, e sem, curso de treinador.	58
Gráfico 13 - Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) nas quatro opções de curso realizados.	60
Gráfico 14 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) nas quatro opções de curso realizados.	60
Gráfico 15 - Distribuição dos scores dos fatores (Gestão Psicológica) nas quatro opções de curso realizados.	61
Gráfico 16 - Output das comparações múltiplas das ordens de Dunn	61
Gráfico 17 - Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) com a existência, ou não, de alguma formação que não seja a de treinador	62
Gráfico 18 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) com a existência, ou não, de alguma formação que não seja a de treinador	63
Gráfico 19 - Distribuição dos scores dos fatores (Gestão Psicológica) com a existência, ou não, de alguma formação que não seja a de treinador	63

Gráfico 20 - Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) com a realização de alguma formação que não seja a de treinador	65
Gráfico 21 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) com a realização de alguma formação que não seja a de treinador	65
Gráfico 22 - Distribuição dos scores dos fatores (Gestão Psicológica) com a realização de alguma formação que não seja a de treinador	66
Gráfico 23 -Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) com o número de anos a que treina a modalidade - 10 anos ou menos e Mais de 10 anos	67
Gráfico 24 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) com o número de anos a que treina a modalidade - 10 anos ou menos e Mais de 10 anos	68
Gráfico 25 - Distribuição dos scores dos fatores (gestão Psicológica) com o número de anos a que treina a modalidade - 10 anos ou menos e Mais de 10 anos	68
Gráfico 26 - Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) com o desempenho, ou não, de cargos no desporto federado	70
Gráfico 27 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) com o desempenho, ou não, de cargos no desporto federado.	70
Gráfico 28 - Distribuição dos scores dos fatores (Gestão Psicológica) com o desempenho, ou não, de cargos no desporto federado.	71
Gráfico 29 - Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) nos três tipos de cargos que desempenha no desporto federado	72
Gráfico 30 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) nos três tipos de cargos que desempenha no desporto federado	73
Gráfico 31 - Distribuição dos scores dos fatores (Gestão Psicológica) nos três tipos de cargos que desempenha no desporto federado.	74

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Análise descritiva dos itens do questionário.....	46
Tabela 2 - Alpha de Cronbach da amostra	47
Tabela 3 - Teste KMO e Bartlett	47
Tabela 4 - Análise de componentes principais.....	48
Tabela 5 - Dados Sócio Demográficos	49
Tabela 6 - Resumo da comparação do Género com os 3 fatores	51
Tabela 7 - Resumo da comparação das habilitações com os 3 fatores.	53
Tabela 8 - Resumo da comparação do tipo de desporto com os 3 fatores.....	55
Tabela 9 - Resumo da comparação da existência ou não de curso de treinador com os 3 fatores	57
Tabela 10 - Resumo da comparação do curso de treinadores realizado com os 3 fatores	59
Tabela 11 - Resumo da comparação da realização, ou não, de outro curso que não seja o de treinador com os 3 fatores	62
Tabela 12 - Resumo da comparação de formações que não sejam a de treinador com os 3 fatores	64
Tabela 13 - Resumo da comparação do número de anos de treinador.....	67
Tabela 14 - Resumo da comparação do desempenho de cargos no desporto escolar com os 3 fatores	69
Tabela 15 - Resumo da comparação dos cargos que desempenha no desporto federado com os 3 fatores	71

1. INTRODUÇÃO

Neste século, o objetivo de obter e superar recordes mundiais e conquista de medalhas e troféus, com outras competências atribuídas à árdua tarefa daqueles que orientam, moderam e refazem caminhos - os nossos professores do desporto escolar...

Como poderemos verificar na abordagem da intervenção pedagógica, a área que se apresenta aqui neste trabalho é muito revelante na prática desportiva, aos olhos dos intervenientes no processo treino, ou seja, todos os fatores que se ditam importantes e se conjugam nesta vasta área do Treino Desportivo abrangendo assim o âmbito do Desporto Escolar...

Nesta evolução é importante frisar as pessoas que lideram essa prática desportiva - orientadores/professores/treinadores - eles são de extrema importância. Assim, propomo-nos fazer o retrato estatístico deste profissional com o nosso projeto de trabalho.

Ora se transpusermos essa situação para aquela que é a prática jovem do desporto, iremos encontrar ainda mais preocupações pertinentes como a questão de quem serão os treinadores do desporto escolar dos nossos jovens.

«O que nos diz a ciência?» - referindo (Guedes, 2014) com pertinência na sua ponderação sobre diversos estudos sobre a prática desportiva de contexto juvenil (desporto escolar e federado) com diferentes práticas de *coaching*, promovendo sucesso paralelo dos jovens nas vias identificadas do desporto. Na prática do *coaching*, o autor mencionado refere-se à filosofia de coaching, a interação com os jovens, as estratégias de coaching e a autoformação do coach.

Podendo ir ainda mais além, e questionarmos, quais as qualidades do bom orientador de jovens - treinador do desporto escolar, na perspetiva do professor de educação física, baseamos o nosso estudo num trabalho realizado por (Sarmiento, 2010:78), o qual se destaca como professor de educação física a nível nacional, a qual permitiu ordenar as qualidades do treinador por grau de excelência Conhecimento da Modalidade/Ensinar (Importância elevada), Experiência/Motivação (Importância Média Alta), Justo/Disciplina/Paciente/Comunicação (Importância Média baixa) e Dar Exemplo/ Dar valor à vitória (Qualidades de Importância Baixa).

A questão de, quais as qualidades do bom treinador para os professores de educação física, é sobretudo um levantamento de impressões que cria as condições necessárias para o correto desenvolvimento, participação do jovem atleta e futura formação contínua.

Com a sua projeção no mundo científico, o desporto viu aumentada a sua importância também enquanto meio privilegiado para promover o desenvolvimento integral de crianças e jovens, como testemunha Bento ao referir que “... a capacidade de ação no desporto elege como indispensável o seu contributo para a formação do homem...” (Bento, 1998:127).

Em relação, ao nosso objetivo de estudo explanamos aqui as percepções dos professores de educação física em relação ao seu papel como treinadores do desporto escolar perante as relações que conseguimos estabelecer com a nossa metodologia de estudo, de acordo, com as diferentes formações que apresentaram os professores de educação física.

Para se desempenhar a função de treinador, cada vez mais exige conhecimentos diversificados e atualizados de diversas áreas de conhecimento, nomeadamente nas áreas da metodologia e pedagogia do treino.

Afirmou ainda, (Sweetenham, 2002) que com os desenvolvimentos ocorridos no sistema de formação de treinadores, aquilo que se considerava “ciência pesada” é hoje visto como prática quotidiana do treino. Esta prática invadiu as escolas com o actual Desporto Escolar.

A presente reflexão apresenta uma estrutura, quer ao nível da revisão da literatura, quer ao nível da metodologia, como também na apresentação e discussão de resultados edificada à volta de uma questão:

“Quais as competências mais valorizadas nos treinadores do desporto escolar, na perspectiva dos professores de educação física?”.

1.1 OBJETIVOS

Com a intenção de perceber quais as competências mais valorizadas pelo professor de educação física no papel de treinador do desporto escolar, traçamos como objetivo:

1.1.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Aferir as percepções sobre o treinador do desporto escolar na perspectiva do professor de educação física;
- ✓ Compreender as relações entre as diferentes variáveis sociodemográficas e as competências percebidas.

1.2. HIPÓTESES

De acordo, com os objetivos traçados definimos e propusemos as seguintes hipóteses deste nosso estudo:

- ✓ H1 - Quais as percepções mais pertinentes sobre o papel do treinador do desporto escolar na perspectiva do professor de educação física?

- ✓ H2 - Existem diferenças significativas entre as variáveis sociodemográficas, definidas no questionário, na percepção das diferentes competências/capacidades/qualidades do treinador?

1.3.PROBLEMA

O problema é entendido como a questão de investigação científica à qual se procura uma orientação ou deliberação para possíveis respostas. Assim, assinalamos a seguinte questão como preferencial:

«Quais as competências/capacidades/qualidades mais valorizadas pelo professor de educação física no âmbito do desporto escolar?»

Logo, é em função desta pergunta de partida que procuramos orientar a nossa investigação e análise estatística que vamos explanar no decorrer desta reflexão.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo pretendemos enquadrar e facetar as principais características do professor/treinador, nos fundamentos teóricos atuais realizando uma análise concreta e atual sobre a atuação do nosso treinador do desporto escolar, e perante principalmente, sobre o ponto de vista dos professores de educação física que ao responderam ao nosso questionário orientaram as nossas conclusões sobre a importância de diferentes fatores no papel do treinador que pedem aos professores para o representar.

Perante o tema, propomo-nos reflectir sobre as teorias que apresentam estes fatores como uma das peças principais do puzzle do treino desportivo.

Com o apurar da sua experiência, o treinador poderá sempre vivenciar melhor os problemas que surgem dado ter um maior leque de estratégias para a sua atuação otimizando comportamentos, qualidades, relacionamentos, teorias e modelos de atuação.

Em suma, o desempenho do treinador do desporto escolar depende em suma do estudo permanente de situações, pessoas, contextos, condições, teorias, sucessos e insucessos tendo me revisto nesta competência sempre com uma posição autocrítica da minha atuação. Por isso, revelo bastante interesse, a assumir mais uma análise sobre este tema de estudo.

No treinador dos nossos dias, emerge como fundamental competência o *coaching* dada a complexidade da gestão tanto da sua equipa como de diversos fatores que interagem direta e indiretamente com ela. A equipa constitui a sua unidade de ação, a sua ferramenta de trabalho. Com a equipa, o gestor alcança metas e produz resultados. Portanto, ele precisa de organizar a equipa, delinear funções para as diferentes competências existentes, gerir o emocional/psicológico e avaliar o desempenho para melhorá-lo cada vez mais recompensando para reforçar e reconhecer o seu valor (Chiavenato, 2004).

A função do treinador é, pois, ampla e muito suscetível, porquanto sujeita a flutuações de humor, quebras psicológicas, depressões, fadiga, acompanhados de uma sensação de isolamento, embora, em contrapartida, temperada com uma dose de exaltação e de heroicidade. O treinador deverá conhecer a modalidade em todas as suas facetas, sabendo que será chamado, a cada momento, a tomar decisões, sobre questões técnicas, táticas, logística e a assumir as respetivas consequências. Tal multiplicidade de requisitos torna imprescindível um sólido capital de competência técnica, de personalidade e de inteligência estratégica (Garganta, 2004).

Tradicionalmente, tem-se entendido que as funções do gestor são: planejar (definição de metas e estratégias); organizar (determinar o que/quem/como/para quem/onde); liderança (motivar, dirigir, resolver conflitos) e controlar (monitorizar o desempenho em relação ao planeamento). Isto significa que, na prática, são atribuídas ao gestor as funções genéricas de todo o administrador (Pires, 2005).

Assim, podemos citar o treinador Fernando Santos da Selecção Portuguesa de Futebol que atingiu com a sua equipa o título de campeão europeu 2016, que durante o processo evolutivo da equipa, ele tomou posições estratégicas atempadas que deram sempre a ascensão ao título tão merecido.

Mas para resumir este capítulo, sugerimos a referência de (Araújo, 1997) que enfatiza a complexidade que é ser treinador, podendo até afirmar que não existem treinadores ideais, nem mesmo no domínio da utopia poderá ser descrito, não existindo um perfil único de treinador, mas sim uma série infundável deles, consoante as circunstâncias e respetivas necessidades e contextos de intervenção. E o nosso seleccionador nacional de futebol demonstrou ao público em geral que na vitória existem várias dimensões - não é importante ser vencedor, o melhor é não sair vencido - no global, ele geriu muito bem o desgaste físico dos jogadores que tinha na sua equipa, uma grande união em prol de um objetivo comum.

Na apresentação actual realizada por (Sequeira e Figueiredo, 2012), focou as ciências que não podem ser esquecidas na carreira de um treinador como a Pedagogia do Desporto, Didática do Desporto, Teoria e Metodologia do Treino, Ciências Anatomofisiológicas, Ciências Anatomo-Mecânicas, Ciências Neuro-Psicológicas, Ciências do Comportamento Psicológico (controle emocional), e ainda, as Ciências Sociais... Como analisamos o campo da ciência e pedagogia funde-se no papel do professor treinador sendo uma tarefa árdua de desempenhar acumulando diversas funções numa só, assim como, o conhecimento de múltiplas áreas do conhecimento do desporto.

“Se a criança não é um adulto em miniatura, o que é que isto quer dizer para a formação de treinadores de jovens? “... Elogio das competências multidimensionais olhando de forma própria o ser humano jovem aos níveis bio-psico-sociais”...

O modelo biopsicossocial moderno foi proposto por George Engel, “estabelecendo a base para planos de pesquisa, estruturas de ensino e linhas de ação no mundo real dos cuidados de saúde” num claro desafio à “biomedicina” (Engel, 1977)...

Sílvio Lima (1904-1993) inclui uma quarta dimensão transversal de análise que é a axiológica, bio-psico-socio-axiológica.

Nos tempos da atualidade, o nosso treinador visto na sociedade atual da informação, Figueiredo (1992) citado pelos autores acima mencionados, para compararmos a interação nos nossos tempos, que interfere com o saber pedagógico, (papel do professor), o saber técnico, o saber organizacional, e ainda, o saber ético e deontológico.

Na década de 1980 e 1990, a era da competência revelou-se com uma mudança tecnológica e reorganização no trabalho profissional.

A própria mudança tecnológica implica criteriosamente uma reorganização em todo o mundo do trabalho.

Segundo Miguel Pina e Cunha et al (2006:24), “Não somos apenas razão. Todos, sem exceção, vivemos de emoções, ideologia, alma, crenças, tendências, amizades, inclinações, irracionalidades, irritações, tranquilidades, imitações, inteligência, materialismo, saudade, planeamento, improvisação, amor e ódio. E todos queremos ser felizes. Esta é a realidade da vida - mesmo da vida organizacional”.

Esta revolução vem reorganizar competências e formação em novas áreas em desenvolvimento, nomeadamente a que é foco de estudo neste nosso trabalho, o papel e função do treinador.

Esta função difícil de analisar, sendo necessário standardizar e gerir as competências que deveriam estar na orientação dada pelas federações das modalidades desportivas. Assim, estas instituições deveriam debruçar-se sobre estes modelos atuais de competências para orientar, definir e avaliar novas competências dos seus profissionais.

A definição da formação e qualificação contínua, para as instituições, também despertou com esta nova era orientando assim para novos estudos, novas funções, novos cursos e estudos na sociedade dos tempos de hoje como o *coaching*...

Na sociedade competitiva, destacam-se as competências do treinador que revela entrar nesta onda de mudança destacando vários treinadores em notáveis e recentes carreiras em ascensão no mundo atual.

Com o mundo em mutação, surge a necessidade de compreender a competência, e mais especificamente o queremos estudar no campo do treino desportivo - treinador. Assim, referimos:

Independentemente de se tratar do poder formal, o que é o equivalente da autoridade legitimidade pela posição hierárquica do seu detentor, ou do poder informal, o que se liga com a competência ou com o carisma de quem o exerce como é o caso de José Mourinho. A definição de poder liga-se quer com a capacidade de influenciar quer com a capacidade de alcançar ou de modificar resultados ou efeitos organizacionais (Mintzberg, 1986) referido em (Neves et al., 2006:268). Também (Lourenço & Ilharco, 2007) refere esta perspetiva acima mencionada partilhando e baseando os seus estudos na mesma.

Este poder pode ser entendido e estudado sobre diversos fatores e diferentes modelos e influências, e até, pela sua origem.

Para usar esse poder deve ter-se em conta diversas táticas como a razão, coligação, simpatia, negociação, assertividade, autoridade, coerção... No âmbito organizacional, o treinador dos dias de hoje, deverá ter em conta, para atuar no seu dia a dia como as acima indicadas de (Kipnis et al.,1984; Dosier et al., 1988; Hinkin & Shriesheim, 1990; Yuki & Falbe, 1990) citadas em (Neves, 2006:273).

A liderança apreciativa (que vai muito para além da liderança tradicional) encerra em si um conjunto de práticas orientadas para a realização humana, valorizando o que é positivo na vida. Habitualmente, a liderança é definida como um conjunto de competências de uma pessoa ou processo que fornece orientação e direção. A liderança apreciativa dentro das organizações, por seu lado, procura envolver as pessoas em processos dirigidos para a valorização da vida e para a criação de valor. Nesta liderança, os profissionais deveriam debruçar-se mais e melhor para novas políticas educativas na educação física e no desporto.

Numa perspetiva de *coaching* interno, isto é, aquele que é feito por pessoas dentro da organização, os gestores de equipas não se poderão demitir destas competências. Contudo, não se exige a esses gestores que consigam aplicar um processo de *coaching* do mesmo modo que um coach profissional externo o faz; até que existem limitações naturais que se prendem com o papel que ocupam na organização que pode ser incompatível, se o tema a tratar com o *coache* for, por exemplo, desmotivação ou incompatibilidade com o chefe. No entanto, é perfeitamente recomendável que esses líderes sejam líderes-coach, ou seja, que consigam ter uma atitude de *coaching* na relação com os seus colaboradores. Como vimos anteriormente, perante os novos desafios a que as organizações passaram a estar expostas, exige-se dos colaboradores uma permanente capacidade de superação. Essa capacidade só se atinge com indivíduos felizes e motivados, dispostos a mobilizarem-se em prol de projetos organizacionais estimulantes, dos quais possam extrair conhecimento e desenvolvimento profissional e pessoal. Para isso, as organizações têm que ter lideranças eficazes que libertem o potencial das pessoas. E na maior parte das empresas este potencial mantém-se adormecido, evitando que as pessoas ponham em prática tudo aquilo que valem, amputando-lhes a possibilidade de poderem ser mais produtivas e felizes. O líder-coach é responsável de contribuir para essa felicidade. Como refere Richard Denny no seu livro *Motivação para Vencer* “Por vezes as pessoas têm que ser desafiadas para que se acenda o rasilho que as dispara para a atividade realizadora” (1993:80), num dos papéis em que revejo a minha atuação. Por outro lado Alan Hooper e John Potter referem no seu livro *Liderança Inteligente - Criar a Paixão pela Mudança*, que “(...) os líderes conseguem fazer sobressair o melhor das pessoas. Isto envolve uma abordagem holística que abrange motivação, (...) *empowerment*, *coaching* e encorajamento (2011:75).

Esta estrutura vai sendo percorrida através de uma abordagem de questionamento (apreciativa) onde devem predominar as Key Questions de modo a se conseguir elevar o nível de consciência do *coache*, e simultaneamente, estimular a sua criatividade e envolvendo-o através do estabelecimento de objetivos e compromisso, desbloqueando algumas crenças limitadoras que o impede de agir. A consultora Roland Berger defende que nos processos de inovação “todas as áreas deverão estar envolvidas (...). O papel da liderança é colocar as questões críticas que originem novas abordagens e soluções” (2010).

O profissional atento terá sempre ferramentas pedagógicas para o treinador do desporto escolar se adequar a uma determinada época ou geração porque deverá ser um observador atento para alternar atitudes e estratégias, não deixando, que certos valores e atitudes se sobreponham ao valor real do desporto na escola. Durante esta primeira parte, refletiu-se sobre diversos autores e os seus divergentes pontos de vista sobre orientar e liderar que, de uma certa forma, convergem todos para a mesma direção frisando todos detalhes e pormenores importantes que não podem falhar no ato de *coaching*. Assim, propomos ao treinador do desporto escolar do próximo século fazer uma reflexão sobre o seu papel e os objetivos que pretende atingir perante os autores aqui citados melhorando, registando e propondo o sucesso das suas atuações...

O Desporto Escolar constitui uma das vertentes de atuação do Ministério da Educação e Ciência com maior transversalidade no sistema educativo, desenvolvendo atividades desportivas de complemento curricular, intra e interescolares, dirigidas aos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas.

O Desporto Escolar é “(...) o conjunto de práticas lúdico-desportivas e de formação com objeto desportivo, desenvolvidas como complemento curricular e de ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de atividade da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo” (Artigo 5º - “Definição”, Secção II - “Desporto Escolar”, do Decreto-Lei nº 95/91, de 26 de fevereiro). Mais ainda, como refere o preâmbulo deste diploma, “(...) o Desporto Escolar deve basear-se num sistema aberto de modalidades e de práticas desportivas que serão organizadas de modo a integrar harmoniosamente as dimensões próprias desta atividade, designadamente o ensino, o treino, a recreação e a competição”.

O Desporto Escolar é uma oferta de escola articulada, horizontal e verticalmente, ao longo de todos os anos de escolaridade, com as atividades da educação física.

Do ponto de vista funcional, este operacionaliza-se em duas vertentes complementares - uma é dinamização de atividades desportivas realizadas internamente, e outra, referente atividade desportiva desenvolvida pelos grupos- equipa.

Os grupos-equipa são organizados por escalão/género ou num escalão único e envolvem-se em competições interescolas com um nível de competitividade crescente: Campeonatos Locais, Campeonatos Regionais, Campeonatos Nacionais e Campeonatos Internacionais (ISF-International School Sport Federation ou FISEC - Federation Internationale Sportive de l'Enseignement Catholique).

As atividades desenvolvidas pelos grupos-equipa estão sujeitas a competição entre várias escolas - provas oficiais. A atividade desenvolvida pelos grupos-equipa caracteriza-se assim pela prática desportiva regular de treinos e de competições interescolares normais cuja realização dos jogos terá lugar aos sábados de manhã, o que não acontece nas escolas do interior norte. Estas incluem as competições locais, regionais, nacionais e eventualmente internacionais do Desporto Escolar.

As competições escolares externas regem-se pelo Regulamento Geral de Provas do Desporto Escolar e pelos Regulamentos Específicos de modalidade. No caso das competições internas, regem-se pelo Regulamento dos Torneios.

Neste projeto temos os três Objetivos Gerais - Promover na criança/aluno o desenvolvimento global de competências, aumentando a sua autonomia e a criação de hábitos e métodos de trabalho - Promover o sucesso educativo - Promover atividades culturais, desportivas e artísticas que contribuam para a formação global dos alunos, procurando uma perspetiva de interdisciplinaridade.

E como Objetivos específicos - Promover nos jovens o gosto pela prática desportiva e pelo desporto, como meio de formação do carácter, na aquisição de estilos de vida saudáveis e no desenvolvimento de competências sociais da população escolar - Promover a valorização da atividade física e desportiva por parte da comunidade educativa, como meio fundamental para a formação integral dos jovens e a promoção de valores fundamentais de cidadania, saber estar e saber ser - Dinamizar atividades físicas e desportivas que envolvam alunos de diferentes ciclos de ensino.

A atividade desportiva desenvolvida, ao nível do Desporto Escolar põe em jogo potencialidades físicas e psicológicas, que contribuem para o desenvolvimento global dos jovens, sendo um espaço privilegiado para fomentar hábitos saudáveis, competências sociais e valores morais, de entre os quais se destacam a Cidadania - Contributo do Desporto Escolar para formar cidadãos conscientes e ativos na sociedade; Valores - Contributo do Desporto Escolar para a promoção de valores, nomeadamente a Responsabilidade; Espírito de equipa; Disciplina; Tolerância; Respeito; Humanismo; Verdade; Respeito; Solidariedade; Dedicção; Coragem.

No período de vigência do Programa do Desporto Escolar são implementadas as seguintes modalidades, sem prejuízo de alterações que a Coordenação Nacional do Desporto Escolar proponha introduzir - Modalidades Coletivas e Modalidades Individuais.

Em relação aos Clubes de Desporto Escolar (CDE) enquadraram o Nível I - Extensão Curricular da Disciplina de Educação Física e Projetos Complementares; Nível II - Atividades Desportivas dos Grupos-Equipa; Nível III - Atividades Desportivas dos Grupos-Equipa; Clubes Escolares Federados - Centros de Formação Desportiva.

Estas atividades físicas e desportivas têm um efeito positivo no desenvolvimento dos jovens nos domínios cognitivo, social, afetivo e fisiológico, com relevante impacto no desempenho escolar. Consequentemente, defende-se a necessidade de incluir o desporto escolar nas atividades extracurriculares e, ainda, divulgar e partilhar com pais e professores os benefícios da atividade, e ainda, a maioria dos atletas de alto rendimento iniciou a sua formação desportiva no desporto escolar. O sucesso das primeiras experiências de formação determinante, como o a competência técnica, científica e pedagógica dos professores. As oportunidades criadas aos jovens, a organização das atividades de formação e competição e a competência do ensino são três pilares do desenvolvimento do desporto escolar e, por via disso, do desenvolvimento do desporto nacional.

Com a evolução dos tempos, o desempenho do treinador/a de Desporto tem vindo a tornar-se cada vez mais complexa, de que resulta uma consequência imediata a necessidade de melhorar a qualidade e robustez da formação deste novo profissional, enquanto fator principal para melhorar a sua intervenção teórico prática.

Os diferentes organismos responsáveis pelo desporto em Portugal, acompanharam esta tendência com a produção de documentação legal para formação dos treinadores (maior intervenção da estrutura estatal (aparecimento do Instituto Nacional do Desporto - IND), ou numa completa transferência, para as federações da responsabilidade de conceção e organização da formação dos seus treinadores, assumindo o Estado a responsabilidade de apoiar financeiramente estas iniciativas.

A Formação dos Recursos Humanos do Desporto, em 1999, passa a estar inserida no âmbito da Formação Profissional. Este novo enquadramento levou, em 2008, à publicação do Decreto-Lei nº 248-A/2008, de 31 de Dezembro (regime de acesso e do exercício da actividade de treinador/a de desporto) o qual foi completado depois com o Despacho nº5061/201, de 22 de março (normas para a obtenção e emissão da Cédula de Treinador/a de Desporto).

Estes documentos legais conferiram o suporte necessário para o aparecimento do Programa Nacional de Formação de Treinadores, cujo modelo de formação contém uma partilha de responsabilidades entre as Federações com estatuto de Utilidade Pública Desportiva e o Estado. Esta partilha de responsabilidades ganhou uma maior dimensão na consecução das tarefas que integram a metodologia escolhida para a operacionalização do programa, cuja caracterização irá ser seguidamente efectuada.

Seguindo outras propostas realizadas no âmbito europeu, o Programa Nacional de Formação de Treinadores considera também a existência de quatro (I,II,III,IV) Graus de Formação com responsabilidades e competências próprias, inerentes à tipologia da população em que os treinadores intervêm.

Os Graus de Treinador/a considerados promovem um desenvolvimento progressivo e cumulativo de competências, o qual é caracterizado pela criação das estruturas dos respectivos Perfis Profissionais estabelecidos. Estes perfis, enquanto conteúdo base de referência do programa, condicionam as diferentes tarefas inerentes à construção do programa, já que é em função das respetivas competências e das suas áreas de desempenho (nos diferentes graus de qualificação), e tendo ainda por referência, a especificidade de cada modalidade/disciplina/via/estilo «desport».

O Instituto Português do Desporto e Juventude, em 2008, apresentou a sua decisão relativamente ao pedido de reconhecimento do Curso de Licenciatura em Educação Física e Desporto, para fim de equivalência às componentes de formação de Treinador de Desporto, nas seguintes modalidades ATLETISMO (Reconhecimento total dos graus de formação I e II); FUTEBOL (Reconhecimento parcial da componente geral dos graus de formação I e II); NATAÇÃO (Reconhecimento parcial da componente geral dos graus de formação I e II e da componente específica do grau I); NATAÇÃO PURA (Reconhecimento parcial da componente geral dos graus de formação I e II e da componente específica do grau II); VOLEIBOL (Reconhecimento parcial da componente geral dos graus de formação I e II e da componente específica do grau I). Esta apreciação reflete a necessidade do treinador se adequar em determinadas modalidades a outros atributos que a formação contínua de professores não tem acesso, tendo os professores de recorrer à formação dada pelas federações dos desportos do seu interesse.

No decorrer do nosso trabalho, questionamos os professores de educação física sobre a sua formação de treinadores, o que poderá ser um ponto de análise em relação aos fatores estudados no Coaching Desportivo, a Pedagogia do Treino e a Gestão Psicológica. Qual dos fatores será mais revelante na escolha do professor de educação física com mais formação de treinador/a de desporto?... A nossa proposta é refletir sobre o nosso problema e criar novos pontos de reflexão para novos estudos que poderão surgir no decorrer da nossa análise.

De uma forma sumária, este autor relaciona e interliga complexamente a competência estudada - (Alves, 2000:133) - "a liderança eficaz passa por uma grande flexibilidade na adoção do estilo adequado a cada situação e pelo desenvolvimento de uma cultura própria do grupo que una todos os seus membros à volta dos mesmos objetivos..." - não se conseguindo definir, ou até mesmo mensurar, quais qualidades do treinador que exigem os diversos e inúmeros momentos, que poderá vivenciar na organização desportiva.

E para melhorar futuras propostas dos governos atuantes, na organização da futura formação destes profissionais, os meus colegas professores de educação física/treinadores do desporto escolar propuseram exercer esta participação na minha reflexão, fazendo o retrato do treinador do desporto escolar, de acordo com os fatores que considerámos na correlação dos itens estudados - a Gestão Psicológica, o Coaching e a Pedagogia do Desporto.

2.1. COACHING DESPORTIVO

O *coaching*, por definição, está orientado para a ação e para as soluções. Daqui podemos depreender que o formato de comunicação existente numa relação de *coaching* tem que ser, necessariamente construtivo e positivo. Deste modo, as semelhanças com o modelo de comunicação presente na Inquirição Apreciativa são inúmeras, sendo que o coach tende a causar no seu *coachee* um impacto e um conjunto de emoções positivas. Essas emoções positivas “ (...) possuem como função o alargamento do campo da consciência e, conseqüentemente, das possibilidades de pensamento e ação das pessoas” (Neto L. et Marujo, H., 2011: 442).

O *coach* funciona como alguém que leva o seu *coachee* a mudar frequentemente as suas perspetivas de análise, no sentido de alcançar o maior número possível de possibilidade de resolução de determinada questão.

Como atrás referi, este tipo de liderança deve ser de um nível superior do tradicional, exigindo ao líder novas competências, sobretudo, relacionais e comunicacionais. E quando assim é, eis que surge o Líder-Coach. Numa lógica e filosofia idênticas à da Inquirição Apreciativa, aparece o Coaching como uma das práticas mais recentes de desenvolvimento de competências e desempenho.

“ A minha liderança toda a gente a sente, mas ninguém a vê. (...)” (Lourenço & Ilharco, 2007:184) prontamente assume, que a liderança está intimamente ligada com processos que a pessoa comum não consegue identificar estando por trás da sua imagem de assumir comandos, a vasta gestão, em diversas áreas, na própria organização das instituições.

O termo *coach* (inglês) ou *coche* (francês) tem presente a ideia de uma carruagem de quatro rodas, puxada por cavalos, que se prestava a transportar alguém de um sítio para outro. Inicialmente, a palavra aparece predominantemente associada ao contexto desportivo, designando o treinador de um atleta ou equipa. Mas é com a transposição do termo para a realidade organizacional que a prática do *coaching* ganha força e expressão. De uma forma simples, podemos definir *coaching* como um acompanhamento personalizado com vista a elevar o rendimento e a performance de um indivíduo, estimulando-o a encetar ações que o

conduzem ao alcance de objetivos. O *coaching* pretende libertar o potencial de uma pessoa, ajudando-a a aprender em vez de ensiná-la. Este novo modelo sugere que “somos mais como uma bolota que contém dentro de si todo o potencial para ser um carvalho magnífico. Precisamos de alimentação, incentivo e de uma luz a alcançar, mas a qualidade do carvalho já está em nós” (Whitmore, 2006:3). Os *coaches* ajudam as pessoas para quem trabalham (*coachees*) a encontrar soluções e solucionar problemas tipo das disciplinas.

O treinador deve decidir o percurso a utilizar no processo de ensino-aprendizagem das habilidades técnicas... Na sociedade encontramos indivíduos que demonstram níveis de rendimentos superiores em relação aos restantes, fazendo com que se destaquem da maioria. Estes indivíduos possuem características excepcionais, dotados, talentosos, especiais ou experts (Ericsson & Smith, 1991). Reforçando a citação anterior, segundo (Rosado e Mesquita, 2009) “uma das características dos bons treinadores é o desejo e a capacidade permanente de se atualizarem, de saber sempre mais, o que passa por uma formação contínua, através da participação em debates e colóquios de treinadores, da leitura de revistas da especialidade, da observação e na troca de experiências de método de treino”. De muitas atitudes e capacidades que um treinador bem-sucedido deve ter, segundo Bompa (2005), as capacidades para um treinador atingir o sucesso são um carácter firme, capacidade de motivar; ser um excelente professor; psicologia; ter um alto nível educacional e ser bem informado; liderança e organização e inteligência. O comportamento de um treinador vai para além de ser especialista no seu desporto, na metodologia de treino e na competição, pois desempenha outras funções, tais como gerir recursos humanos, financeiros, relações públicas, elaborar planeamentos e organizar atividades (Serpa, 1990). Estes quatro últimos autores citados por Mendes (2009), em campos diferentes, mas referem sempre qualidades fundamentais da liderança no desempenho do treinador.

Em alguns estudos recolhidos para estabelecer comparação de práticas (Hodge et al, 2014), este estudo de caso focado numa equipa de Rugby da Nova Zelândia - All Blacks durante o período de 2004 a 2011, quando Graham Henry (treinador principal) e Wayne Smith (treinador adjunto) treinou e gerenciou a equipa. Mais especificamente, este estudo de caso examinou o clima motivacional criado por este grupo de *coaching*, que culminou na conquista da Copa do Mundo de Rugby em 2011. A análise temática de conteúdo colaborativo revelou oito temas, sobre questões motivacionais e do clima motivacional para a equipa 2004-2011 All Blacks: (i) ponto crítico, (ii), (iii) modelo de gestão dupla flexível e evoluir, (iv) "Melhores pessoas fazem melhor All Blacks" (v) a responsabilidade, (vi) liderança, (vii) a expectativa de excelência, e (viii) a coesão da equipa. Estes resultados são discutidos à luz do *coaching* autonomia de suporte, treino emocionalmente inteligente e liderança transformacional. No final foram feitas as respetivas recomendações a estes treinadores de elite, As seguintes recomendações são disponibilizadas para consideração das equipas de técnicos desportivos: (i) liderança - modelo de gestão de duplas, (ii) liderança transformacional (individual, motivação inspirada, estímulo intelectual, aceitação dos objetivos do grupo, expectativas de alto desempenho, e

modelagem de papel apropriado (Arthur et al, 2012;Hardy et al, 2010;Smith et al, 2013, para exemplos práticos), (iii) Treinador emocionalmente inteligente - desenvolvimento de competências intrapessoais e interpessoais (Chan & Mallett de 2011), e (iv) estratégias de coaching autonomia de apoio (Lyons et al., 2012; Mageau & Vallerand, 2003; Mallett, de 2005). A praticidade destas recomendações clima motivacional, provavelmente, variam de acordo com o nível competitivo da equipe. É importante ter em mente que as estratégias climáticas motivacionais utilizados pelos treinadores All Blacks foram adaptados para atender uma equipa profissional de formação de atletas em tempo integral; claramente limitações de tempo e recursos limitados para equipas amadores, entre muitos outros como é o caso do desporto escolar, que por vezes sofre nas suas políticas e logísticas de implementação, irão influenciar a viabilidade de implementação de todas estas recomendações.

Como nos refere também o autor (Sousa, 2015) que fatores inibidores dos nossos coordenadores do desporto escolar enfatizaram os horários dos professores e alunos, a falta de articulação com as outras disciplinas, o reduzido número de jogos realizados e a verba insuficiente para a aquisição de material adequado á modalidade. As escolas, pelo menos de uma forma global, possuem as condições de logística necessárias. Todos os coordenadores reconhecem a importância da formação contínua para preparar as competências relacionadas com a educação física e com o desporto escolar que estão em constante mutação de geração para geração.

E ainda, referem também as preferências dos alunos/atletas do desporto escolar (Matos, M., & Cruz, J., 1997) os atletas têm objetivos mais orientados para a tarefa do que para o “ego” e a orientação motivacional para objetivos é mais valorizada que a orientação para a competitividade ou para a vitória, considerações e orientações ter sempre em conta a análise do tipo de atleta.

2.2.PEDAGOGIA DO TREINO

A pedagogia é a base e a sustentação do desenvolvimento para todas as metodologias nas ciências do desporto.

O treinador deverá enquadrar perfeitamente a área das pedagogias ao treino escolar adequado à modalidade em questão - pedagogia do treino desportivo.

A nossa opção por centrar o objecto de estudo no professor de educação física deve-se à especificidade do contexto em que nos situamos, o Treino Desportivo desenvolvida na escola - o treinador do desporto escolar. Sendo este processo de treino desenvolvido por professores de Educação Física, os objectivos do processo de treino são inegavelmente diferentes dos do processo de ensino em Educação Física. No contexto da educação física (Rodrigues, 1997), o

factor aprendizagem é decisivo e preponderante, enquanto que na competição, é a construção da forma desportiva - a competição formal é o objectivo preferencial.

A quantidade de atletas, como refere (Rodrigues, 1997) que normalmente estão dependentes do treinador é sempre menor que o número de alunos que um professor deve controlar. A qualidade do desempenho dos atletas possibilita o envolvimento em tarefas de nível de complexidade elevado, facto que é quase impossível acontecer na situação de ensino da Educação Física. O empenhamento, a motivação, entre outras, são variáveis que fazem determinar o tipo de interacção e que de um modo geral são diferentes no Treino Desportivo e no ensino da Educação Física. Por outro lado, possivelmente a mais importante, é a diferença no que respeita às provas que os atletas e os alunos de Educação Física têm de prestar. A avaliação motora e cognitiva pode ser comum, mas a competição formal e institucional associada claramente ao processo de treino é inequivocamente uma característica do Treino Desportivo.

A existência de diferenças entre estes contextos origina a necessidade de estudar os intervenientes no processo de treino, os professores/treinadores e os atletas, independentemente dos resultados da investigação em ensino da Educação Física. Embora, naturalmente, a influência metodológica e paradigmática esteja sempre presente dado os avanços científicos que esta área já obteve.

Assim, temos que a particularidade do processo de formação dos professores/treinadores, a sua diversidade de modelos e de currículos, o conhecimento e a experiência dos treinadores podem influenciar a sua relação com os atletas e conseqüentemente os seus resultados. Como vamos analisar com a conseqüência da nossa reflexão sobre a relação que estabelecem as variáveis com os fatores determinantes na ação do nosso professor de educação física/treinador do desporto escolar.

Por outro lado, (*op.cit.*, 1997) o produto evidente do processo de treino é o resultado desportivo, que pode ter leituras diferentes, na classificação e na aprendizagem. E ainda, o nível dos atletas poderá variar entre o iniciado /atleta de alta competição / profissional, originando estratégias pedagógicas diversificadas. Ou até, os objectivos dos atletas, dos treinadores e dos clubes, por vezes difíceis de interpretar na sua acção e natureza, podem dificultar claramente a sua compreensão e conseqüentemente a aplicação das estratégias de intervenção pedagógica. A complexidade deste fenómeno obriga necessariamente a um grande investimento na pesquisa das diversas variáveis e das suas relações. Este estudo pretende ser mais um parágrafo no aprofundamento do conhecimento em Pedagogia do Desporto.

Assim, propomos uma passagem pela evolução do conceito para ponderarmos com os dados estatísticos a sua real importância para os professores de educação física.

No exemplar bibliográfico, partilhado pelos autores (Tani et al, 2006) referem que a pedagogia do desporto foi galardoada, com as melhores compilações lusófonas, de todos os

autores neles mencionados. E ainda, referem, de seguida, os pontos fundamentais, na evolução desta pedagogia. Assim, podemos introduzir o nosso tema com a sua própria e breve evolução.

O termo pedagogia do desporto foi introduzido no Brasil, através do título da obra (Coelho, 1988) publicada em Portugal e divulgada no Brasil. O seu uso provocou e suscitou alguns constrangimentos entre autores da área do desporto.

Em 1300, na Inglaterra, “disporter” (com a apócope da primeira sílaba) aparece a palavra “sport” utilizada pela primeira vez por (Petiot, 1982 p.v.), e a nível oficial por James I, 1917 na Declaration of Sport.

Em Portugal, a aplicação do termo desporto iniciou-se a partir de 1910 num dicionário de Língua Portuguesa.

Desporto é segundo (Brohm, 1976:45) um sistema de competições físicas generalizadas, universais, aberto a todos por princípio, que se estende, espacialmente ou temporalmente, e cujo objetivo é medir, comparar performances do ser humano concebido como potência perfeitável.

É um sistema cultural que regista o progresso corporal humano objetivo - é o positivismo incondicional do corpo.

Com mais uma publicação de (Bento, 1999), deu-se a ruptura paradigmática da visão da pedagogia do desporto com o modelo germânico, e insiste em conceitos e horizontes, principalmente insistindo na sua cientificidade.

Todos os autores, referem a pedagogia do desporto implicada em todos os setores da vida ativa do indivíduo, conseguindo despreconceitualizar a área da Pedagogia do Desporto.

A formação que está em causa neste trabalho, pretende fundir num todo o saber e a emoção, a razão e a paixão, os desejos pessoais e as obrigações com as competências universais.

A formação desportiva visa articular a sedução de desejos, com o acumular da dignidade - sendo os dois o centro da ética - os dois são também a finalidade do desporto universal. A escola funcionará como um palco para melhorar a prestação dos nossos jovens na sua formação ética e geral melhorando experiências e os momentos desportivos de pura competição. Este ano temos como um exemplo digno, a criança que abraça um adepto da equipa adversária que cedeu o título à Seleção Portuguesa de Futebol de Campeões da Europa de Futebol.

“O desporto é uma atividade antropológica essencial e é nas suas atividades que o homem se revela sem sofismas, em toda a sua plenitude e transparência” (Bento, 2006:26).

O que pretendemos saber com o nosso trabalho, é se realmente, estes atores do treino desportivo escolar também são portadores desta uma e magnífica mensagem desportiva.

O desporto é uma arte performática que nos pode influenciar a base da maior parte da nossa atividade intelectual.

Ele provoca ações, reações, como assinala (Bento, 2006) “ (...) perder é uma forma de aprender. E ganhar - pode ser - uma forma de se esquecer o que se aprendeu”.

O desporto interage unamente refletindo a cultura e postura da sociedade de uma nação.

A função dos pedagogos do desporto é um ofício ininterrupto e incluso de configurar beleza ao movimento e há ação dos atos da humanidade.

Os treinadores cuidam da pessoa de fora para aumentar a medida, a grandeza, a elegância e a expressão da pessoa de dentro, como referem (Tani et al , 2006), o que chamamos de condição humana, um templo de luz e razão implantado em cima da natureza.

O desporto, entre vários sentidos dados pelos autores (*op.cit.*, 2006), é uma oportunidade para instalar no corpo a razão de um espírito. Assim como, a ordem espiritual, rege a exercitação, o treino e a competição.

O desporto vincula-se ao corpo e à alma logo o professor/treinador são educadores do homem todo, por meio da corporalidade, em nome e a mando do seu espírito.

Logo a alma de um povo não pode desligar-se da sua cultura. Estes conceitos bem arrojados não podem dissociar-se da pedagogia do desporto como afirmam (*op.cit.*, 2006).

A pedagogia do desporto desperta como um ponto de vigilância pedagógica para várias áreas direcionadas para o desporto. Como a economia, medicina, filosofia, biomecânica, história, etc...No fundo ela aborda o teor moral da prática desportiva. Sendo também uma área voltada para a reflexão, conhecimento e prescrição didática e metodológica perante a diversidade desportiva.

O clube desportivo, o prolongamento do desporto escolar, também é uma instituição pedagógica que sofre com as correntes desportivas , ora por vezes, positivas, e outrora, negativas. Hoje em dia, deveríamos melhorar a sua versão e renovar porque com a sua derrocada sofrem também os valores sociais, humanos e culturais que se perdem no tempo.

O que é importante frisar, é que o adulto, aposentado e/ou idoso não revê a sua prática desportiva no clube, o que por vezes estas correntes afastam os mais jovens dos clubes em desvalorização porque a prática, advém principalmente, de hábitos e conceitos familiares.

As diretrizes deveriam debruçar-se mais nos seus papéis futuros.

Neste campo, professores/treinadores e a sua formação futura, existe uma complexidade de funções por definir, que poderão conduzir a nossa atuação em termos de futuros estudos.

Na realidade, o treinador não assume o seu grande papel de pedagogo (*op.cit.*, 2006).

Em termos de formação contínua, as funções da pedagogia do desporto são menos preparadas no que se refere, à formação de treinadores sendo necessariamente evidente a implicação desta área na real função do professor/treinador, como poderemos refletir neste estudo.

O treinador do desporto escolar é o meio e o veículo essencial para transmissão e aplicação do conhecimento da pedagogia do desporto.

Esta função de treinador, é cada vez mais, observada e avaliada pela nossa sociedade científica, melhorando e efetivando, a orientação dos profissionais envolvidos, tanto no ensino como no desporto.

Só com a formação objetivada em competências sociais, culturais, pedagógicas e metodológicas é que os treinadores conseguem melhorar a sua intervenção no campo profissional porque a sociedade hoje consegue avaliar a enorme discrepância entre a formação exibida e a competência requerida.

Acima de tudo, convida-se o professor/treinador ao estudo e à reflexão, como revela mais uma vez o notável caso de José Mourinho “ muito estudo aplicado à sua prática revela-se facilmente em sucesso permanente” (Lourenço & Ilharco, 2007).

E assim, todos deviam cuidar e prevenir atentamente a sua atuação, como não se verifica no mundo multimédia atual, como refere (Bento, 2006:51) “Os defeitos que vemos nos outros, são por ventura as virtudes que nos faltam”. Por vezes, as posições mais recatadas remetem nos primordialmente mais ao respeito mútuo.

É emergente a reconfiguração antropológica da pedagogia do desporto, à luz do ideal do humano. Por isso, pedimos aos profissionais mais reflexão e ponderação sobre este fator de estudo.

A pedagogia do desporto assume (Bento, 2006) grandes funções durante o seu percurso definindo para o homem o destino da transcendência e da superação. E porque não existe mais nenhum como terceiro do dilema, a vida ou se orienta para o chão ou se eleva para o alto e para o céu. O desporto provoca a permuta e troca que encerram sentidos opostos de conceitos de educação, do desporto da função comum de professores e treinadores.

Muitos deles esquecem-se das bases como “sou o que é obrigado a ultrapassar-se a si próprio até ao infinito” (Nietzsche, 1974).

Estas perspetivas da pedagogia do desporto (Bento, 2006), renovam o voto de confiança do homem na educação e formação do homem. Esses valores precisam ser traduzidos em novas palavras capazes de afastar a instrumentalização do desporto e acordam as forças éticas.

A pedagogia do desporto define-se, em (op.cit, 2006) como sendo essencial tratá-la convenientemente em português, para ela mostrar a sua renovada imagem na lusofonia perante os seus seguidores, sempre receptiva na alegria de dar e repartir o pão e vinho, que é sim o sentido cultural do seu país.

Formula (op.cit., 2006) uma questão pertinente intimamente ligada ao nosso estudo “ Poderão as virtualidades da formação ser identificadas como conteúdos internos ou como intenções externas ao desporto?”

Perante o seu ciclo de vida, o homem vivencia experiências nas quais necessita a ação/reação que promove o desporto.

Nestas vivências, das quais todos nós fazemos parte, no nosso dia-a-dia devemos refletir profundamente ponderando sobre o objetivo da formação perante aqueles que nos rodeiam desde os mais novos aos mais velhos, hoje em dia, principalmente por motivos de saúde.

Por isso mesmo, fizemos questão de mais uma vez proporcionar a todos nós um momento de reflexão sobre a formação no desporto distribuindo os nossos questionários para futuramente discutirmos e orientarmos a nossa formação para melhorar o alcance e performance de todos os objetivos.

Em primeiro lugar (Tani et al, 2006) revela conceitos básicos inerentes à formação , a teoria da formação de Humboldt reflete uma forte conotação antropológica, esboçados na filosofia iluminista, a formação é entendida com um duplo sentido a formação como processo e como resultado.

Em segundo lugar, a formação é referenciada como a competência para a auto determinação sendo adquirida no confronto direto com o mundo ativo e de mutações constantes.

Em terceiro lugar, temos um conceito proveniente do mundo em que coexistem vários mundos, um deles, é o mundo do próprio desporto que interage constantemente com outros mundos, fazendo face, a novos desafios e exigências.

Em quarto lugar, a formação é considerada um acontecimento dinâmico sempre por concluir. Ela não é um processo que se adquire de uma só vez, é um esforço e resultado de todos os dias e de todos os momentos adequarmos o saber, inovar, criar e adaptar sempre em constante mutação.

O quinto conceito da formação aborda-a como a transformação positiva de elementos da nossa personalidade como a violência e a fúria em determinação e coragem.

O sexto elemento determina que a formação é um processo intrínseco, em cada um de nós existe uma pessoa à espera de ser construída através do trabalho, do suor e da persistência. E cada um de nós é responsável por esse feito.

Em sétimo, Hegel acrescenta outro conceito à formação a liberdade e à vontade - “a mais livre relação de reciprocidade entre eu e o meu mundo” comungando a expressão de Humboldt...”A liberdade como possibilidade de escolher o bom, o melhor, a razão, a justiça, o prazer, a democracia, a cidadania”.

O oitavo conceito aponta para a coerência e competência dos comportamentos...Na formação se funde o teórico e o prático, a ação e a praxis.

A origem da pedagogia do desporto foi na República Federal da Alemanha, quando sucessivamente entrou em declínio a Teoria da Educação Física. Mesmo na Alemanha, este conceito é estruturada e definido, e num âmbito geral, considerado sempre ambivalente a vários conceitos ligados à área do desporto.

A pedagogia do desporto é considerada um campo teórico das ciências do desporto mas raramente utilizada na língua inglesa.

Em 1960, existe a necessidade de um discurso científico e o seu próprio alargamento, e na educação física, existe a discussão acerca do campo de ação da disciplina.

Em 1964, nos Estados Unidos Da América, lançam-se os novos fundamentos de uma disciplina científica para a Educação Física.

Nos anos 70 e 80, realizaram várias propostas para o nome da disciplina, domínio do objeto, metodologias e nomenclaturas.

Nos anos 80, questiona-se a fragmentação do conhecimento e a possibilidade da interdisciplinaridade.

Nas universidades houve alteração do nome das disciplinas, Cinesiologia e Ciências do Desporto, mas mesmo assim seriam necessários mais esforços para unificar com a ciência.

No início do século XX, muitas retóricas e perspetivas ajudaram à desunião no vasto campo desta área.

Em 1975, a educação física entra para as universidades e a alteração faz-se urgente...

Em continuação em Portugal, vingam dois conceitos acima apresentados que separam teorias internacionais.

A evolução do panorama mundial do desporto revelou-se bastante nesta adaptação à cientificação do conceito. Houve um esforço para conseguir provar as diferenças entre a pedagogia do desporto e a Educação Física.

O seu duplo significado reflete por um lado a praxis, o concreto, a prática, e por outro, a educação e a prática pedagógica que se atinge através da ação do jogo. Em relação à pedagogia do desporto, formulava-se uma teoria com sentido de uma ciência. (Meinberg, 1992), designa duas facetas ao conceito, uma significa a praxis pedagógica concreta, no e através do desporto, no qual intervém o professor de educação física, e por vezes, o treinador. Ela é uma disciplina que significa uma ciência que é tratada como uma das numerosas disciplinas do cosmo da ciência. A inter-relação dos dois conceitos na pedagogia do desporto é de uma vital importância para a sua própria definição.

Elas interagem, de tal forma, autodefinindo a pedagogia do desporto.

Sendo a teoria e a praxis entidades distintas existem consequências importantes a nível da formação de professores e treinadores, e todo e qualquer educador motor do próximo século...

A pedagogia do desporto para (Bento, 2006:176) é uma teoria que se debruça sobre uma praxis determinada - praxis lúdico-desportiva, e que se organiza a partir de critérios de natureza pedagógica.

De acordo com a opinião de (Bento, Meinberg, 1991) poderá projetar-se a pedagogia do desporto à luz da ciência mas será necessário características científicas, a considerar e a não esquecer... Como por exemplo, a dependência do período histórico, social, considerando o valor do desporto na sociedade, e outras políticas que o podem condicionar. O apoio de fatores externos as ciências precisam de apoio financeiro, reconhecimento político, reconhecimento público e disponibilidade de meios que proporcionam o desenvolvimento sistemático. Por vezes, o próprio reconhecimento da ciência impede a sua justificação teórica.

É de extrema importância que a pedagogia do desporto para sua evolução seja discutida em todo o tipo de vertentes da sociedade.

O objeto de estudo da ciência é mutável influenciado por o que o rodeia, e também, ele é adaptável aos próprios meios de conceção e expressão. Assim (Tani et al.,1990:188), “cada disciplina só acede ao estatuto de ciência quando constrói o seu objeto próprio, quando delimitado um conjunto de problemas solucionáveis, abandona as questões cuja abordagem se poderia fazer apenas no registo da filosofia, da religião ou da ideologias, se situa a um nível de abstração e generalidade, que lhe permite elucidar regularidades, formular leis, construir modelos interpretativos. A pedagogia do desporto surge emergente, tanto do desporto escolar, como do desporto extraescolar...

Refere que podemos concluir (Tani et al, 2006) que o âmbito do objeto está todo na ação de movimento corporal que se manifesta em termos desportivos e lúdicos com ou contra outras pessoas ativas, dentro e fora de instituições e cujas motivações têm a ver com processos educativos, formativos, desenvolvimento e aprendizagem.

Recordamos também a evolução desta área na perspetiva do desenvolvimento no clube desportivo como instituição pedagógica como nos indica (Bento, 1999).

Em relação à pedagogia do treino, não deixo de frisar a intervenção do Rodrigues J. in Seminário “Treino Desportivo em Jovens atletas”, 19 de novembro de 2012, IPG, Guarda que frisou ser de extrema importância considerar na área da intervenção pedagógica na competição os seguintes parâmetros: a competição como contexto específico de treino, os processos pedagógicos, os processos educativos, a organização e a suas dinâmicas, o planeamento da competição. E assim, fez referência a (Lima, 1999/2000) com a seguinte expressão “ Os atletas têm que ser autónomos e criativos face à multiplicidade de situações que ocorrem em competição.”

Na reunião de preparação para a competição segundo (Lourenço & Ilharco, 2007), o treinador deve transmitir segurança incisiva com diferentes entoações de voz, segundo as necessidades apresentadas. A prestação deve ser clara, verdadeira, redundante centrada num parâmetro

de cada vez, e ainda, consistente, específica e com a devida competência. Deverá ser orientada para valorizar o jogo no sentido lato e atividade lúdica da criança e evitar a especialização precoce que prejudica o atleta principalmente... A comunicação deve ser prescritiva clara e direcionada sendo estas comunicações pré e pós ativas. E sempre que não acha dúvidas, deverá preparar e antecipar, como também cita (Lourenço & Ilharco, 2007), o planeamento do treino...

Uma questão proposta pelo professor acima referido que acho de extrema importância “ Como manter os atletas no desporto? Com uma resposta muito sensata - o equilíbrio que é de extrema importância para os profissionais que orientam a prática ...

Sem deixar de ter presente que a atividade do treinador é multifacetada (Mesquita, 2006), devido às variadas tarefas que lhe são reclamadas, quando nos referimos em particular à condução e orientação do processo de treino enquanto processo de ensino-aprendizagem a sua atuação centraliza-se em três momentos essenciais (antes, durante e após a sessão de treino) os quais, por sua vez, exigem por parte do treinador o cumprimento de três tarefas: Planear (fixação de objetivos e conteúdos do treino), Realizar (Pedagogia do Treino, Gestão de treino e Comunicação com os atletas) e Avaliar (análise e comparação dos resultados de formação e de competição).

Segundo (Mesquita, 2005), planear consiste em delinear antecipadamente aquilo que tem de ser realizado, como deve ser feito e quem é que o deve efectuar. O planeamento deve obviamente ser efetuado com base na análise de situação, ou seja, efetuando-se o diagnóstico. Para que o planeamento seja eficaz, o treinador deverá dar, sequencialmente, cumprimento a três tarefas a primeira será determinar metas; a segunda escolher a metodologia e os meios no processo; a terceira contemplar a possibilidade de ter que efectuar adaptações), e por último, sistematizar do plano (escrever o plano).

O cumprimento destas tarefas passa necessariamente pela identificação dos objetivos que se pretendem alcançar. Eles constituem as metas referenciadas de toda a atividade. A definição dos objetivos deverá realizar de acordo com os seguintes parâmetros as capacidades dos atletas e do escalão etário; análise pormenorizada das estratégias e material; estabelecer objetivos (geral/específico) relacionados às capacidades dos atletas em causa; seleccionar previamente conteúdos de treino de acordo com progressões pedagógicas de aprendizagem, definir meios de controlo/avaliação referenciados aos objetivos estabelecidos e à operacionalização dos conteúdos de treino. O treinador depois planificar deverá definir meios de controlo para os seus objetivos, no sentido de supervisionar/aferir se os atletas estão a maximizar as suas capacidades e se o processo decorre em progressão pedagógica, ou seja, estratégias adequadas de avaliação de parâmetros de treino.

Deste modo, é possível supervisionar se as etapas do plano estão a seguir o rumo desejado e avaliar se as estratégias utilizadas são apropriadas, efetuando ajustamentos, caso seja necessário.

O ambiente do desporto exige três condições essenciais para a prática pedagógica eficaz para atingir as técnicas desportivas, o treinador deve focar-se em três aspetos fundamentais - Conhecimento Técnico; Metodologia de Ensino e redigir um dossier técnico.

E assim, devemos procurar e ansiar, como refere (Tani et al, 2006:69) por uma estátua simbólica que celebre e exalte, a necessidade e o anseio do homem, em estar sempre a procurar, uma forma nova e superior.

O desporto é um ato de formação moral e de moralidade.

A ética profissional assume um papel importante quando é preciso rever o conceito da formação de uma perspetiva pedagógica. Assim, pensamos que está presente na maioria das perguntas que fazem parte do nosso questionário. E ainda, a consideramos estritamente correlacionada com a pedagogia do desporto principalmente quando fazemos a correlação das perguntas do nosso questionário.

Em torno do nosso ponto fulcral, resumimos mais uma vez, com o autor em cima referenciado que o tema da formação, ato de renovar e inovar, a todos nos toca até a história chegar ao fim - “Estamos todos longe de ser saudáveis e temos disso saudade.” (*op.cit.*, 2006).

É urgente a renovação do conceito de formação, imprimindo ao pensamento pedagógico a ampla visão das ciências do desporto, permitindo a fusão de papéis, como é o nosso exemplo, o professor de educação física e do treinador do desporto escolar.

Em primeiro lugar, (Sarmiento, 2006) frisou o trio da dinâmica da prática desportiva para jovens que é a criança - EDUCAÇÃO - o treinador - PRÁTICA - os pais - ÉTICA, o que nesta leva vantagem o treinador do desporto escolar porque está diretamente ligado com os intervenientes, só através desta dinâmica se acredita que principalmente o atleta atinga facilmente as competências que lhe são propostas - “É o jogo permite à criança despertar o seu conhecimento cognitivo” sendo a prática desportiva de diferente contexto do jogo infantil, que de entre estudos, obras e preleções, deixou alguns conselhos para os jovens treinadores.

Em segundo, afirmou com muita persistência, que conhecer a modalidade, entregar o filho, respeitar o treinador, apoiar a prática do filho e conversar em privado com os seus filhos é a base fundamental do treino.

Todas as relações que se estabelecem a nível da prática desportiva favorecem a maturidade da personalidade comprovadas pela cientificação. Para a criança é importante ganhar mas o prazer de jogar é ainda mais importante do que ganhar seguindo um conjunto de regras eticamente corretas saboreando a interação do jogo... Considerando Kant, “Agir de forma que possas querer que se tudo se transforme numa lei universal. No ensino, devemos adequar os objetivos educativos e pedagógicos. Estes, por (Santos, 1982), dois aspetos educativos e pedagógicos têm sido objeto de muita confusão a nível científico. E realmente, temos que diferenciar bem a inteligência da sabedoria.

Os treinadores - e em nossa ponderação mais ainda - o treinador do desporto escolar - deve ser o único responsável de pôr todo o processo em prática.

A prática desportiva é nefasta, para indivíduos que o fígado e o baço, ainda não está devidamente desenvolvido. Assim, a prática deve ser direcionada para crianças maiores de 12 anos, aí sim o seu corpo fisiológico estará pronto para o necessário esforço físico para atingir objetivos para competir.

O treinador tem que definir objetivo tanto no processo informativo, considerando sempre possíveis dificuldades, como no formativo, para ir de acordo com a educação do atleta. As correções do objetivo deverão ser realizadas de forma consistente, tanto de um processo como de outro, considerando-se em primeiro lugar a escola como um veículo de virtudes, extraíndo por completo comportamentos e atitudes inadequadas ao contexto desportivo em todas as suas vertentes de atuação...

A aprendizagem técnica constitui um dos aspetos fundamentais ao longo de toda a etapa de formação do jovem atleta, constituindo mesmo um aspeto determinante ao longo de toda a sua carreira desportiva pois é sobre a aquisição das técnicas elementares e dos respetivos hábitos motores que ficarão registados para o futuro.

A aprendizagem das técnicas é fundamental na infância e na puberdade, geralmente entre os 8/9 anos e os 13/14 anos, período em que a capacidade de assimilar novos hábitos motores é consideravelmente muito elevada.

Assim, significa que o ensino das técnicas elementares deve constituir preocupação mais importante do treinador quando trabalha com crianças e jovens.

É importante, o treinador saber que os jovens praticantes são perturbados na sua aprendizagem, e podem inclusive ganhar aversão à prática desportiva, principalmente quando confrontados com os fatos apresentados pela autora já referida (op.cit., 2005), pressões exageradas e constantes, gerando níveis de ansiedade; Frustração com metas irrealistas definidas pelos jovens, pelas famílias, por vezes até pelo treinador; desencorajamento por estilo inadequado de liderança (rudeza, intolerância, insensibilidade); Treinos e metodologias desenquadradas da realidade (insegurança); Competições com níveis de exigência superior ao nível técnico...

A aprendizagem das técnicas exige que as crianças e jovens sejam ensinados, treinem e competem num ambiente sereno, acolhedor e descontraído, devendo o treinador proporcionar orientação, apoio emocional e motivação/encorajamento aos seus atletas porque a aprendizagem de uma técnica não se traduz normalmente no seu domínio imediato. No desporto escolar, o enquadramento da competição ao escalão de formação será dos mais importantes.

A aprendizagem das técnicas está intimamente ligada ao próprio desenvolvimento físico dos jovens, principalmente no que diz respeito aos níveis de força e de coordenação motora.

Muitas vezes, é muito importante frisar, que os jovens não conseguem executar uma técnica, não porque não a entendam, mas porque ainda não estão preparados fisicamente para a executar corretamente, de acordo com o seu desenvolvimento fisiológico. Neste âmbito, é também bastante importante que o treinador revele um leque vasto de conhecimentos, Psicologia do Desenvolvimento, Anatomia e Fisiologia, que se irá refletir sobre a sua atuação.

Uma condição fundamental para que o treinador consiga criar um ambiente facilitador na aprendizagem das técnicas, é não valorizar excessivamente a participação em competições e os resultados dessas competições.

Por vezes, deverá ter-se uma atenção redobrada porque nesta faixa etária existem muitas ruturas na aprendizagem porque é quando a criança tem outros desenvolvimentos a nível morfológico.

Então, será de extrema importância estas considerações, para os treinadores responsáveis por jovens atletas porque no contexto infantil e juvenil, o que resulta na realidade, é a forma como pensam e atuam os seus responsáveis que vão de encontro à nossa reflexão...

“Não se deixem levar por motivos que não estão minimamente ligados ao desporto...” (Sarmiento, 2012).

Portanto, a prática desportiva de jovens não atende às necessidades das crianças e jovens principalmente em desportos coletivos que se denominam de serem os mais atualizados.

A formação dada aos jovens, inverte e interpreta incorretamente os valores que deveriam seguir, ou seja, os comportamentos são contrários à formação humana. Estas más atitudes e comportamentos advêm principalmente dos seus responsáveis que não pretendem encontrar o equilíbrio principalmente biológico e humano nos seus atletas.

Em ambientes escolares, o desporto deve ser devidamente orientado de forma a educar mais desportivamente os alunos neste conceito e em práticas da filosofia e pedagogia desportiva. Mas enquadro-vos na Declaração Universal dos Direitos do Homem. ONU, 10 de Dezembro de 1948 - Artigo 1.º - Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. E ainda, dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade. São diversos os documentos e normas internacionais (Ex: Carta Olímpica; a Carta Internacional da Educação Física e do Desporto; o Código de Ética Desportiva) que nos falam da importância da ética no desporto - um dos itens mais importantes da parte pedagógica. Apesar das muitas iniciativas políticas e recomendações desportivas internacionais a sublinhar o papel da ética no desporto, ainda se encontram muitas resistências á sua concretização podendo criar uma entidade que vigiasse os comportamentos éticos nos recintos desportivos pois o ser humano tem muita dificuldade em interiorizar muitos dos sentimentos provenientes da prática desportiva.

O treinador deve intervir, não só, na formação de valores, mas também, na transformação de valores. Mostrar os caminhos que esse cidadão pode seguir, de modo, a ser um transformador

da sua comunidade. Então os valores são muito importantes, porque sem isso não se é um cidadão perfeito... “Só assim um atleta pode caminhar para a excelência no jogo” (Oncken, 2011) citado por (Pereira, 2012).

O apelo vai no sentido, em que o desporto, não pode abrir mão de alguns dos valores que civilizacionalmente o moldaram e que o apresentam como uma expressão de cultura com valor formativo (Constantino, 2006). Considerando o item da ética desportiva, estritamente ligado a todos os fatores que estudamos no desporto, emergindo urgentemente de todo o conjunto completo de todos os objetivos atingidos como o mais prioritário. Na escola, com o nosso professor/treinador do desporto escolar, deverá destacar-se na mesma linha de pensamento sendo a escola o foco da pedagogia.

E como conseguirá o professor/treinador do desporto escolar transmitir-lhe esses valores perante a competição dos nossos tempos? Isso, podemos dizer, que é o estado mais sublime dos exemplos que dão os treinadores do desporto escolar...

Se os adolescentes não tiverem como modelos os adultos (treinadores, professores, pais) então irão identificar-se com os modelos propostos por outros agentes da nossa sociedade da comunicação em que facilmente a criança ou o jovem arranjam modelos de poucos exemplos.

É importante que os jovens se envolvam em atividades que promovam o aumento da aptidão cardiorrespiratória. Independentemente do dispêndio energético total, atividades moderadas a vigorosas podem induzir adaptações fisiológicas e morfológicas benéficas para a saúde que previnam a síndrome metabólica, reconhecida pela sua importância no âmbito da saúde cardiovascular de jovens e adultos. A atividade de natureza intensa tem um contributo adicional no aumento da massa óssea, promovendo assim a prevenção da osteoporose. O exercício físico regular contribui, consideravelmente, para reduzir as despesas de saúde a longo prazo.

Independentemente da importância do desporto em geral e do desporto escolar em particular, nem sempre o desporto escolar foi encarado da mesma forma.

O desporto escolar, apresenta grande relevância no processo educativo dos jovens, evidenciada pela inclusão da sua prática e pelo elevado poder de socialização que a caracteriza, através de novas experiências, prática e realidades (Teixeira, 2007). Não obstante, o reconhecimento da importância do desporto escolar por parte dos intervenientes mais diretos, nomeadamente professores e alunos, as estratégias e políticas desenvolvidas ao longo dos tempos têm sido caracterizadas por falta de coerência e constância, tendo o desporto escolar servido de instrumento de afirmação política dos sucessivos governos e estruturas ministeriais. Desde 2009 que, por iniciativa do governo, esta entidade que é responsável pelos modelos que forma e que certifica, iniciou a implementação de um programa nacional de formação de treinadores (PNFT) transversal a todas as federações, reconhecendo-se também que a formação contínua de treinadores tem um papel crucial na valorização da profissão com a implementação do PNFT foram certificados os cursos

promovidos pelas Federações Desportivas até então, foi reconhecida a profissão de treinador e criada uma “cédula profissional” com o nome de cédula de treinador de desporto (CTD). O exercício da atividade de treinador está então limitado aos possuidores de CTD, quer para a condução do treino e a orientação competitiva de praticantes desportivos, quer para qualquer atividade física ou desportiva. Os novos cursos estão estruturados em módulos, que podem ser concluídos separadamente num ou mais cursos de treinadores. Os módulos de formação geral foram estruturados pelo Instituto do Português da Juventude, enquanto que os módulos específicos foram estruturados pelas federações.

A qualidade da prática desportiva em geral e de cada modalidade em particular depende, em larga escala, da competência dos treinadores, relação esta que assume uma importância acrescida, pelas suas particularidades, no desporto juvenil.

A qualificação dos técnicos desportivos obtém-se, seguramente, pela formação curricular mas também, e de modo não menos relevante, pela formação contínua onde a autoformação desempenha um papel determinante. Todavia a eficácia da autoformação não dispensa, e não exageramos se dissermos que exige, da parte dos treinadores, um comportamento reflexivo ou seja o hábito de avaliarem, regularmente, o seu próprio desempenho nas diferentes dimensões da formação e preparação desportivas. Traduz-se, em síntese, na prática de se questionarem, de colocarem a si próprio perguntas estruturadas incidindo no vasto repertório de tarefas que lhes cabe realizar, mobilizados pelo objetivo de perseguirem um progressivo e ininterrupto aperfeiçoamento das suas competências (Olimpio, 2014).

Infelizmente constatamos que um dos aspetos que mais preocupa os treinadores do desporto escolar (Sousa, 2015) é a articulação com os outros professores e com os clubes. Em todos os agrupamentos é um fator inibidor para o bom funcionamento dos clubes do desporto escolar. Apesar de em muitos agrupamentos ser afixado um quadro, na sala de professores, com toda a calendarização das concentrações do desporto escolar ainda continuam a ser marcados testes em datas de concentrações o que dificulta o funcionamento pois os pais ficam sempre com algum receio que o seu educando não cumpra o plano curricular. Manifestamente em desvantagem, foram os resultados relativos aos horários. Os horários dos alunos e dos professores não estão de acordo com os horários do desporto escolar. Regista-se, consoante os resultados obtidos por (*op.cit*, 2015) que o desporto escolar ainda tem um longo percurso a percorrer até chegar devidamente á realidade. Nesta organização reflete que está a perder muitas capacidades que os alunos revelam não os agrupando conveniente até mesmo para a continuação do desporto federado. No que respeita à sua organização, verifica-se que é pouco funcional por ser semelhante ao modelo do desporto federado, isto é, o desporto escolar não responde às necessidades dos alunos menos habilitados e daqueles que apenas pretendem participar numa atividade orientada e regular. Contudo, o desporto deve estar empregue na escola, como afirmam os entrevistados, pois é na escola que são criadas oportunidades de ações orientadas e organizadas.

Assim, com (*op.cit*, 2015) poderemos considerar que o desporto escolar é muito importante no desenvolvimento das crianças e jovens pelo que o investimento deve continuar, levantando-se questões que urgem reflexão, em função da configuração das próprias escolas, resultando num conjunto de estratégias que o possam desenvolver. E considerando tanto os tipos de orgânicas como de dinâmicas para acentuar a participação em massa dos principais intervenientes os alunos. E ainda frisamos, um autor com bastante referência (Bento, J., 2004:54-55) «Ora o desporto é pedagógico e educativo quando proporciona oportunidades para colocar obstáculos, desafios e exigências, para se experimentar, observando regras e lidando corretamente com os outros (...) quando cada um rende o mais que pode sem sentir que isso é uma obrigação imposta pelo exterior. (...) É educativo quando não invoca as vaidades vãs, mas funde uma moral do esforço e do suor, quando socializa crianças e jovens num modelo de pensamento e de vida (...) assente no empenhamento e disponibilidade pessoais, o desporto funciona como um pólo que realça os valores da cidadania e do trabalho de equipa ao mesmo tempo que combate frontalmente fenómenos destrutivos que caracterizam a nossa sociedade. Tais como a droga, a violência e a criminalidade. Sobretudo ensina e comprova que todos podem fazer alguma coisa por si próprios».

Hoje em dia, como confirmam constantemente os vastos meios de comunicação, o desporto é abordado em diversas perspetivas Sociológica, Desporto a Alto Nível, Valorização dos Media, Criação do desporto-espetáculo, e por isso, justifica a adesão dos alunos pelo desporto nas escolas.

Perante esta descrição do desporto escolar, conseguimos perceber que o nosso treinador confronta-se com o estudo permanente da pedagogia do treino desportivo. Na parte metodológica, vamos confrontar a pedagogia do treino com outros fatores significativos na área do treino desportivo, analisando a preferência dos professores de educação física ao atribuírem o seu grau de exigência, no decorrer do seu processo de intervenção...

O nosso Ex. mo Sr. Secretário de Estado do Desporto e Juventude (Guerreiro, 2014), surpreende-nos com a sua nota introdutória da qual resumo parte da sua reflexão «O desporto adquiriu uma dimensão planetária incomensurável. Com este gigantismo cresceram problemas que atentam contra a integridade deste fenómeno: a corrupção, agora com uma nova dimensão - o match fixing/jogos combinados - a falta de transparência, a violência e as manifestações associadas de xenofobia, intolerância ou racismo, o consumo de drogas, quer o doping na competição desportiva quer a sua utilização no desporto de recreação, bem como no desporto para pessoas deficientes, que apresenta, agora, um aumento preocupante, mas também outras manifestações discriminatórias e até o bullying.

O desporto implica um diálogo estruturado intersectorial, intergovernamental, intergeracional de uma transversalidade e multidisciplinaridade que o transformam num dos mais prestimosos recursos sociais, educativos e profilático.

A conformação entre o desporto e os valores e princípios éticos associados ao desporto, designadamente os que resultam no espírito desportivo, é elemento determinante e o denominador que deve ser comum a todas as realizações do universo desportivo.»

Revemos com este autor, a dupla responsabilidade que temos em representar esta disciplina, o que nos incute, responsabilidades a dobrar no campo da ética profissional, representando comumente o papel de professor de educação física e treinador do desporto escolar. Este professor terá que revelar a capacidade de manifestar um comportamento ético excelente.

Com o nosso estudo, consideramos este campo da ética profissional, muito bem representado, no fator que representa este capítulo - a Pedagogia do Treino.

2.3. GESTÃO PSICOLÓGICA

Neste trabalho propomos conseguir detetar perante os professores de educação física, as suas necessidades no papel de treinadores, continuando assim a propor novos caminhos para o sucesso do treino desportivo atendendo à perceção das necessidades pelos responsáveis das nossas crianças, principalmente no desporto escolar, gerir as famílias é hoje em dia, uma das tarefas mais duras que se propõe ao nosso professor/treinador.

Neste capítulo referimos (Mesquita, 2005) sentenciando como o treino é um processo ensino/aprendizagem - um conjunto de situações técnico-pedagógicas - proporcionando ao atleta um conjunto de situações que o levam a superar variadas e diversas situações novas. Neste processo pressupõe-se uma interação entre o treinador, o atleta e os conteúdos específicos da modalidade em questão, onde estes devem estar sempre adequados ao desenvolvimento psico-anatomo-fisiológico dos escalões etários em questão aumentando sempre os níveis de auto estima e responsabilidade individual... Podemos analisar ainda a envolvimento da criança como parte integrante da família, dependerá dela psicologicamente, para conseguir atingir objetivos a todos os níveis... Assim, o treinador do desporto escolar tem que prever como poderá chamar as famílias a participar positivamente neste âmbito.

Quanto à gestão psicológica no desporto, de acordo com a revisão literária, apercebemo-nos da vasta abrangência e desenvolvimento que tem esta área nos dias de hoje...Por isso, analisamos os vários setores que este domínio pode influenciar no processo de treino entrando no domínio da psicopedagogia do desporto com este nosso tema. Até mesmo, hoje perante estudos científicos podemos analisar os entraves que são colocados aos jovens para não participarem no desporto escolar.

Ao dominar esta área existe um plano de atuação que fará com que os objetivos sejam mais facilmente atingidos. Por isso, o nosso profissional deverá documentar-se o suficiente

fazendo-se valer principalmente do conhecimento, partilha e articulação de experiências para se fazer sobressair principalmente na eficácia das dinâmicas de grupo, tanto para com os jovens como para com os adultos...

No âmbito da liderança, o psicólogo do desporto pode assessorar e ajudar os treinadores e dirigentes a realizar uma análise das situações de modo a que tenham outra visão dos problemas e tomem decisões eficazes partilhando também ações de *coaching* psicológicos específicos da sua área.

No que respeita ao desporto, quer seja na escola ou no clube, haverá sempre por trás, uma grande orientação dos pais para a vertente desporto será de uma extrema importância porque será sempre um princípio básico de vida que virá com a educação do aluno do seu meio familiar principalmente na sua intervenção participativa no seio da nossa sociedade. Os participantes normalmente são descendentes de famílias ativas e participativas na sociedade não importa em que área se revelem mais.

A maioria dos pais, que pretende o ingresso da criança na área desportiva, primeiramente com objetivos de ordem de saúde e lazer, em termos de médio e longo prazo, vai incentivar sempre os seus filhos à prática desportiva direcionada para o treino desportivo nomeadamente da escola para o clube. Nos tempos de hoje em dia, confiamos essa articulação de competência ao treinador do desporto escolar, que conseguindo ter formação vasta, tanto na parte pedagógica como federativa, conseguirá exercer a função de moderador / *coache* / líder nos jovens da atualidade.

A primeira expressão o desporto na escola compreendendo parâmetros da ordem da saúde física, mental e lúdica e o desporto de rendimento, de treino com o objetivo de atingir a máxima performance e altos níveis de rendimento.

Ambas as definições, assentam em princípios básicos pedagógicos mas na formação base dos nossos professores é esta base que os difere uns dos outros - os professores na escola têm sempre mais formação pedagógica do que os dirigentes formados nos clubes desportivos como lembramos as palavras do autor (Bento, 2004). E assim, como os dirigentes desportivos têm mais formação técnica e tática e metodologias de treino desportivo. Por isso, o interesse desta nossa investigação em estudar os itens que diferenciam o treinador do desporto escolar do próximo século apostando também nesta área pedagógica que pode emergir do ponto de vista dos professores de educação física, e até mesmo uma bonita fusão da competição na escola. Se a escola no seu papel reúne uma boa interação com os pais será meio caminho andado para o nosso treinador do desporto escolar merecendo assim um ponto de vantagem perante o usual treinador, que por vezes, não se dedica tanto a este triângulo desportivo menosprezando relações tipo, que por vezes, levam ao abandono do treino desportivo - o treinador do desporto escolar poderá levar muitos pontos de avanço, ao estabelecer esta relação mais estreita com os encarregados de educação.

Este autor faz uma referência bastante importante ao triângulo desportivo sendo os vértices os seus intervenientes principais. Os pais, o atleta, o treinador, a sua interação e equilíbrio revela-se ainda de maior interesse para atingir as melhores competências desportivas. Desta base triangular, é que vai emergir o perfil do nosso treinador tendo como preocupação fundamental os vários atores do desporto.

E do nosso estudo principalmente, surgirá a nova perspectiva sobre o papel de treinador do desporto escolar estabelecendo fortes relação, na escola, o aluno, os pais e o professor de educação física.

O professor de educação física atento à evolução dos pais, continuando a sua formação, irá de encontro aos objectivos dos encarregados de educação. Os pais notam as diferenças, e por vezes, só deixam os filhos participar na escola se for com a presença de um professor. Hoje em dia, já só mesmo com um professor especializado na área desportiva em questão. Aí se reflete, a menor participação das camadas jovens, nas atividades uma fração importante da população ativa que de um momento para outro, se tornou sedentária promovendo a falta de saúde nesta faixa etária.

Nos primeiros anos de vida à custa dos mídia, computadores e vídeo-jogos, retirando outras características individuais de certas regiões como o clima, que por vezes, não incentiva à prática da maior parte das atividades desportivas.

Os pais que encaminham os jovens para o desporto sabem que de certo modo vão de encontro com a natureza humana para atingir principalmente o equilíbrio físico, mental e pessoal.

Só assim será realizado o processo de ensino-aprendizagem com o sucesso completo porque, por vezes, existem atletas com desequilíbrios emocionais e comportamentais provenientes das relações que estabelecem com os pais, na sociedade actual em que se assiste à desestruturação familiar perante as condições de trabalho. Colocando em consideração que muitos sucessos desportivos não dependeram do reforço familiar mas sim do mundo associativo em que determinada individualidade estava inserida. Na sociedade actual, existem contextos sociais que promovem muito mais o sucesso desportivo que outros...

No fundo, procuramos no processo de treino desportivo momentos que são únicos, autênticos, de uma interação intelectual, pura satisfação e prazer.

Estes autores (Salmela e Moraes, 2003) descreveram o papel específico do futebol na cultura brasileira e os papéis que, tanto o treinador quanto os pais, representam nesse desporto ao longo dos estágios de desenvolvimento de suas carreiras. Os autores verificaram também os estágios de desenvolvimento dos atletas de diferentes desportos da classe média, verificando que havia semelhanças em relação aos modelos de desenvolvimento na América do Norte e Europa (Bloom, 1985). Em contraste, as características de desenvolvimento de atletas no

futebol brasileiro diferem das dos modelos americanos e europeus, pelo fato desse desporto envolver uma grande massa de participantes oriundos de diferentes classes sociais.

No contexto desportivo, a instrução parental tem sido relacionada com modelo de suporte informacional, definido pela instrução, orientação e aconselhamento que os pais providenciam, acerca de possíveis soluções para situações problemáticas que os filhos têm durante a sua prática desportiva (Côté & Hay, 2002).

No contexto académico, este refere-se ao suporte afetivo explícito para a criança se envolver nas atividades de aprendizagem promovidas pela escola (Hoover-Dempsey & Sandler, 2005). A investigação acerca dos processos de influência parental no desporto, sugere que os comportamentos de suporte e encorajamento dos pais estão relacionados com menor experiência de stress por parte da criança, bem como são fatores protetores do abandono desportivo (Hoyle & Leff, 1997). Acrescente-se que as crianças que acreditam que os pais e treinadores estão satisfeitos com o seu rendimento, e que percebem um envolvimento baseado no suporte e encorajamento, reportam maiores níveis de divertimento na prática desportiva (Leff & Hoyle, 1995).

Especificamente, os pais poderão influenciar a criança em determinados atributos que são responsáveis pelo sucesso em contextos de realização: auto-eficácia, motivação intrínseca, estratégias de auto-regulação e auto-eficácia relacional com os responsáveis educativos (Hoover-Dempsey & Sandler, 2005).

A proposta deste nível do modelo deve-se aos resultados da investigação em contexto académico que demonstraram que a percepção do envolvimento parental influencia os resultados da aprendizagem da criança, já que tanto os pais, como a criança, parecem perceber e compreender da mesma forma o contexto onde estão inseridos (e.g., Grolnick, Ryan & Deci, 1991).

Concretamente ao estudo dos processos de influência parental, verificamos que (1) as percepções da criança relativamente à sua competência desportiva se correlacionam com as percepções dos pais (e.g., Eccles & Harold, 1991), que (2) as orientações dos objetivos de realização dos pais eram similares às dos filhos (Bergin & Habusta, 2004; Ebbek & Becker, 1994; Kimiecik, Horn, & Shurin, 1996; Waldron & Krane, 2005; White, 1998), que (3) as avaliações realizadas pelos pais sobre o rendimento desportivo do filho estão significativamente relacionadas com as auto-avaliações da criança acerca do seu rendimento (Amorose, 2003; Bois, Sarrazin, Brustad, Chanal, & Trouilloud, 2005), e que (4) as percepções diferenciadas por parte da criança de pressão parental (i.e., criticismo, diferenças entre expectativas de rendimento) e suporte parental (i.e., encorajamento e reforço para favorecer o divertimento e prazer na prática desportiva) estão relacionados com a diferenciação das respostas afetivas da criança, quanto a maior ansiedade, menor divertimento, baixa auto-estima e abandono precoce no caso de pressão parental, e mais divertimento e entusiasmo promovidas pelo suporte parental (e.g., Gould, Tuffey, Udry, & Loehr, 1996; Hellstedt, 1990;

Hoyle & Leff, 1997; Leff & Hoyle, 1995; Ommundsen, Roberts, Lemyre, & Miller, 2006; Power & Woolger, 1994).

Contrariamente aquilo que a investigação no contexto académico tinha vindo a fazer, a qual se focava na influência parental nos resultados escolares da criança, os autores do modelo original do envolvimento parental (Hoover-Dempsey & Sandler, 2005) sugerem que o envolvimento parental tem mais influência direta nos atributos que levam a criança à realização académica do que nos resultados alcançados.

Da mesma forma que o comportamento do treinador deverá ter um efeito modelador na auto-eficácia coletiva de uma equipa, e que uma postura positiva poderá persuadir os atletas a alcançarem os objetivos (Feltz & Lirgg, 2001), os pais poderão ter um efeito similar, ao providenciarem confiança nas competências da criança através de um estilo positivo de comunicação e na cooperação com o treinador, modelando o comportamento do praticante relativamente à relação com o seu treinador.

Relativamente ao modelo do envolvimento parental no desporto, a avaliação deste modelo, não se apoiará nos resultados desportivos, mas sim, na perceção de sucesso, por parte da criança, na prática desportiva.

Nos dias de hoje cita (Cruz, 2014), focamos com o devido prestígio de ser descendente de famílias portuguesas a atleta de alta competição Michelle de Brito, nomeadamente uma referência já no Ténis Mundial pois acabou de cometer um dos seus maiores sonhos, ganhar a Shaparova na 2ª Ronda do Torneio de Wimbledon, e como fez questão de referenciar publicamente, para registar mais uma vez, como é difícil a ascensão ao seu percurso desportivo e ranking de vitórias, como todos temos a perceção como é difícil entrar no mundo do Ténis, e frisar como foi importante quem a acompanhou nesse caminho frisamos uma reflexão de (Brito, 2013) que fica com ênfase registado para muitos pais que decidam acompanhar os seus filhos: “A tenista portuguesa, radicada na Florida, afirmou ter estado a “trabalhar no duro”, ter estado a dar “120” por cento nos treinos, afirmando que o seu pai, António, a tem incentivado muito. Quando eu tinha 16 anos, estava no top -100 e todos começaram a comparar-me com a Martina Higgins, esperando que ganhasse um torneio do Grand Slam com aquela idade. Mas isso nunca acontece, ganhar Grand Slams com aquela idade. O Ténis está tão competitivo e tão forte que é “muito duro conseguir manter-me dentro” sublinhou. Michelle de Brito não dispensou elogios a seu pai, afirmando que a “ajudou imenso” afirmando que é muito fácil perder a motivação. Eu não sou daquelas jogadoras que começa a arranjar desculpas, como a doença ou as lesões não é o caso. Eu só não estava a jogar bem. Não tinha motivação. Não vou mentir “estava a ficar um bocadinho fora do radar” admitiu. A tenista admitiu que teve a sorte de ter os seus pais próximos de si, a darem-lhe apoio e a incentivarem-na, até porque “era muito duro” enfrentar uma determinada fase da carreira. “É justamente por isso que esta vitória ainda é mais saborosa e fico feliz por estar aqui” salientou referida em (*op.cit*, 2014).

A atleta - Simone Arianne Biles (nascida a 14 de março de 1997) é uma ginasta de Ginástica Artística norte-americana - Campeã Olímpica Individual/Geral, Salto e Solo - medalhista de ouro. Ela fazia parte da equipa vencedora da medalha de ouro apelidada de "Final Five", nos Jogos Olímpicos do ano corrente 2016, no Rio de Janeiro. A atleta deu uma reportagem internacional em que refere «The best part, her parents were by her syde, and still are, every step of the way.»...

Realçamos com estes exemplos, a importância do relacionamento com os pais dos atletas, pois é fundamental que eles estejam completamente a par de toda a atividade dos seus filhos, sendo muito importante que a compreendam, que a aceitem e que a incentivem. Os pais devem ser sempre um precioso aliado do treinador na formação dos jovens, e nunca um elemento prejudicial, ou por falta de interesse, ou por uma intervenção abusiva em áreas específicas do treinador.

O treinador deverá estabelecer um relacionamento estrito com os pais dos jovens fundamentalmente, no que diz respeito, a estabelecer uma relação social contribuindo para o esclarecimento dos pais sobre os objetivos e o alcance formativo (natureza e os aspetos específicos) do desporto. Ele deve manifestar compreensão para a preocupação dos pais propondo momentos de reflexão sobre a prática desportiva da criança/jovens...Poderá ainda, explorar campos de ação como refere (Mesquita, 2005), por exemplo, escrever uma carta aos pais; uma reunião de apresentação; organizar uma sessão prática/demonstração; sugerir constituição de um grupo de apoio; programar reuniões periódicas, entre outras que o contexto envolvente o assim posso sugerir...

Resumindo, o professor/treinador deverá ter um papel muito atento e estudioso em relação aos pais porque é da família que parte a base psicológica e emocional que intercede como suporte fundamental à vida desportiva da criança. Assim, os treinadores do desporto escolar devem atuar com muito saber para conseguir encaminhar não só o atleta mas também a sua família para nos propormos atingir níveis ótimos de rendimento desportivo. E a nossa proposta para análise de um treinador atento, aos tempos de hoje em dia, vai para os autores citados desde (Bento, 2004; Sarmiento, 2012; Brustad, 1992; Smoll, 2001) e o (Modelo Parental de Hoover-Dempsey e Sandler, 2005). Neste âmbito, os investigadores, notam que existem várias características e pertinências que interagem nesta gestão psicológica, e cada autor exprime, da melhor forma, como interpreta e interliga essa gestão, que pode de um momento para o outro, interferir com objetivos do treino. No fundo, se conseguimos controlar e gerir a parte psicológica será basicamente prevenir o insucesso. Renovando, o nosso dia a dia, com o treino desportivo sustentado para o sucesso.

Até atingir o sucesso, um caminho árduo de paciência terá o nosso treinador de percorrer quase um jogo de paciência e/ou um autêntico quebra-cabeças. Os comportamentos do treinador, como refere (Felton, L. et Jowett, S., 2013), são fatores que afetam o atleta. Ele precisa de satisfação e bem-estar psicológico o que têm sido extensivamente pesquisada. No entanto, dentro desta linha de investigação, pesquisa raramente tem centrado a sua atenção

sobre os efeitos da relação treinador-atleta de forma independente e em conjunto com os comportamentos do treinador. A qualidade das relação com os atletas é tomada com bastante atenção por treinadores de extrema relevância. Estes comportamentos são determinantes na satisfação das necessidades dos atletas, e finalmente, no seu próprio bem-estar. Os estudos realizados deste conhecimento prévio e compreensão sobre o tema, revelam que o que tem prática significância - os treinadores sublinham como papel central - o jogar com o que fazem e como eles se relacionam na satisfação das necessidades psicológicas de seus atletas e como promovem o seu bem-estar.

Ao destacarmos este fator da Gestão Psicológica, propomos os pais como intervenientes principais para o sucesso emocional dos filhos no desporto através do Modelo Parental no Desporto adaptado por Hoover-Dempsey e Sandler (2005), ordens e relações psicológicas complexas entre os intervenientes que estão em permanente estudo atualmente, que os pais subestimam o seu papel, e por vezes, não têm noção real do mesmo, no âmbito desportivo, para acompanhar os filhos, descartando-se, na sociedade atual, do papel de pais. Ainda em relação aos mesmos, nota-se que quanto mais elevadas as habilitações e idades são mais os indivíduos que dão mais importância e consideração dão às qualidades do treinador, ou seja, a maior parte dos atores não reflete sobre o valor da predominância desta competência no treinador somente as pessoas com maior experiência de vida que constatarem que a base psicológica e emocional tem uma relação estrita com a nossa capacidade de aprender. Não me esquecendo de referir, os autores que partilham da mesma opinião que os nossos pais com idade mais avançada neste nosso estudo (Mesquita, 2005; Sarmiento, 2012; Salmela e Moraes, 2003; Bento, 2004).

Na parte estatística, realçaremos o valor real dado pelos professores de educação física a esta área dominante que a literatura apresentada considera pertinente.

"Os jogadores... necessidade de desfrutar de companhia um do outro; assim desistem de um monte de atividade social... Ela torna-os mais chegados e a camaradagem é importante."
"Graham Henry (Donaldson, 2005, B4)

Com esta citação consegui perceber o papel dos treinadores na minha carreira ...Parabéns

3. MATERIAL E MÉTODOS

Para desenvolver um trabalho de investigação necessitamos de ter presente um método, ou seja, um caminho a percorrer para obtenção, classificação, análise e interpretação dos dados. Neste sentido propomos o problema, analisar a viabilidade e a relação que poderá estabelecer com as diferentes diretrizes fazendo a respetiva análise estatística para evidenciar a relação que se procura estabelecer com os objetivos e hipóteses e revisão literária apresentada.

3.1. CARATERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Foram inquiridos 117 professores/treinadores cujas características se resumem, no que diz respeito, às habilitações, a maioria (64,6%) tem licenciatura mas já há uma percentagem considerável (35,4%) de treinadores com mestrado. A grande parte dos treinadores que respondeu (76,9%) é do género masculino.

O desporto mais frequente é futsal (29,1%), voleibol (17,1%), a seguir, com um valor bastante inferior aparecem o badminton (6,8%), basquetebol (6,8%) e futebol (6,8%). Apenas (40,2%) tem curso da modalidade que treina e 28 treinadores participaram em congressos, convenções, workshops, conferências e formações creditadas. Quase metade (44,7%) dos treinadores que têm curso de treinador, têm curso de Nível/Grau 1 e apenas um tem curso de Nível/Grau 4.

Um terço (33,3%) dos treinadores inquiridos desempenha cargos no desporto federado e 30,8% dos que desempenham cargos fazem-no como treinador e dirigente.

Cerca de um quinto dos treinadores inquiridos (19,8%) fez a formação profissional no Instituto Politécnico da Guarda, seguem-se 12,9% dos treinadores com a formação profissional feita na Universidade do Porto.

No que diz respeito a considerações, dado não ser significativa a amostra dos treinadores com formação de Árbitro/Juiz (3) excluimos essa opção da amostra.

3.2. INSTRUMENTO

A recolha de dados foi efetuada através de um questionário (Francisco, C.M., 2011) “Perceções sobre qualidades de um Bom Treinador” (cf. anexo I), constituído por uma primeira parte por dados sociodemográficos de onde fazem parte as seguintes questões: idade, sexo, habilitações literárias, se já treinou alguma equipa e se sim por quantos anos, se tem cursos de treinador, e em acaso afirmativo qual ou quais, se desempenha cargos no desporto federado e em caso afirmativo quais os cargos.

Além do questionário estar devidamente validado, foi introduzido e concretizado em formato eletrónico e informatizado, e com o parecer do orientador, enviado aos contactos pessoais dos treinadores do desporto escolar do distrito da Guarda pedindo a sua colaboração ponderada e reflexiva sobre o processo.

Os questionários foram respondidos atempadamente tendo sido realizado somente 5 pedidos formais para concretizarem o seu correto preenchimento.

Numa segunda parte, constituída por 20 itens, sobre quais devem ser as qualidades de um treinador. A escala utilizada foi a de Likert (Likert, 1961) onde: 1 - Discordo Totalmente; 2 - Discordo; 3 - Indiferente; 4 - Concordo; 5 - Concordo Totalmente.

3.3. ANÁLISE ESTATÍSTICA

Após a recolha dos dados, introduziram-se os mesmos no programa Microsoft Office Excel 2010 (Microsoft Office Professional Plus 2010), passando de seguida os dados para o programa estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences - IBM SPSS Statistics, v.22, Somers, NY, USA) onde se efetuaram as análises estatísticas.

Na análise dos resultados foram utilizadas a percentagem, média, o desvio padrão e os testes não paramétricos Wilcoxon-Mann-Whitney e o Kruskal-Wallis com os respetivos testes Post-Hoc. O nível de significância adotado foi de 5% mas, sempre que seja relevante irá fazer-se referência a outros níveis de significância.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Na tabela 1 apresentamos a média, o desvio padrão e os coeficientes de correlação item/total da escala. Há exceção do item “Ser responsável” os valores da correlação item/total da escala são significativos ($p=0,01$).

Tabela 1 - Análise descritiva dos itens do questionário

Questão		S	Correlação
Ser responsável	4,89	,452	,071
Ser pontual	4,80	,400	,509**
Tratar de igual forma todos os atletas respeitando as diferenças individuais	4,74	,559	,563**
Ter capacidade de resolução de problemas	4,80	,399	,557**
Ter respeito	4,91	,293	,423**
Ter conhecimentos técnicos	4,75	,434	,550**
Ter capacidade de motivar os atletas para o treino e competição	4,79	,406	,594**
Revelar conhecimento dos atletas	4,58	,513	,697**
Ser dedicado	4,75	,454	,633**
Ter conhecimentos táticos	4,65	,514	,732**
Atuar de acordo com princípios éticos	4,85	,362	,555**
Saber gerir os conflitos no seio da equipa/clube	4,75	,436	,610**
Saber influenciar positivamente os atletas	4,83	,378	,608**
Ser aplicado	4,74	,481	,699**
Saber fazer a gestão psicológica do treino e da competição	4,70	,478	,631**
Transmitir confiança a atletas e pais	4,69	,482	,626**
Ser compreensivo	4,60	,510	,638**
Primar pela qualidade do trabalho apresentado - inovador e surpreendente	4,50	,551	,705**
Ser organizado	4,66	,511	,669**
Oportuno nas repreensões e chamadas de atenção aos atletas - disciplinador	4,65	,498	,674**

**Correlation is significant at the 0.01

O questionário foi sujeito a um processo de validação estatística que de seguida apresentamos.

Para verificar a consistência interna do grupo dos 20 itens (Tabela 1) foi calculado o coeficiente Alpha de Cronbach. O valor do coeficiente foi 0,909, considerado Muito Bom (Pestana e Gageiro, 2008).

Tabela 2 - Alpha de Cronbach da amostra

Alpha de Cronbach	Variância	Nº Itens
0,909	4,729	20

Efetou-se uma Análise de Componentes Principais da qual resultaram 3 fatores que explicam 54,707% da variância total. No teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) obteve-se 0,840 o que é indicativo de que a recomendação para a realização destes dados é Boa (Pestana e Gageiro 2008). O teste de esfericidade de Bartlett tem associado um *p-value* de 0,000 evidenciando existência de correlação entre algumas variáveis, deste modo, a Análise de Componentes Principais é uma técnica apropriada.

Tabela 3 - Teste KMO e Bartlett

Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem.	0,840
Teste de esfericidade de Bartlett	1148,478 Sig. 0,000

De acordo como os pesos de cada item em cada componente pode nomear-se a primeira componente como “Coaching”. Os pesos dos itens, nela incorporados, variam entre 0,502 e 0,815. Designamos a segunda componente como “Pedagogia do Treino” e o peso dos itens que a constituem variam entre 0,521 e 0,821. A terceira componente designou-se por “Gestão Psicológica” e é constituída por dois tipo de itens, um grupo tem pesos que variam entre 0,467 e 0,766 e contém um outro item que tem um peso residual de 0,235 não sendo por isso determinante para esta componente.

Tabela 4 - Análise de componentes principais

Questão	Componente		
	<i>Coaching Desportivo</i>	Pedagogia do Treino	Gestão Psicológica
2 - Ser pontual	,815		
3 - Tratar de igual forma todos os alunos respeitando as diferenças individuais	,647		
5 - Ter respeito	,643		
8 - Revelar conhecimento dos alunos	,502		
11 - Atuar de acordo com princípios éticos	,579		
14 - Ser aplicado	,569		
16 - Transmitir confiança a alunos e pais	,565		
19 - Ser organizado	,640		
6 - Ter conhecimentos técnicos		,785	
7 - Ter capacidade de motivar os alunos para o treino e competição		,724	
9 - Ser dedicado		,521	
10 - Ter conhecimentos táticos		,821	
1 - Ser responsável			,235
4 - Ter capacidade de resolução de problemas			,629
12 - Saber gerir os conflitos no seio da equipa/clube			,766
13 - Saber influenciar positivamente os alunos			,667
15 - Saber fazer a gestão psicológica do treino e da competição			,572
17 - Ser compreensivo			,630
18 - Primar pela qualidade do trabalho apresentado - inovador e surpreendente			,467
20 - Oportuno nas repreensões e chamadas de atenção aos alunos - disciplinador			,493
Valor Próprio	7,865	1,754	1,32
% Variância Explicada	39,324	8,769	6,598

Depois deste estudo determinaram-se os Scores associados a cada componente. Optou-se por somar os itens de cada componente. Assim, o score correspondente ao Coaching varia entre 8 e 40, o score correspondente à Pedagogia do Treino varia entre 4 e 20 e o score correspondente à Gestão Psicológica varia entre 8 e 40.

Do questionário fizeram parte várias questões de carácter socio demográficas, tais como: habilitações literárias; género; que modalidade treina; há quantos anos treina; tem curso de treinador da modalidade; que curso(s) tem; se tem outras formações para a modalidade; que formação é.

Os inquiridos foram 117 professores/treinadores cujas características se resumem na tabela 5.

Tabela 5 - Dados Sócio Demográficos

Variável	n	%
Habilitações Literárias		
Licenciatura	73	64,6
Mestrado	40	35,4
Género		
Feminino	27	23,1
Masculino	90	76,9
Desportos		
Andebol	6	5,1
Atletismo	6	5,1
Badminton	8	6,8
Basquetebol	8	6,8
Dança	4	3,4
Futebol	8	6,8
Futsal	34	29,1
Ginástica	5	4,3
Ginástica/Aeróbica	1	,9
Natação	2	1,7
Multiatividades de Aventura/Escalada/Orientação	7	6,0
Ténis	1	,9
Ténis de Mesa	6	5,1
Vela	1	,9
Voleibol	20	17,1
Tem curso de treinador da modalidade?		
Sim	47	40,2
Não	70	59,8
Se respondeu sim na questão anterior, indique o(s) curso(s).		
Nível/Grau 1	21	44,7
Nível/Grau 2	11	23,4
Nível/Grau 3	8	17,0
Nível/Grau 4	1	2,1
Vários níveis	6	12,8
Se tiver alguma formação nessa modalidade, que não seja a de treinador, diga qual.		
Congressos, convenções, workshops, conferências, formações	28	71,8

creditadas ...		
Praticante da modalidade	8	20,5
Árbitro/Juíz	3	7,7
<hr/>		
Desempenha cargos no desporto federado?		
Sim	39	33,3
Não	78	66,7
<hr/>		
Se respondeu sim na questão anterior, indique o(s) cargo(s).		
Treinador e Dirigente	12	30,8
Treinador e Jogador	4	10,3
Árbitro/Juíz	1	2,6
Dirigente/Coordenador	7	17,9
Praticante	1	2,6
Treinador/Orientador/Monitor	14	35,9
<hr/>		
Em que instituição(ões) fez a formação profissional?		
AFM	1	,9
IPB	3	2,6
IPCB	1	,9
IPG	23	19,8
IPL	2	1,7
IPiaget	3	2,6
ISCE	5	4,3
ISEF	5	4,3
ISMAI	3	2,6
UBI	6	5,2
UCoimbra	4	3,4
UMadeira	7	6,0
ULusiada	1	,9
ULusófona	2	1,7
UPorto	15	12,9
UTAD	11	9,5
UTL - FMH	6	5,2
Várias instituições	18	15,5
<hr/>		
Há quantos anos treina essa modalidade?	DP= 6,146	Min = 1 Max = 25
<hr/>		

Assim, terminando as considerações de organização de dados inicia-se a árdua tarefa de relacionar as variáveis sociodemográficas com os fatores estudados.

Na tabela 6, apresentam-se os resultados da comparação efetuada entre os dois grupos, Masculino e Feminino, nas três componentes do estudo: Coaching Desportivo; Pedagogia do Treino; Gestão Psicológica. Utilizou-se o teste não paramétrico de Wilcoxon-Mann-Whitney e conclui-se que não existem diferenças estatisticamente significativas uma vez que nos três testes o valor $p > 0,05$.

Tabela 6 - Resumo da comparação do Género com os 3 fatores

Fatores		N	DP	U	W	p
Coaching	Masculino	89	37,96	2,56	1153,0	5158,0
	Feminino	26	38,08	2,40		
Pedagogia do treino	Masculino	90	18,87	1,55	1085,0	5180,0
	Feminino	26	19,17	1,00		
Gestão psicológica	Masculino	87	37,52	2,54	1020,5	4848,5
	Feminino	27	38,19	2,04		

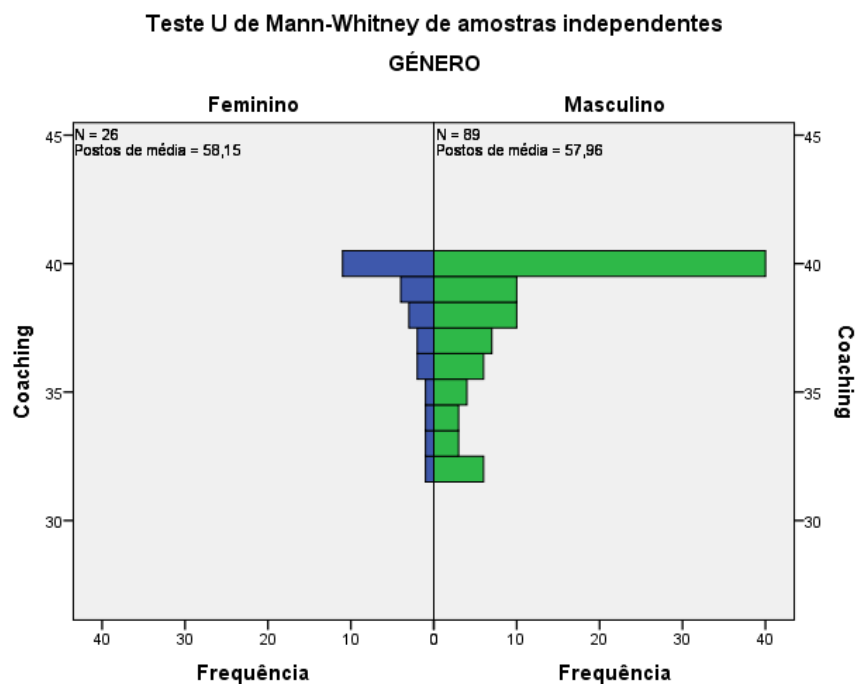


Gráfico 1 - Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) nos dois grupos – Masculino e Feminino

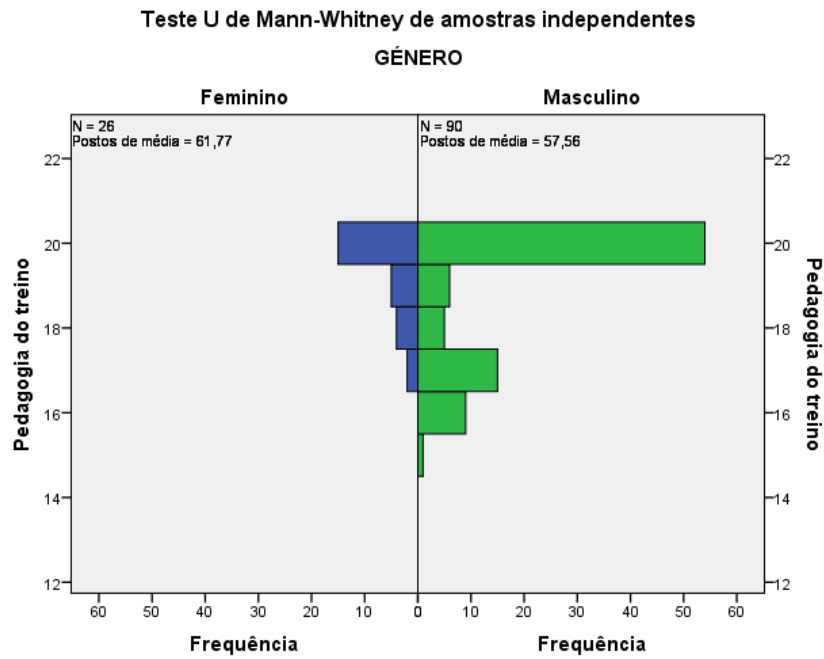


Gráfico 2 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) nos dois grupos – Masculino e Feminino

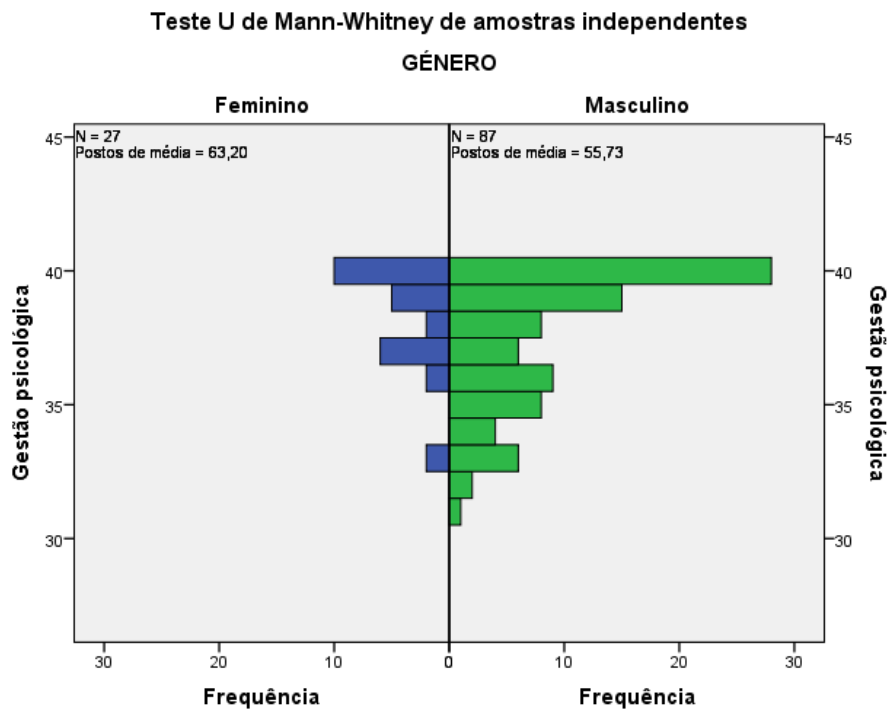


Gráfico 3 - Distribuição dos scores dos fatores (Gestão Psicológica) nos dois grupos – Masculino e Feminino

Na tabela 7 apresentam-se os resultados da comparação efetuada entre os dois grupos da habilitação, Licenciatura e Mestrado, nas três componentes do estudo: Coaching; Pedagogia do Treino; Gestão Psicológica. Utilizou-se o teste não paramétrico de Wilcoxon-Mann-Whitney e conclui-se que não existem diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 7 - Resumo da comparação das habilitações com os 3 fatores.

Fatores		N		DP	U	W	p
Coaching	Licenciatura	72	38,03	2,58	1355,0	2135,0	0,750
	Mestrado	39	39,05	2,33			
Pedagogia do treino	Licenciatura	73	19,00	1,36	1542,0	2322,0	0,407
	Mestrado	39	19,10	1,54			
Gestão psicológica	Licenciatura	71	37,77	2,29	1401,0	2181,0	0,916
	Mestrado	39	37,62	2,76			

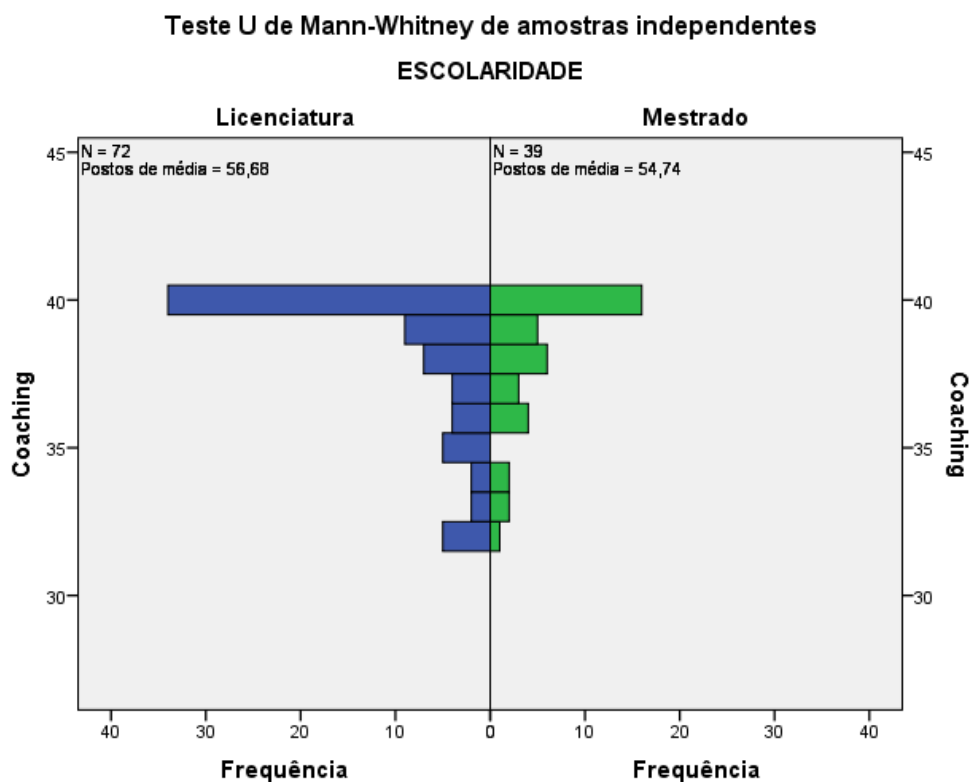


Gráfico 4 - Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) nos dois grupos de habilitações – Licenciatura e Mestrado

Teste U de Mann-Whitney de amostras independentes

ESCOLARIDADE

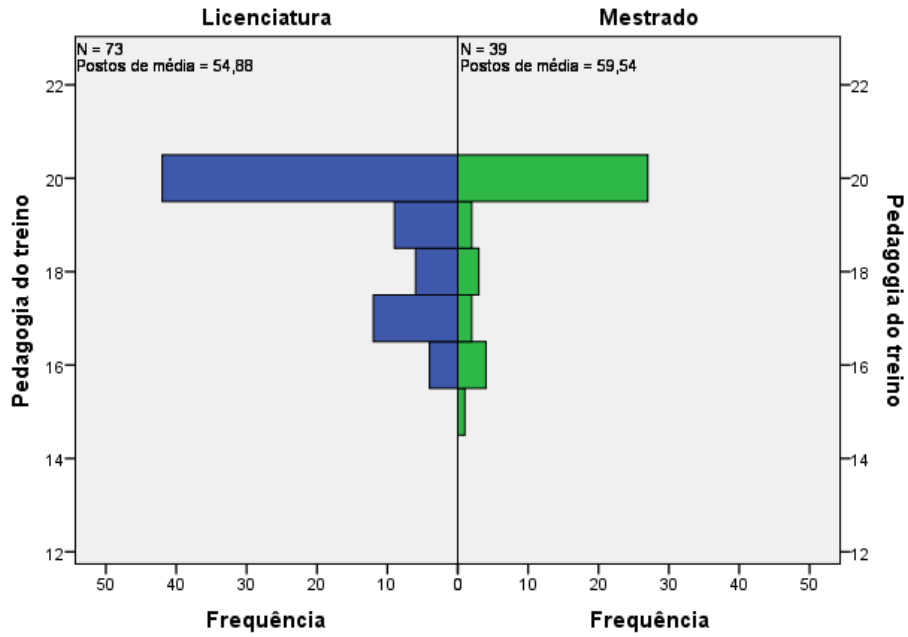


Gráfico 5 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) nos dois grupos de habilitações – Licenciatura e Mestrado

Teste U de Mann-Whitney de amostras independentes

ESCOLARIDADE

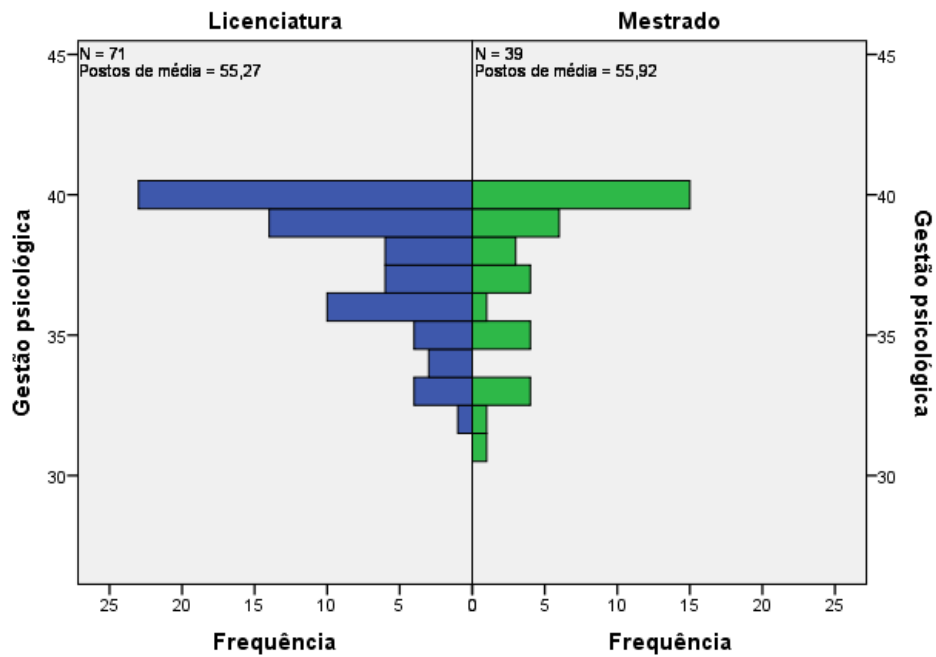


Gráfico 6 - Distribuição dos scores dos fatores (Gestão Psicológica) nos dois grupos de habilitações – Licenciatura e Mestrado

Na tabela 8 apresentam-se os resultados das comparação efetuadas entre os dois tipos de desporto, Coletivo e Individual, nas três componentes do estudo: *Coaching*; Pedagogia do Treino; Gestão Psicológica. Utilizou-se o teste não paramétrico de Wilcoxon-Mann-Whitney e conclui-se que não existem diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 8 - Resumo da comparação do tipo de desporto com os 3 fatores

Fatores		N	DP	U	W	p
Coaching	Coletivo	81	37,94	2,51	1417,0	2012,0
	Individual	34	38,09	2,56		
Pedagogia do treino	Coletivo	82	18,95	1,52	1369,0	1964,0
	Individual	34	18,97	1,31		
Gestão psicológica	Coletivo	80	37,5	2,50	1543,5	2138,5
	Individual	34	38,09	2,29		

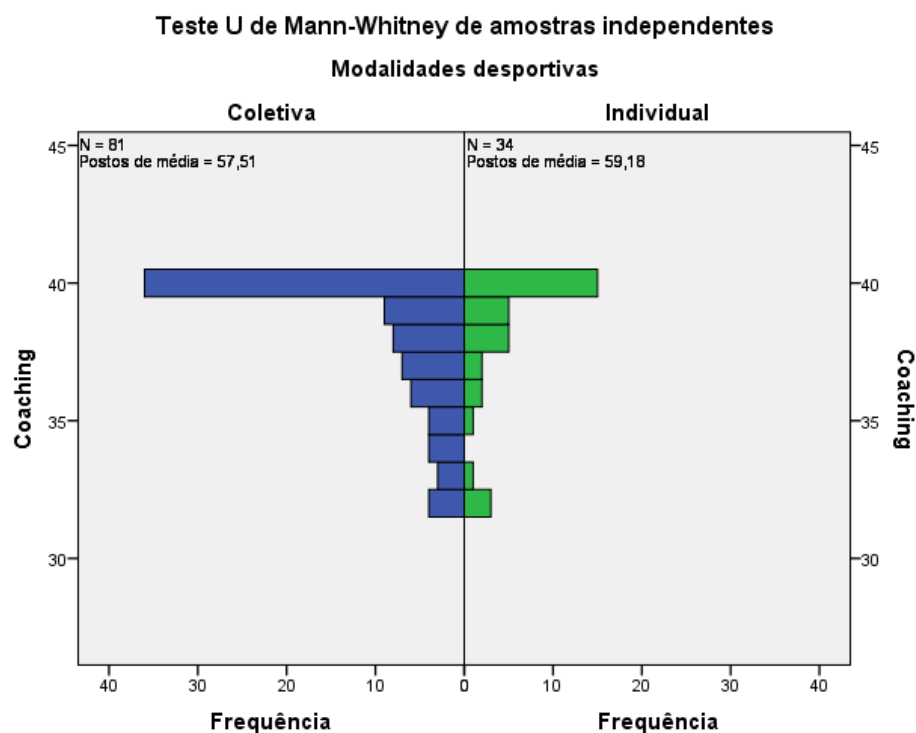


Gráfico 7 - Distribuição dos scores dos fatores (*Coaching*) nos dois tipos de desporto – Coletivo e Individual

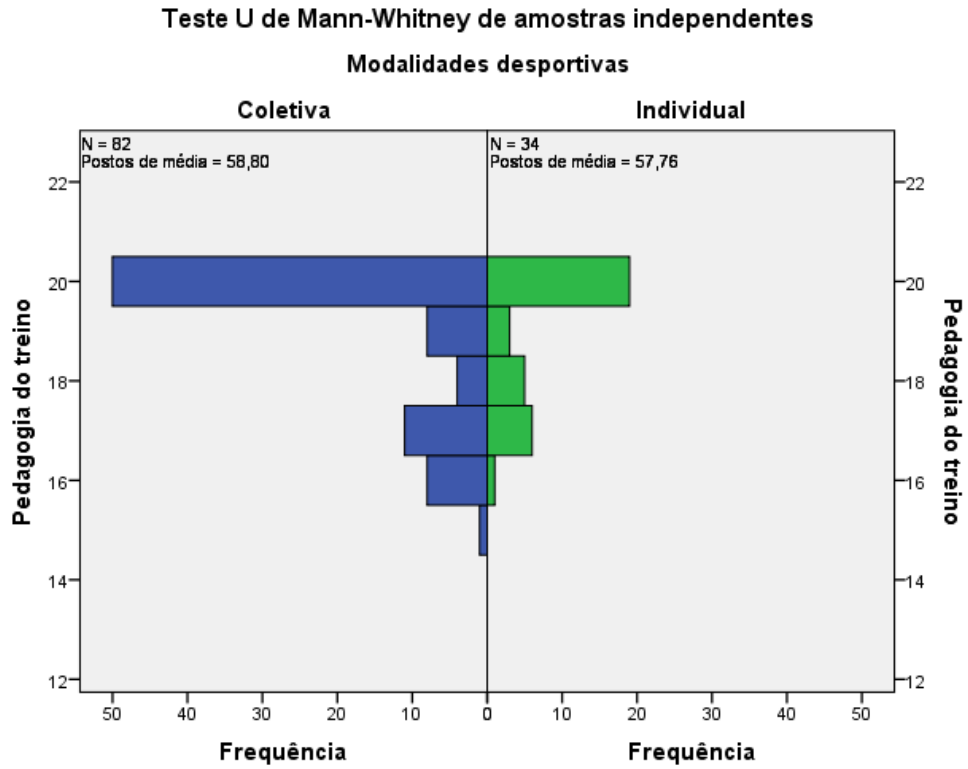


Gráfico 8 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) nos dois tipos de desporto – Coletivo e Individual

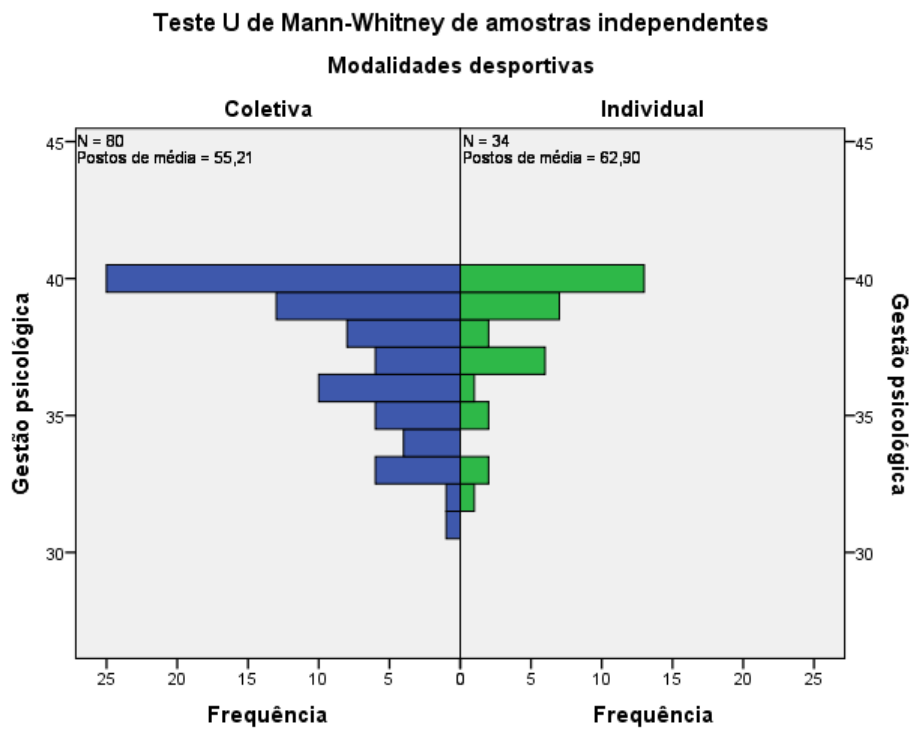


Gráfico 9 - Distribuição dos scores dos fatores (Gestão Psicológica) nos dois tipos de desporto – Coletivo e Individual

Na tabela 9 apresentam-se os resultados das comparações efetuadas entre os treinadores com curso de treinador e os que não têm curso nas três componentes do estudo: *Coaching*; Pedagogia do Treino; Gestão Psicológica. Utilizou-se o teste não paramétrico de Wilcoxon-Mann-Whitney e conclui-se que não existem diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 9 - Resumo da comparação da existência ou não de curso de treinador com os 3 fatores

Fatores		N	DP	U	W	p
Coaching	Sim	46	37,50	2,84	1783,5	4198,5
	Não	69	38,30	2,23		
Pedagogia do treino	Sim	46	18,89	1,46	1687,0	4172,0
	Não	70	19,00	1,46		
Gestão psicológica	Sim	45	37,22	2,54	1826,5	4241,5
	Não	69	37,97	2,35		

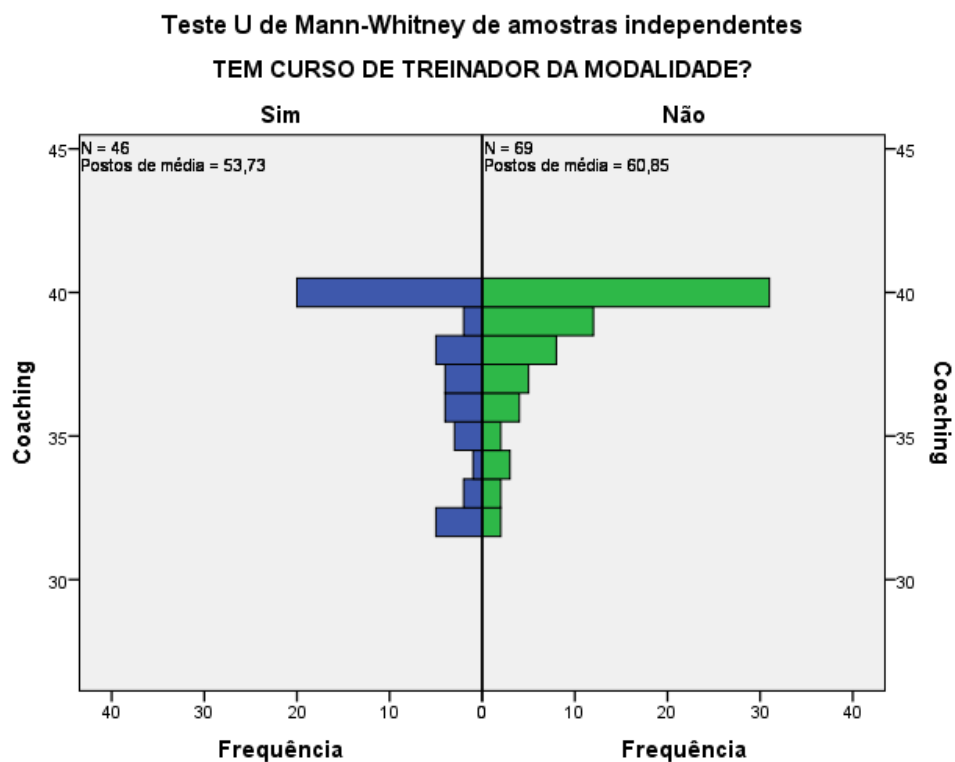


Gráfico 10 - Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) com, e sem, curso de treinador.

Teste U de Mann-Whitney de amostras independentes
TEM CURSO DE TREINADOR DA MODALIDADE?

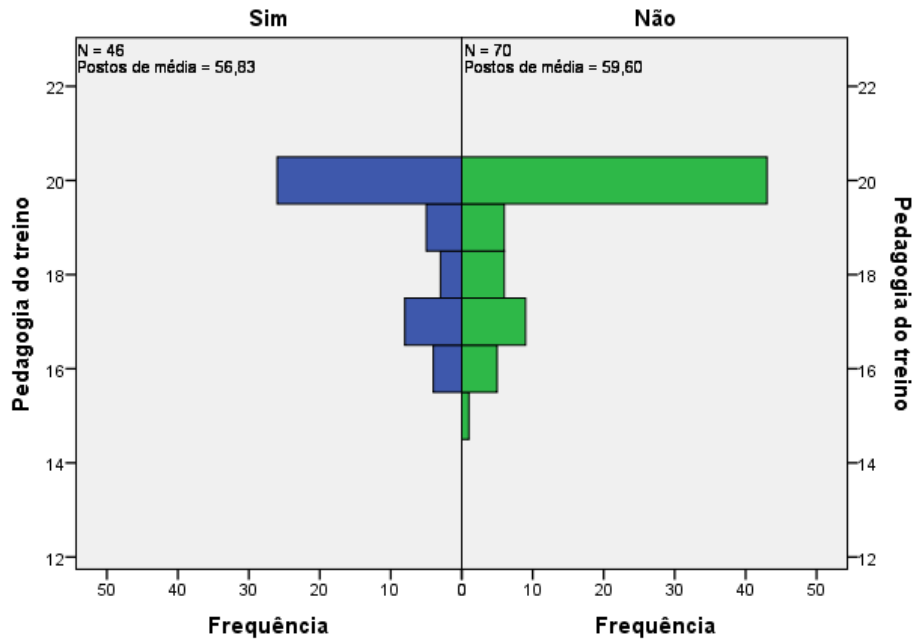


Gráfico 11 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) com, e sem, curso de treinador.

Teste U de Mann-Whitney de amostras independentes
TEM CURSO DE TREINADOR DA MODALIDADE?

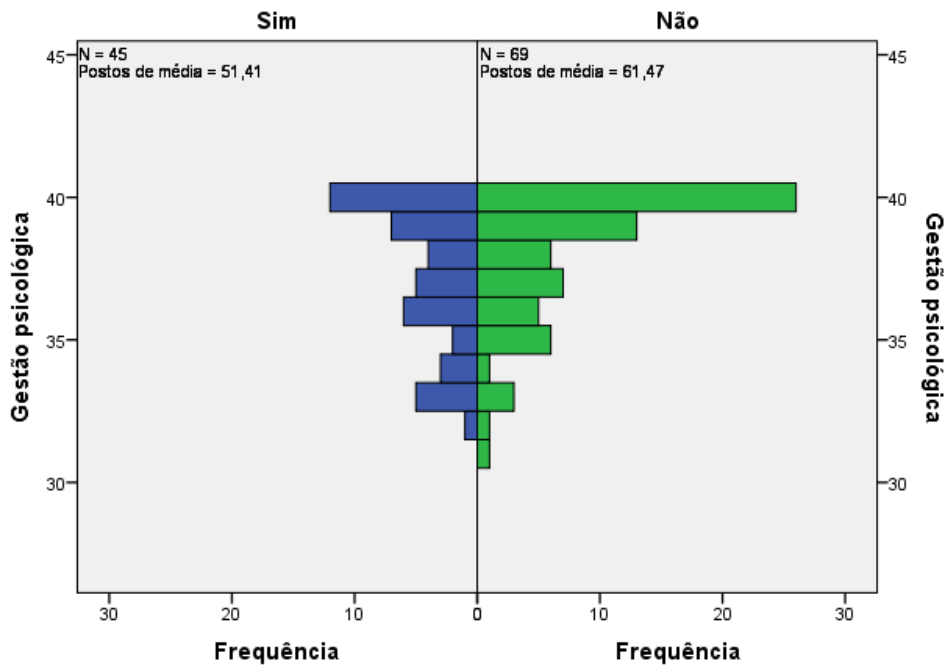


Gráfico 12 - Distribuição dos scores dos fatores (Gestão psicológica) com, e sem, curso de treinador.

Na tabela 10 apresentam-se os resultados das comparações efetuadas entre as quatro opções de curso de treinador realizado nas três componentes do estudo: *Coaching*; *Pedagogia do Treino*; *Gestão Psicológica*. Utilizou-se o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis, este estudo foi feito depois de retirados os treinadores que fizeram formação de o Nível/Grau 4 pois apenas um inquirido fez este curso.

Tabela 10 - Resumo da comparação do curso de treinadores realizado com os 3 fatores

Fatores		N		DP		p
Coaching	Nível/Grau 1	20	37,35	3,23	6,07	0,108
	Nível/Grau 2	11	38,00	2,72		
	Nível/Grau 3	8	38,88	1,73		
	Vários níveis	6	35,33	2,16		
Pedagogia do treino	Nível/Grau 1	20	18,90	1,52	6,34	0,096
	Nível/Grau 2	11	19,36	1,21		
	Nível/Grau 3	8	19,38	1,41		
	Vários níveis	6	17,67	1,21		
Gestão psicológica	Nível/Grau 1	21	37,19	2,54	9,39	0,025
	Nível/Grau 2	9	38,78	1,40		
	Nível/Grau 3	8	37,88	2,53		
	Vários níveis	6	34,67	1,97		

Na tabela 10 estão representados os resultados deste teste verificando-se que existe diferenças, estatisticamente significativas, entre os grupos, na Gestão Psicológica ($X_{KW}^2(3) = 9,39$, $p = 0.025$). Verifica-se um valor médio baixo deste score nos treinadores que realizaram vários cursos ($X = 34,46$). Depois de realizar os testes Post-Hoc (Comparações múltiplas das ordens de Dunn) conclui-se justamente que os treinadores que realizam cursos de vários níveis valorizam menos a Gestão Psicológica do que os que realizam um nível mas apenas se obtiveram diferenças significativas com os treinadores que fizeram o curso de nível/grau 2 ($p = 0,02$).

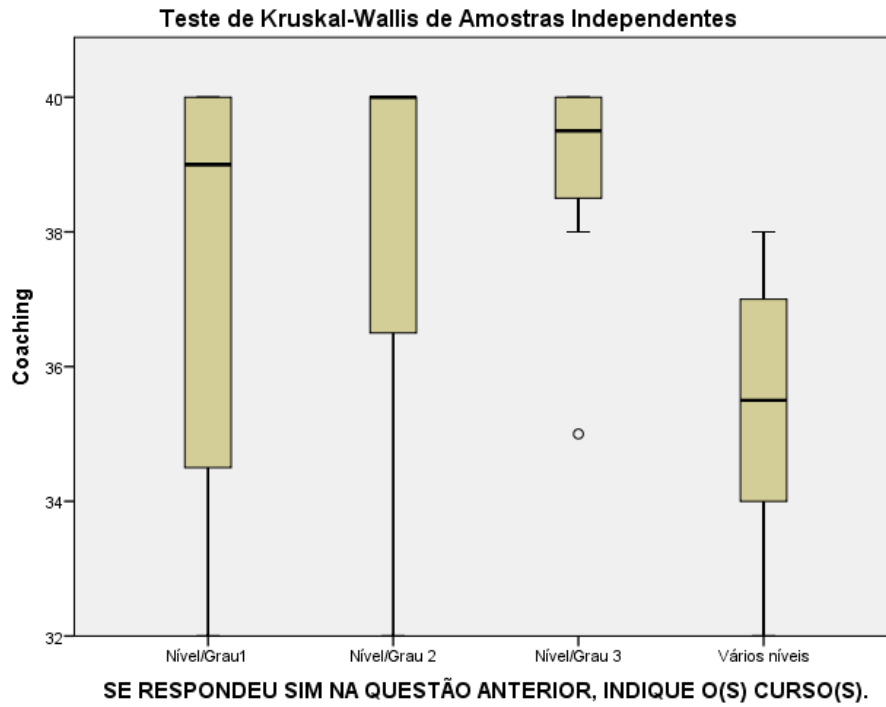


Gráfico 13 - Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) nas quatro opções de curso realizados.

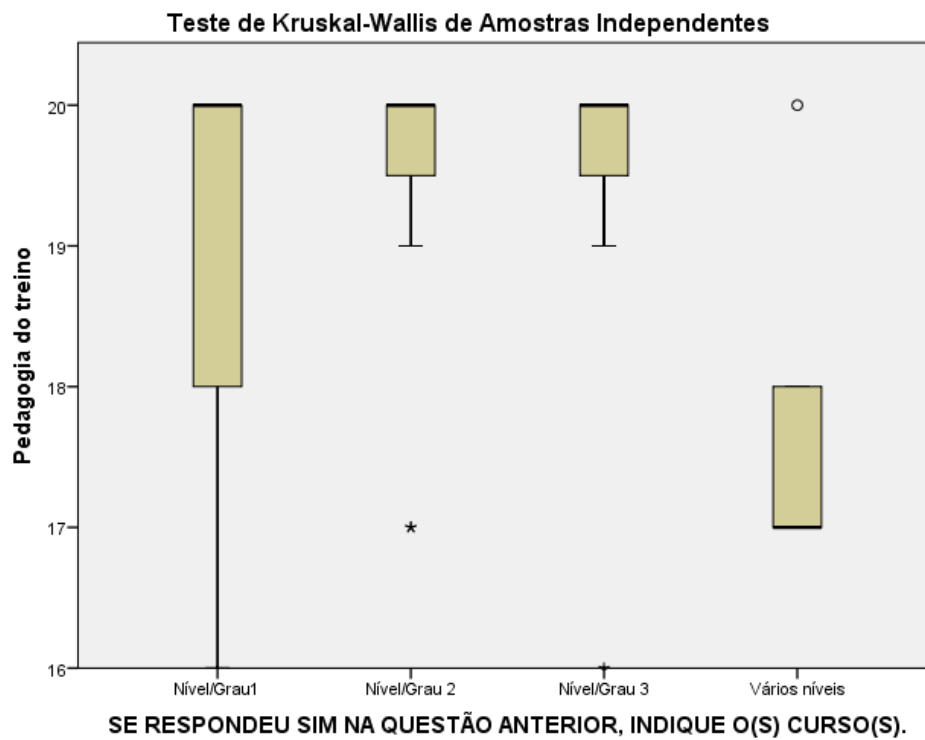


Gráfico 14 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) nas quatro opções de curso realizados.

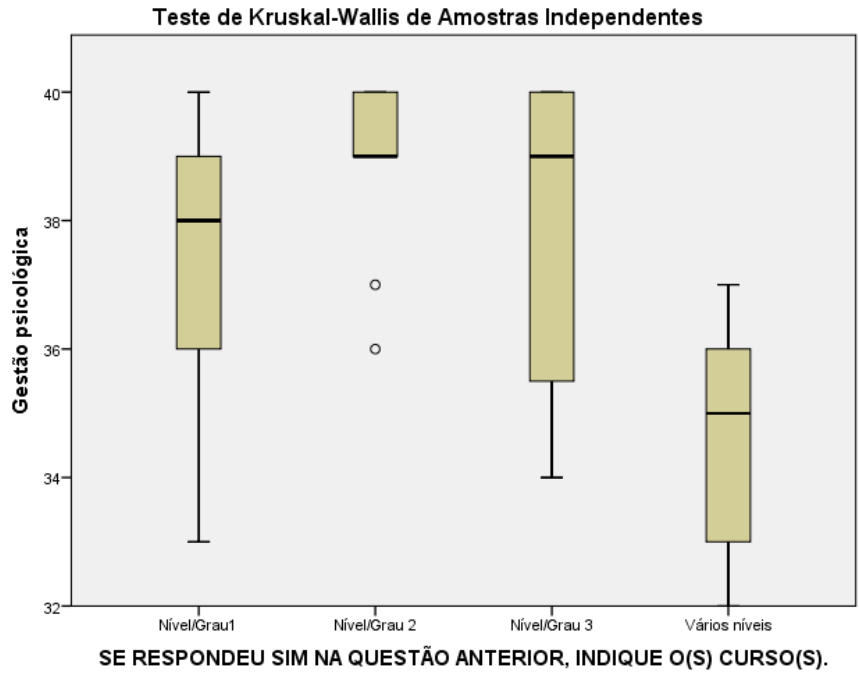
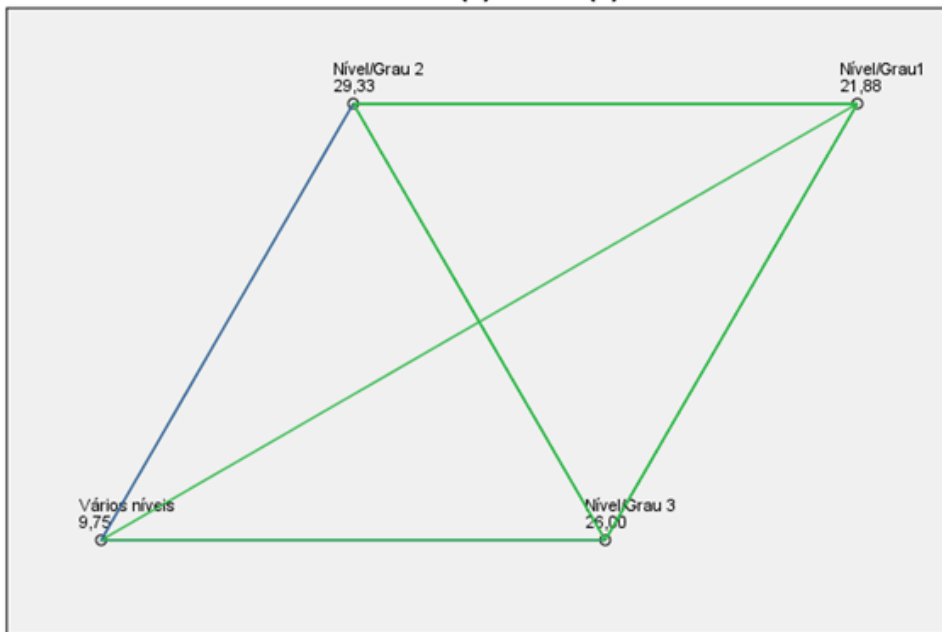


Gráfico 15 - Distribuição dos scores dos fatores (Gestão Psicológica) nas quatro opções de curso realizados.

Comparações entre Pares de SE RESPONDEU SIM NA QUESTÃO ANTERIOR, INDIQUE O(S) CURSO(S).



Cada nó mostra a posição média de amostra de SE RESPONDEU SIM NA QUESTÃO ANTERIOR, INDIQUE O(S) CURSO(S)..

Gráfico 16 - Output das comparações múltiplas das ordens de Dunn

A tabela 11 apresentam-se os resultados das comparação efetuadas entre os treinadores que realizaram, ou não, outro(s) curso(s) que não seja o de treinador nas três componentes do estudo: Coaching; Pedagogia do Treino; Gestão Psicológica. Utilizou-se o teste não paramétrico de Wilcoxon-Mann-Whitney e conclui-se que não existem diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 11 - Resumo da comparação da realização, ou não, de outro curso que não seja o de treinador com os 3 fatores

Fatores		N	DP	U	W	p
Coaching	Sim	38	37,45	2,98	1652,5	4655,5
	Não	77	38,25	2,23		
Pedagogia do treino	Sim	39	19,08	1,37	1425,0	4428,0
	Não	77	18,90	1,50		
Gestão psicológica	Sim	38	37,61	2,37	1528,0	4454,0
	Não	76	37,71	2,49		

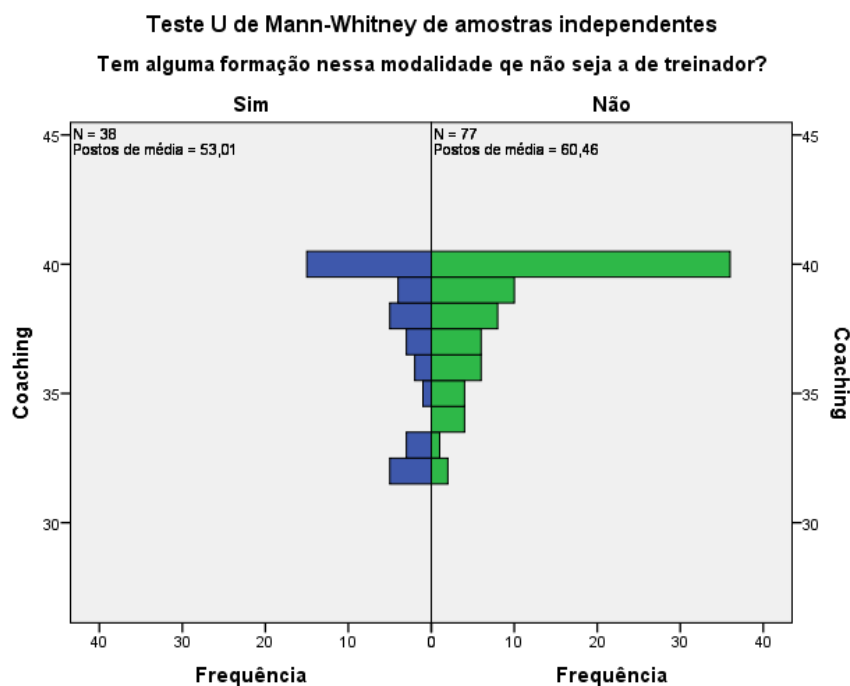


Gráfico 17 - Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) com a existência, ou não, de alguma formação que não seja a de treinador

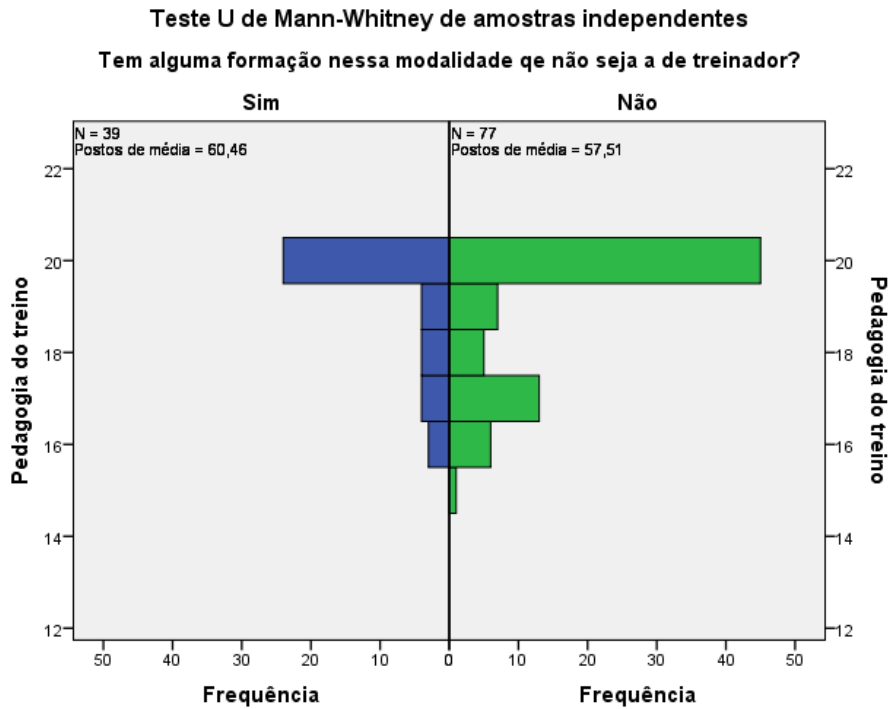


Gráfico 18 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) com a existência, ou não, de alguma formação que não seja a de treinador

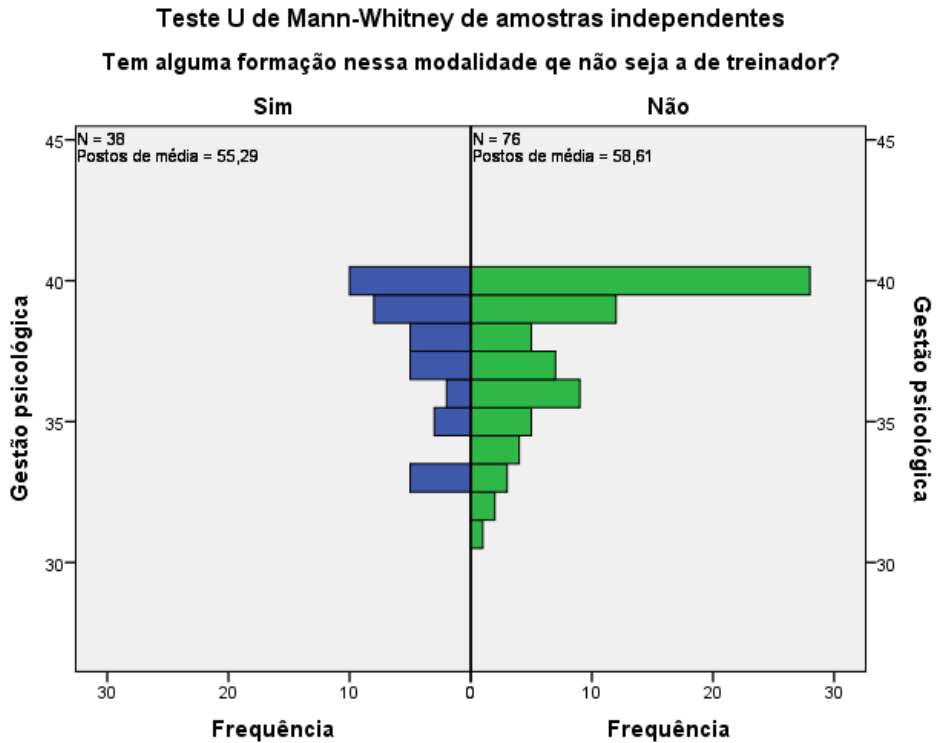


Gráfico 19 - Distribuição dos scores dos fatores (Gestão Psicológica) com a existência, ou não, de alguma formação que não seja a de treinador

Na tabela 12 apresentam-se os resultados da comparação efetuada entre os treinadores que realizaram formações diferentes das de treinador (Congressos, convenções, workshops, conferências, formações creditadas; Praticante da modalidade) nas três componentes do estudo: *Coaching Desportivo*; *Pedagogia do Treino*; *Gestão Psicológica*.

Foi retirada a opção “Árbitro/Juíz” pois apenas quatro inquiridos se enquadravam nessa opção. Após esta exclusão foram feitas as análises, utilizou-se o teste não paramétrico de Wilcoxon-Mann-Whitney e conclui-se que, considerado o nível de significância 5% não existem diferenças estatisticamente significativas, no entanto, considerando um nível de significância de 7,5%, as diferenças encontradas foram estatisticamente significativas (U = 159,5; W = 195,5; p = 0,07) nos treinadores que foram praticantes da modalidade. Estes apresentam scores de *coaching* mais elevados do que os treinadores que embora tenham realizado formações adicionais, não são praticantes.

Tabela 12 - Resumo da comparação de formações que não sejam a de treinador com os 3 fatores

Fatores		N		DP	U	W	p
Coaching	Congressos, convenções, workshops, conferências, formações creditadas	28	37,07	3,09	159,5	195,5	0,070
	... Praticante modalidade da	8	39,38	0,92			
Pedagogia do treino	Congressos, convenções, workshops, conferências, formações creditadas	28	19,07	1,36	146,0	182,0	0,207
	... Praticante modalidade da	8	19,88	0,35			
Gestão psicológica	Congressos, convenções, workshops, conferências, formações creditadas	28	37,61	2,46	116,5	144,5	0,454
	... Praticante modalidade da	7	38,71	1,11			

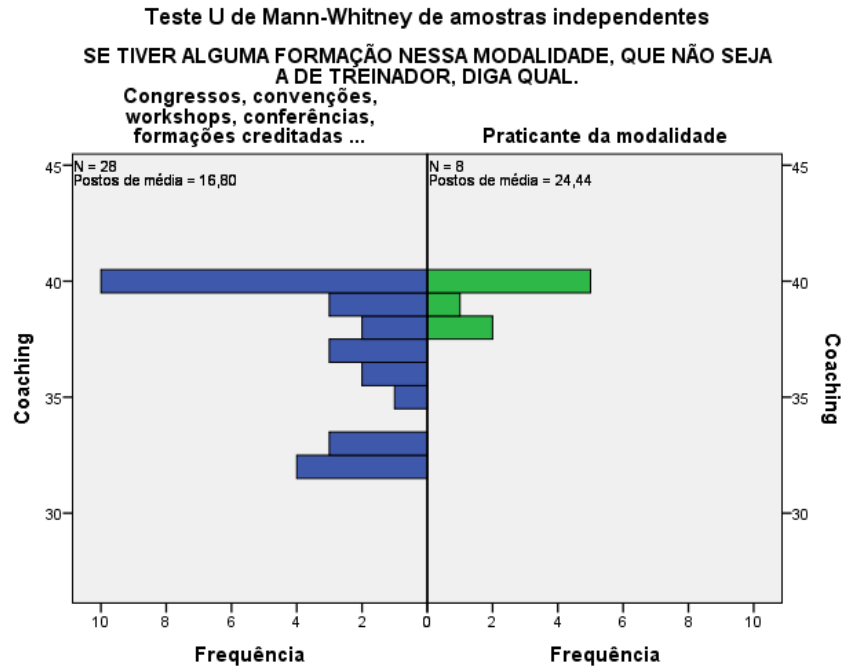


Gráfico 20 - Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) com a realização de alguma formação que não seja a de treinador

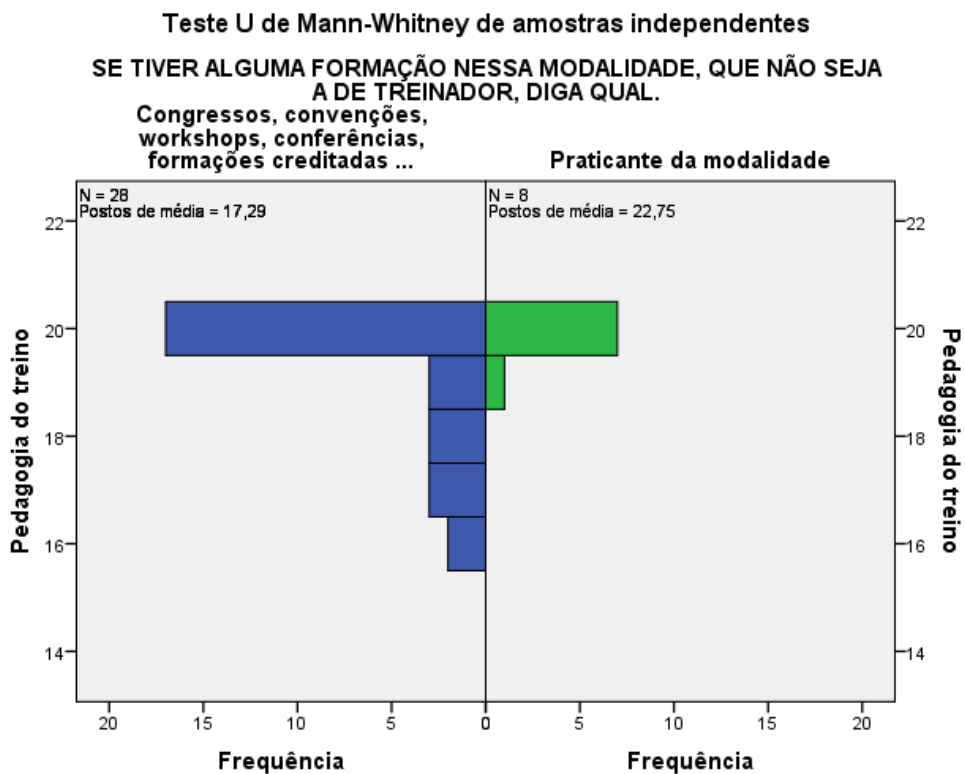


Gráfico 21 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) com a realização de alguma formação que não seja a de treinador

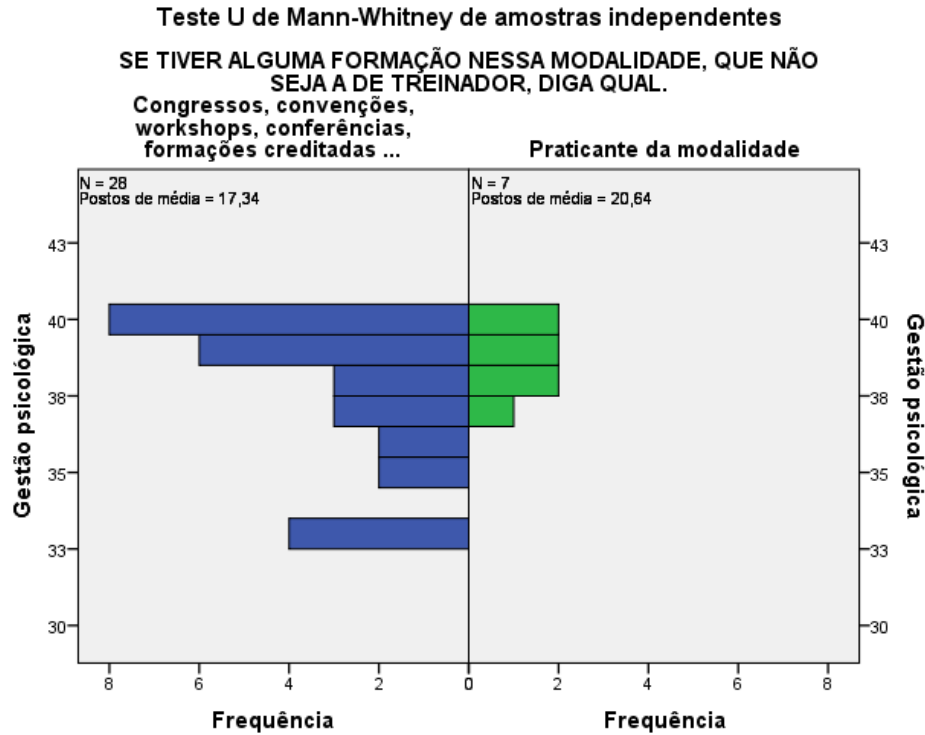


Gráfico 22 - Distribuição dos scores dos fatores (Gestão Psicológica) com a realização de alguma formação que não seja a de treinador

Na tabela 13 apresentam-se os resultados das comparações efetuadas entre os treinadores com 10 ou menos anos de funções de treinador e os que têm mais de 10 anos de funções de treinador nas três componentes do estudo: *Coaching*; Pedagogia do Treino; Gestão Psicológica.

Os treinadores com mais anos de experiência apresentam scores de *Coaching* mais elevados do que os treinadores com menos anos de experiência. Aqui as diferenças encontradas foram estatisticamente significativas ($U = 1801$; $W = 2504$; $p = 0,025$).

Os treinadores com mais anos de experiência apresentam scores de Gestão Psicológica mais elevados do que os treinadores com menos anos de experiência. Considerando um nível de significância de 0,075, as diferenças encontradas foram estatisticamente significativas ($U = 1667$; $W = 22297$; $p = 0,074$).

Tabela 13 - Resumo da comparação do número de anos de treinador com os 3 fatores

Fatores		N	DP	U	W	p	
Coaching	10 anos ou menos	78	37,60	2,69	1801,0	2504,0	0,025
	Mais de 10 anos	37	38,78	1,87			
Pedagogia do treino	10 anos ou menos	79	18,86	1,50	1634,0	2337,0	0,249
	Mais de 10 anos	37	19,16	1,34			
Gestão psicológica	10 anos ou menos	79	37,38	2,56	1667,0	2297,0	0,074
	Mais de 10 anos	35	38,34	2,03			

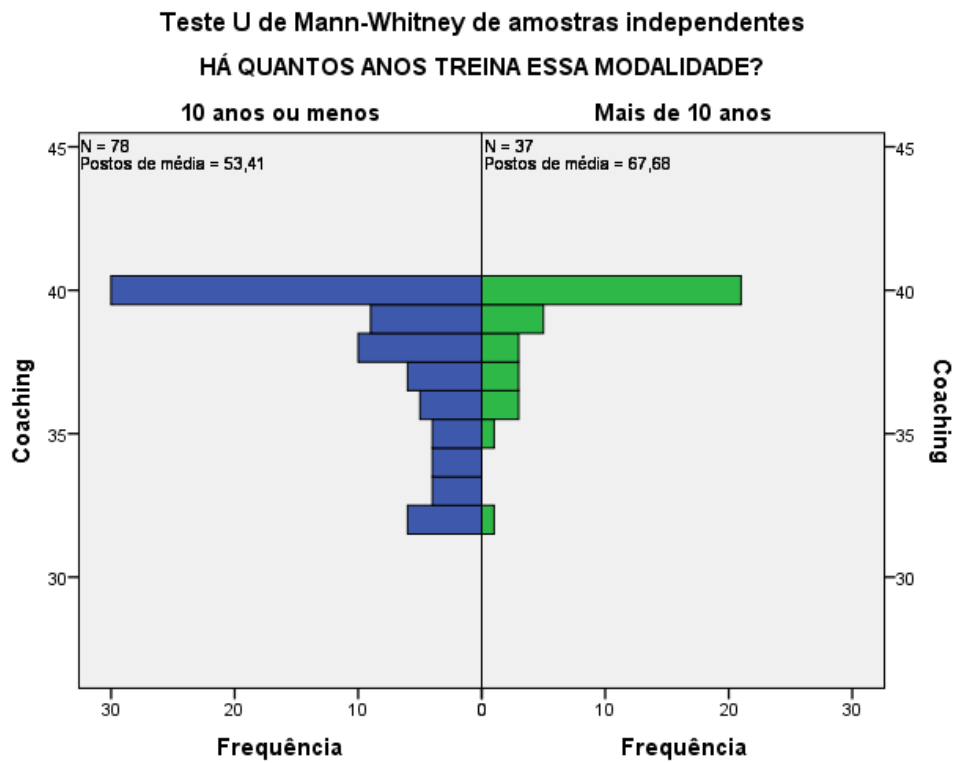


Gráfico 23 -Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) com o número de anos a que treina a modalidade – 10 anos ou menos e Mais de 10 anos

Teste U de Mann-Whitney de amostras independentes

HÁ QUANTOS ANOS TREINA ESSA MODALIDADE?

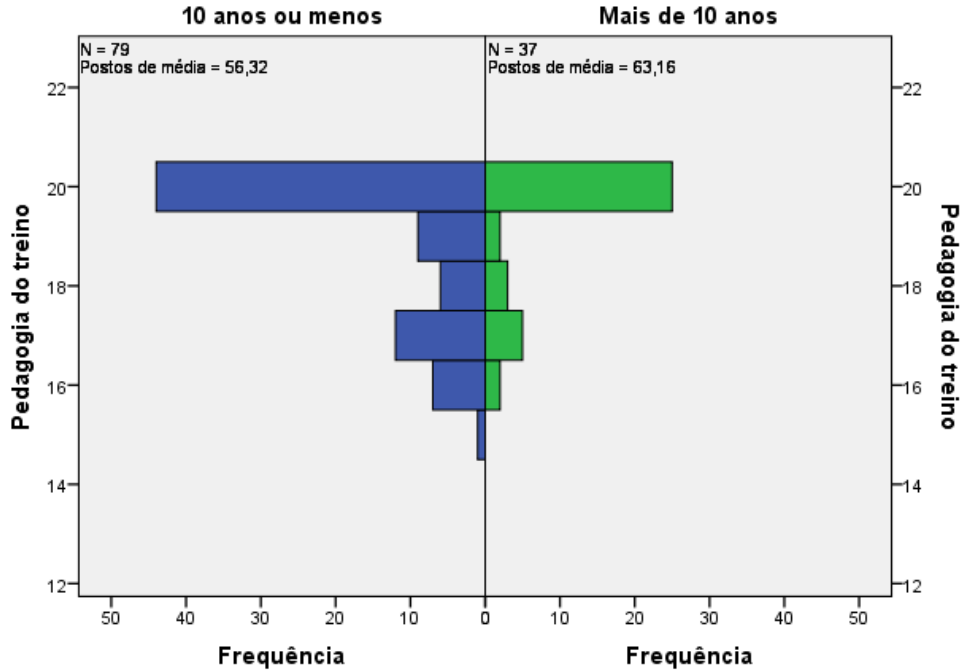


Gráfico 24 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) com o número de anos a que treina a modalidade – 10 anos ou menos e Mais de 10 anos

Teste U de Mann-Whitney de amostras independentes

HÁ QUANTOS ANOS TREINA ESSA MODALIDADE?

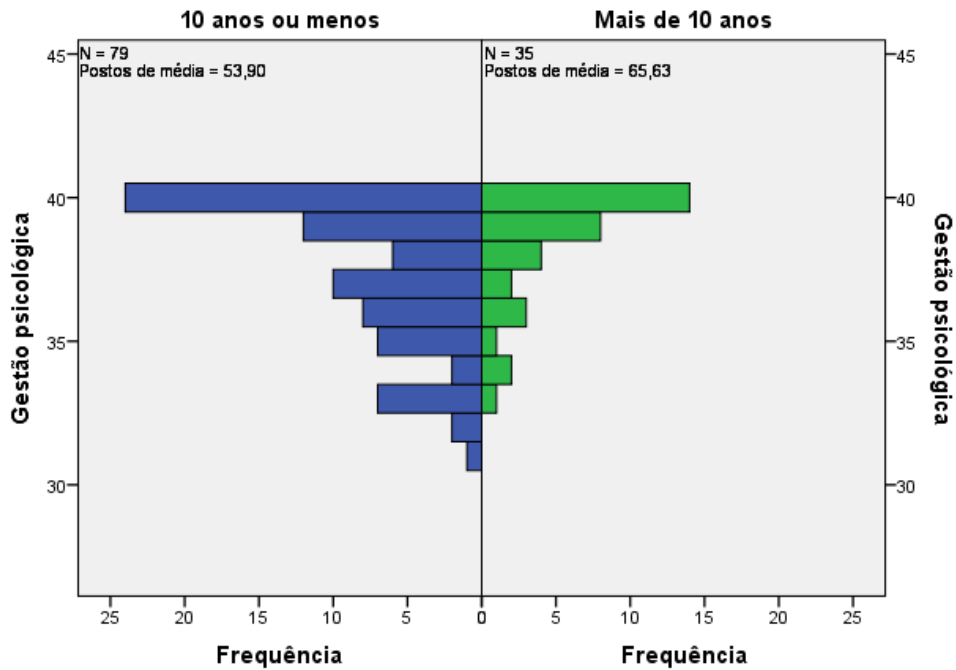


Gráfico 25 - Distribuição dos scores dos fatores (gestão Psicológica) com o número de anos a que treina a modalidade – 10 anos ou menos e Mais de 10 anos

Na tabela 14 apresentam-se os resultados da comparação efetuadas entre os treinadores que desempenham, ou não, cargos no desporto federado nas três componentes do estudo: Coaching; Pedagogia do Treino; Gestão Psicológica.

Os treinadores que não desempenham cargos no desporto federado apresentam scores de Coaching mais elevados do que os treinadores que desempenham cargos. As diferenças observadas foram estatisticamente significativas (U = 1758,5; W = 4839,5; p = 0,047).

Os treinadores que não desempenham cargos no desporto federado apresentam scores de gestão psicológica mais elevados do que os treinadores que desempenham cargos. As diferenças encontradas foram estatisticamente significativas (U = 1858,5; W = 4784,5; p = 0,011).

Tabela 14 - Resumo da comparação do desempenho de cargos no desporto escolar com os 3 fatores

Fatores		N	DP	U	W	p	
Coaching	Sim	37	37,27	2,79	1758,5	4839,5	0,047
	Não	78	38,32	2,32			
Pedagogia do treino	Sim	38	18,68	1,63	1653,0	4734,0	0,256
	Não	78	19,09	1,35			
Gestão psicológica	Sim	38	36,95	2,43	1858,5	4784,5	0,011
	Não	76	38,04	2,38			

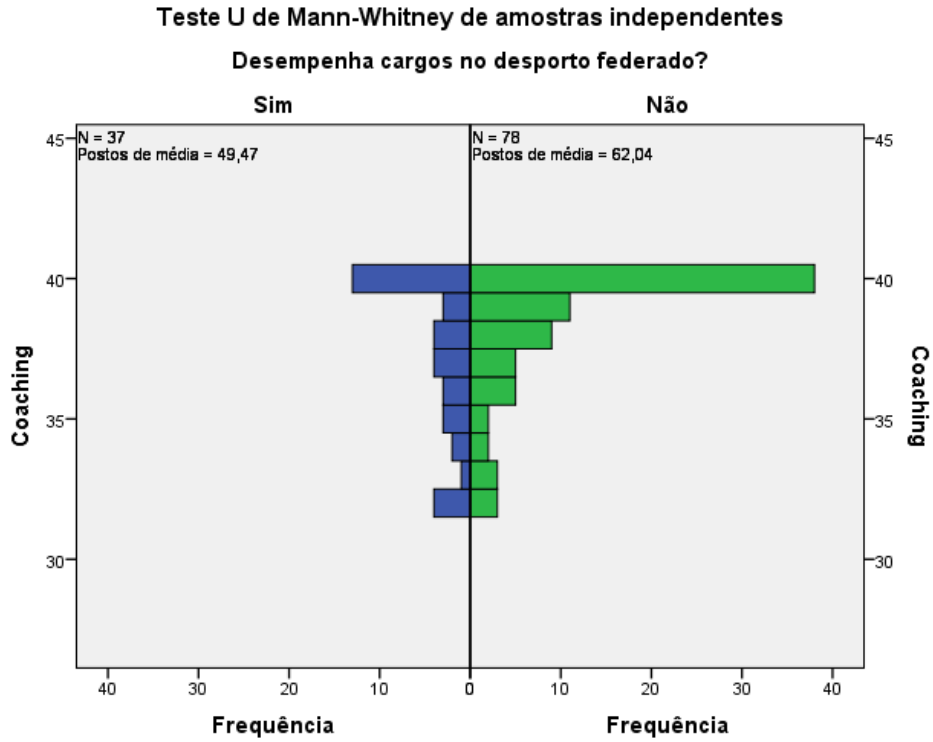


Gráfico 26 - Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) com o desempenho, ou não, de cargos no desporto federado

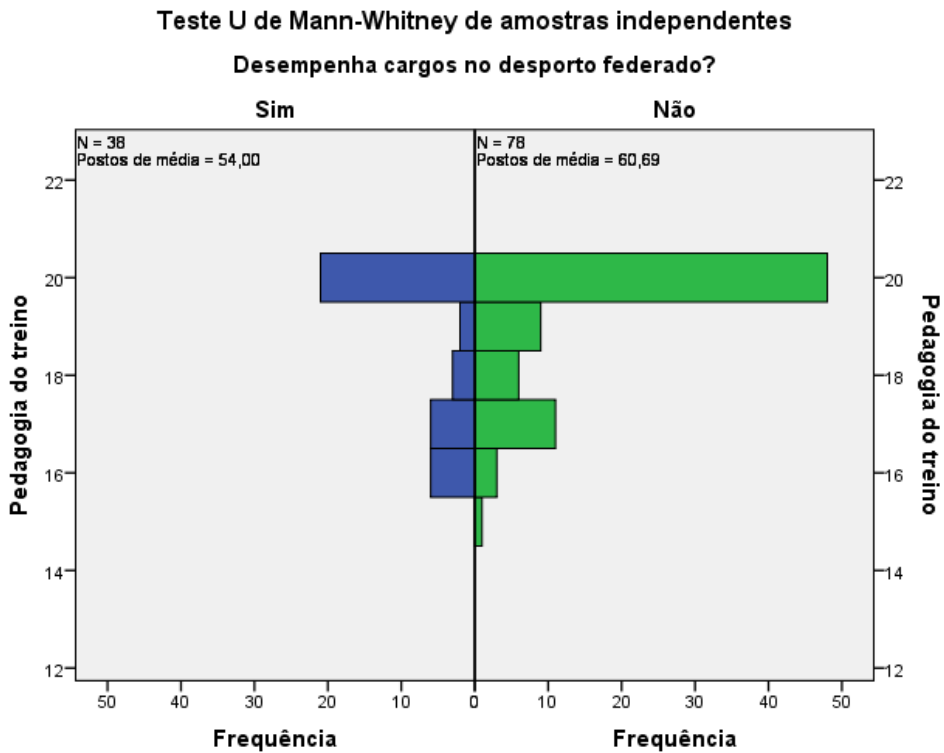


Gráfico 27 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) com o desempenho, ou não, de cargos no desporto federado.

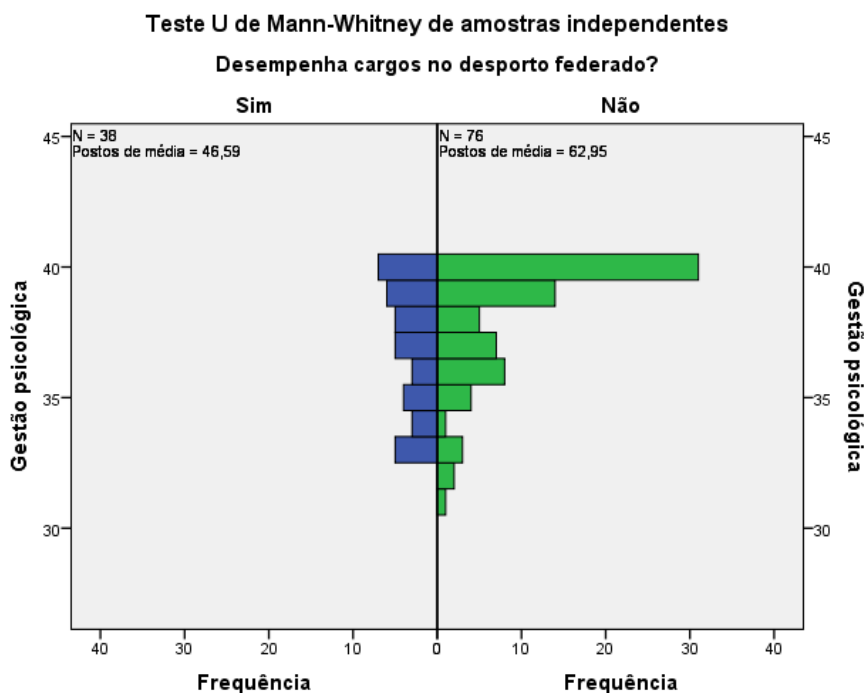


Gráfico 28 - Distribuição dos scores dos fatores (Gestão Psicológica) com o desempenho, ou não, de cargos no desporto federado.

Na tabela 15 apresentam-se os resultados das comparações efetuadas entre os diferentes cargos que treinadores desempenham no desporto federado nas três componentes do estudo: *Coaching*; Pedagogia do Treino; Gestão Psicológica.

Foram retiradas as opções “Árbitro/Juiz” e “Praticante” porque em cada uma delas se enquadrava apenas uma opção. A opção “Treinador/Jogador” foi retirada porque apenas quatro inquiridos se enquadravam nessa opção.

Utilizou-se o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis e conclui-se que, considerado o nível de significância 5% não existem diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 15 - Resumo da comparação dos cargos que desempenha no desporto federado com os 3 fatores

Fatores		N	DP		P
Coaching	Treinador e Dirigente	11	37,45	3,05	
	Dirigente/Coordenador	7	35,71	3,20	1,75
	Treinador/Orientador/Monitor	13	37,08	2,60	
Pedagogia do treino	Treinador e Dirigente	12	18,50	1,73	
	Dirigente/Coordenador	7	17,71	1,80	3,48
	Treinador/Orientador/Monitor	13	19,15	1,46	
Gestão psicológica	Treinador e Dirigente	11	36,73	2,65	
	Dirigente/Coordenador	7	35,43	2,76	2,32
	Treinador/Orientador/Monitor	14	37,21	2,16	

No diagrama de extremos e quartis número 29 verifica-se uma maior concentração nos valores dos scores próximos de 40 nos cargos Treinador e Dirigente e Treinador/Orientador/Monitor, o que significa que, nesta amostra, o Coaching é mais importante para os treinadores que possuem estes dois cargos.

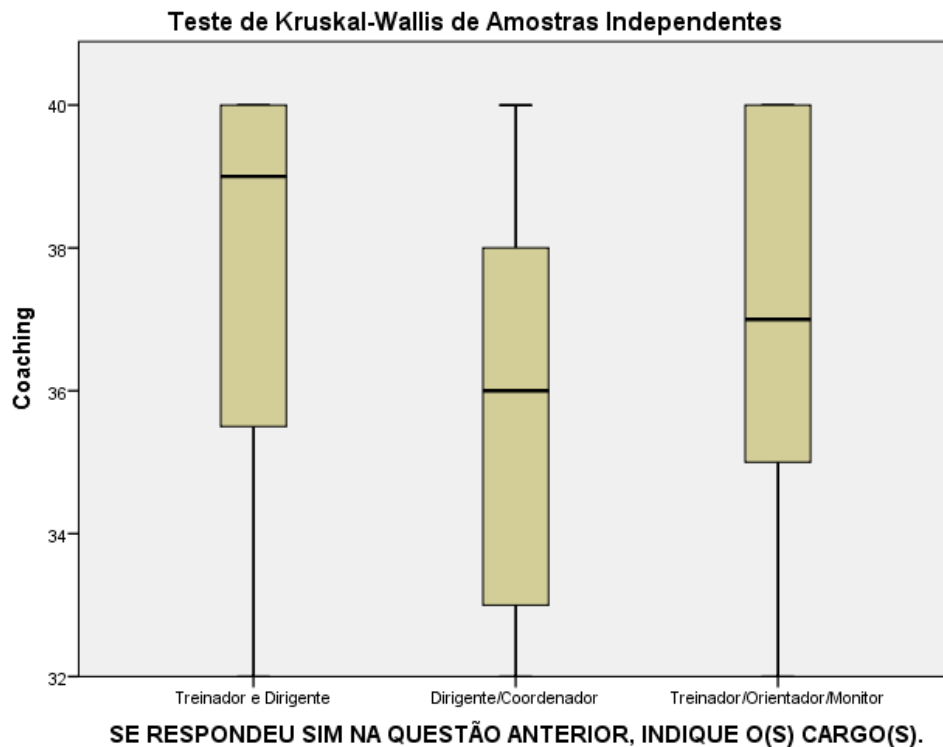


Gráfico 29 - Distribuição dos scores dos fatores (Coaching) nos três tipos de cargos que desempenha no desporto federado

No diagrama de extremos e quartis número 30 verifica-se uma grande concentração nos valores do score próximo de 20 no Treinador/Orientador/Monitor, no entanto, dois dos treinadores que se enquadram neste cargo têm um score consideravelmente inferior sendo classificados como missing neste diagrama. Nos outros dois cargos a dispersão é consideravelmente maior e nos Dirigentes/Coordenadores há mais valores de score baixos o que significa que, nesta amostra, a Pedagogia no Treino é menos importante para os treinadores que possuem este cargo.

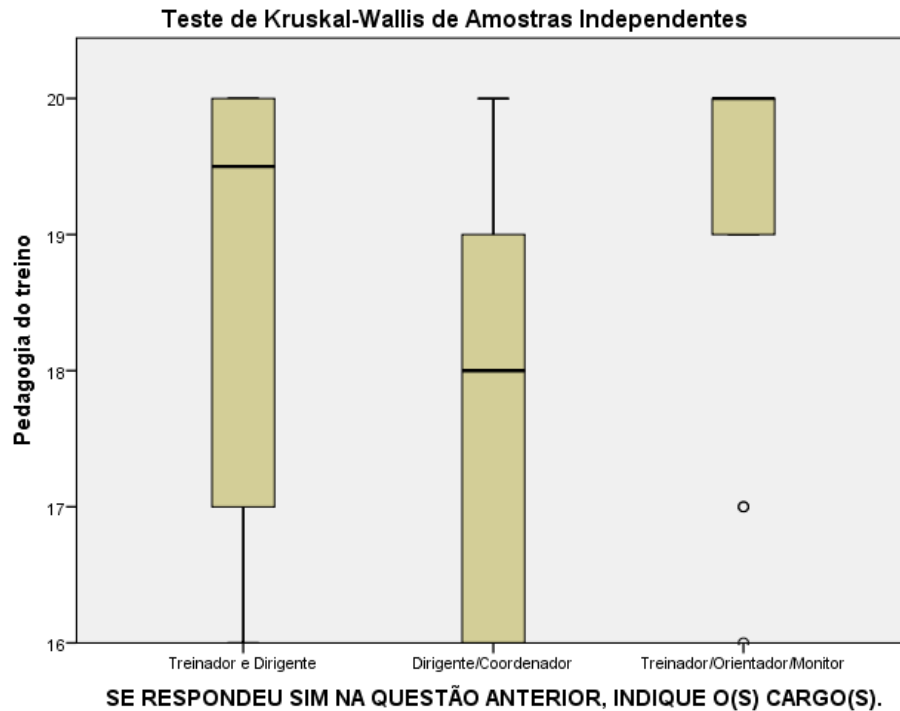


Gráfico 30 - Distribuição dos scores dos fatores (Pedagogia do Treino) nos três tipos de cargos que desempenha no desporto federado

No diagrama de extremos e quartis número 31 verifica-se uma maior concentração nos valores dos scores próximos de 40 nos cargos Treinador e Dirigente e Treinador/Orientador/Monitor, o que significa que, nesta amostra, a Gestão Psicológica é mais importante para os treinadores que possuem estes dois cargos sendo menos importante para os treinadores que possuem o cargo de Dirigente/Coordenador.

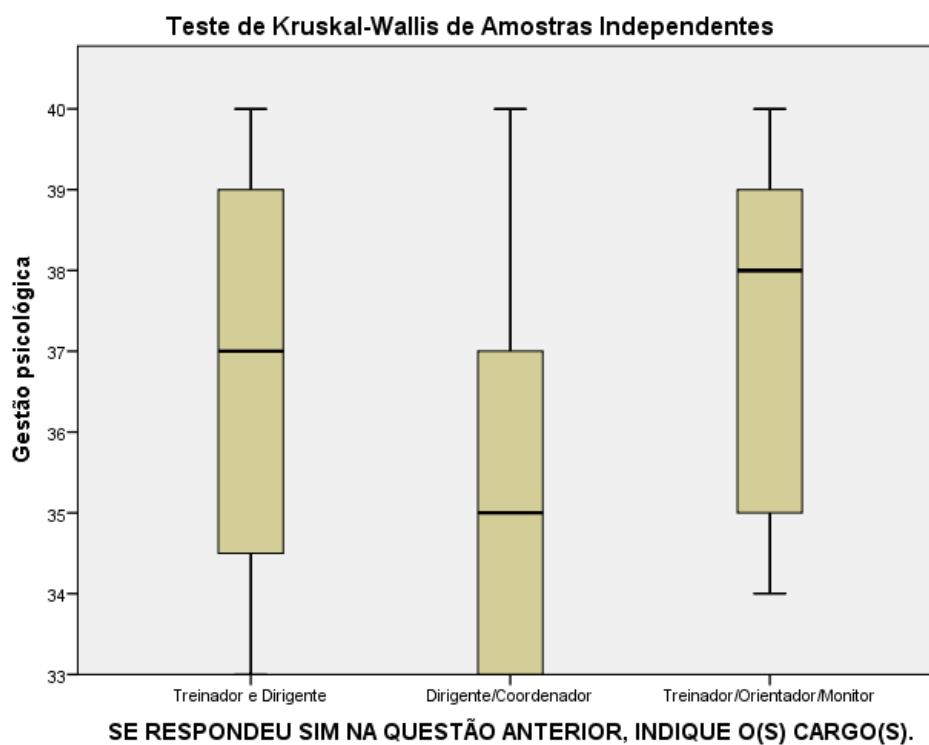


Gráfico 31 - Distribuição dos scores dos fatores (Gestão Psicológica) nos três tipos de cargos que desempenha no desporto federado.

4.1.DISSCUSSÃO DOS RESULTADOS

Das percepções mais pertinentes por parte dos nossos professores de educação física, destacam-se os treinadores do desporto escolar sem cargos no desporto federado apresentam *scores* de *Coaching* Desportivo mais elevados do que os treinadores que desempenham cargos. As diferenças observadas foram estatisticamente significativas ($U = 1758,5$; $W = 4839,5$; $p = 0,047$). Os treinadores do desporto escolar sem cargos no desporto federado apresentam *scores* de gestão psicológica mais elevados do que os treinadores que desempenham cargos. As diferenças encontradas foram estatisticamente significativas ($U = 1858,5$; $W = 4784,5$; $p = 0,011$).

Os treinadores com mais anos de experiência apresentam *scores* de *Coaching* mais elevados do que os treinadores com menos anos de experiência. As diferenças encontradas foram estatisticamente significativas ($U = 1801$; $W = 2504$; $p = 0,025$). Os treinadores com mais anos de experiência apresentam *scores* de gestão psicológica mais elevados do que os treinadores com menos anos de experiência. Considerando um nível de significância de 0,075, as diferenças encontradas foram estatisticamente significativas ($U = 1667$; $W = 22297$; $p = 0,074$).

Os treinadores/praticantes da modalidade apresentam *scores* de *coaching* mais elevados do que os treinadores/não praticantes da modalidade. Considerando um nível de significância de 0,075, as diferenças encontradas foram estatisticamente significativas ($U = 159,5$; $W = 195,5$; $p = 0,07$).

Os treinadores com o Curso de Treinadores Nível /Grau 2 apresentam *scores* de gestão psicológica mais altos do que os treinadores que fizeram cursos de vários níveis.

Perante os dados apresentados, podemos concluir que o fator mais valorizado pelos professores de educação física, na seguinte condição, sem cargos no desporto federado, treinadores com mais anos de experiência, treinadores/praticantes da modalidade é o *Coaching* Desportivo.

Em alguns estudos mencionados para estabelecer comparação de práticas destaca-se (Hodge et al, 2014), que tem resultados discutidos à luz do *coaching* autonomia de suporte, treino emocionalmente inteligente e liderança transformacional. No final, foram feitas as respetivas recomendações a estes treinadores de elite, As seguintes recomendações são disponibilizadas para consideração da formação de equipas de treinadores desportivos: (i) liderança - modelo de gestão de duplas, (ii) liderança transformacional (individual, motivação inspirada, estímulo intelectual, aceitação dos objetivos do grupo, expectativas de alto desempenho, e modelagem de papel apropriado (Arthur et al, 2012;Hardy et al, 2010;Smith et al, 2013, para exemplos práticos), (iii) Treinador emocionalmente inteligente - desenvolvimento de competências intrapessoais e interpessoais (Chan & Mallett de 2011), e (iv) estratégias de

coaching autonomia de apoio (Lyons et al., 2012; Mageau & Vallerand, 2003; Mallett, de 2005). A praticidade destas recomendações clima motivacional, provavelmente, variam de acordo com o Tipo e Nível de competição de cada equipa.

Este é talvez um dos maiores fatores que separa os grandes treinadores de seu pares (Feldman, M. S., Sköldberg, K., Brown, R. N., & Horner, D., 2004) considerando os temas que emergiram dentro de cada dimensão deste estudo, são discutidos nas seguintes seções Atributos do Coach (Mais do que treinador; Habilidades; Experiência); Comunicação Ativa Treinador/Atleta/Família; Relações (Pessoais e Profissionais); Ações (ensinar, comunicar, motivar, preparar a competição, alertar para o que não é relevante). O objetivo do presente estudo foi expandir a literatura anterior ao examinar experiências dos atletas com grandes treinadores. Os atletas neste estudo experimentaram grandes treinadores que representavam todos os níveis do desporto (iniciação, cadetes, iniciados, juvenis, clube, escolar, e profissional). Eles também descreveram treinadores que eram do sexo masculino e feminino, jovens e velhos, experientes e menos experiente. Isso reforça a noção de que grande treinador não pode ser determinado apenas na base de, registos de perdas e ganhos, ou a atenção dos mídia. No presente estudo, a verdadeira essência da grandeza foi capturada em experiências do atleta com quem eram seus treinadores, o que eles fizeram, como eles fizeram isso, e como isso os influenciou. Em última análise, estes atletas experientes indivíduos que não eram apenas grandes treinadores, mas as pessoas extraordinárias que deixaram impressões duradouras sobre as vidas daqueles que tiveram a sorte de chamá-los de "coach".

Neste âmbito, frisamos a atenção para as considerações dos estudos de (Sousa, 2015; Matos, M., & Cruz, J., 1997) reflectindo diretamente no desporto escolar em Portugal que deve ser emergente, reflectir e repensar, em formas e dinâmicas que fundamentam a atuação do *coaching* assertivos para se atingir objetivos no desporto.

E ainda, o fator da Gestão Psicológica foi valorizado pelos professores de educação física, nas seguintes condições, sem cargos no desporto federado, treinadores com mais anos de experiência, treinadores com o Curso de Treinadores Nível /Grau 2. Podemos frisar, os estudos dos autores (Hoover-Dempsey & Sandler, 2005) numa dimensão académica abrangente, estudaram esta vertente da Gestão Psicológica. A investigação acerca dos processos de influência parental no desporto, sugere que os comportamentos de suporte e encorajamento dos pais estão relacionados com menor experiência de *stress* por parte da criança, bem como são fatores protetores do abandono desportivo (Hoyle & Leff, 1997). Acrescente-se que as crianças que acreditam que os pais e treinadores estão satisfeitos com o seu rendimento, e que percebem um envolvimento baseado no suporte e encorajamento, reportam maiores níveis de divertimento na prática desportiva (Leff & Hoyle, 1995).

Especificamente, os pais poderão influenciar a criança em determinados atributos que são responsáveis pelo sucesso em contextos de realização: auto eficácia, motivação intrínseca,

estratégias de auto regulação e auto-eficácia relacional com os responsáveis educativos (Hoover-Dempsey & Sandler, 2005).

Os comportamentos do treinador, como referem nos seus extensos estudos (Felton, L. et Jowett, S., 2013), afetam o atleta. Ele precisa de satisfação e bem-estar psicológico o que têm sido extensivamente pesquisada. No entanto, dentro desta linha de investigação, a pesquisa raramente tem centrado a sua atenção sobre os efeitos da relação treinador-atleta de forma independente e em conjunto com os comportamentos do treinador. A qualidade das relações com os atletas é tomada com bastante atenção por treinadores de extrema relevância. Estes comportamentos são determinantes na satisfação das necessidades dos atletas, e finalmente, no seu próprio bem-estar. Os estudos realizados deste conhecimento prévio e compreensão sobre o tema, revelam que o que tem prática significância - os treinadores sublinham como papel central - o jogar com o que fazem e como eles se relacionam na satisfação das necessidades psicológicas de seus atletas e como promovem o seu bem-estar.

Além disso, cita (Felton, L., & Jowett, S., 2013) que há evidências científicas que a inteligência emocional tem um relacionamento significativo com eficácia de treinamento (Thelwell, Lane, Weston, & Greenless, 2008), e que o *coaching* emocionalmente inteligente é uma área legítima do desenvolvimento técnico (Chan & Mallett, 2011). Finalmente, ele parece que estes treinadores emocionalmente inteligentes se concentraram em certa medida, na construção do carácter aspecto da eficácia de *coaching* como sendo melhores pessoas se concentram (Collins, Gould, Lauer, e Chung, 2009; Feltz et al, 1999; Thelwell et al., 2008). Eficácia, na construção do caráter, referem como os treinadores de confiança têm em sua capacidade de influenciar o desenvolvimento pessoal de seus atletas (Feltz et al., 1999).

Para resumo e reflexão, as considerações somam-se para os treinadores com mais anos de experiência que nos deixam os scores mais elevados tanto no *Coaching* Desportivo como na Gestão Psicológica, a considerar e despertar na complexidade da Pedagogia do Treino...

5. CONCLUSÕES

O estudo desenvolvido permitiu responder, de uma forma eficaz, à questão inicialmente colocada: “Quais as qualidades, mais valorizadas, pelos professores de educação física no papel de treinadores do desporto escolar?”. Depreendemos, com base no estudo, que as capacidades mais valorizadas foram Coaching Desportivo, a seguir temos a Gestão Psicológica, e posteriormente a Pedagogia do Desporto.

Podemos analisar com maior reflexão, as hipóteses propostas para orientar a nossa exposição sobre o tema:

- ✓ H1 - Quais as percepções mais pertinentes sobre o papel do treinador do desporto escolar na perspectiva do professor de educação física?

Das percepções mais pertinentes, destacam-se os treinadores do desporto escolar sem cargos no desporto federado apresentam *scores* de *coaching* mais elevados do que os treinadores que desempenham cargos. As diferenças observadas foram estatisticamente significativas ($U = 1758,5$; $W = 4839,5$; $p = 0,047$). Os treinadores do desporto escolar sem cargos no desporto federado apresentam *scores* de gestão psicológica mais elevados do que os treinadores que desempenham cargos. As diferenças encontradas foram estatisticamente significativas ($U = 1858,5$; $W = 4784,5$; $p = 0,011$).

Os treinadores com mais anos de experiência apresentam *scores* de *coaching* mais elevados do que os treinadores com menos anos de experiência. As diferenças encontradas foram estatisticamente significativas ($U = 1801$; $W = 2504$; $p = 0,025$). Os treinadores com mais anos de experiência apresentam *scores* de gestão psicológica mais elevados do que os treinadores com menos anos de experiência. Considerando um nível de significância de 0,075, as diferenças encontradas foram estatisticamente significativas ($U = 1667$; $W = 22297$; $p = 0,074$).

Os treinadores/praticantes da modalidade apresentam *scores* de *coaching* mais elevados do que os treinadores/não praticantes da modalidade. Considerando um nível de significância de 0,075, as diferenças encontradas foram estatisticamente significativas ($U = 159,5$; $W = 195,5$; $p = 0,07$).

Os treinadores com o Curso de Treinadores Nível /Grau 2 apresentam *scores* de gestão psicológica mais altos do que os treinadores que fizeram cursos de vários níveis.

No que diz respeito, à nossa segunda hipótese podemos citar para relembrar:

- ✓ H2 - Existem diferenças significativas entre as variáveis sociodemográficas, definidas no questionário, na percepção das diferentes competências/capacidades/qualidades do treinador?

Na tabela 2, apresentamos a análise descritiva dos itens do questionário média, o desvio padrão e os coeficientes de correlação item/total da escala. Há exceção do item “Ser responsável” os valores da correlação item/total da escala são significativos ($p=0,01$).

Das competências propostas destacaram-se, como as três mais pontuadas:

Ter conhecimentos táticos;

Primar pela qualidade do trabalho apresentado - inovador e surpreendente;

Revelar conhecimento dos atletas.

Em relação ainda às competências propostas quando estudadas e confrontadas dentro dos fatores que estruturam o nosso estudo, apresentaram a seguinte interpretação por grau de significância:

Coaching Desportivo - Ser pontual;

Gestão Psicológica - Gerir os conflitos no seio da equipa/clube;

Pedagogia do Treino - Ter conhecimentos táticos.

Perante os dados apresentados, podemos concluir que o fator mais valorizado pelos professores de educação física, na seguinte condição, sem cargos no desporto federado, treinadores com mais anos de experiência, treinadores/praticantes da modalidade é o *Coaching* Desportivo. Essas emoções positivas “(...) possuem como função o alargamento do campo da consciência e, conseqüentemente, das possibilidades de pensamento e ação das pessoas” (Neto L. et Marujo, H., 2011: 442; Alves, 2000:133; Whitmore, 2006:3; Hodge et al, 2014; Chan & Mallett de 2011).

E ainda, o fator da Gestão Psicológica foi valorizado pelos professores de educação física, nas seguintes condições, sem cargos no desporto federado, treinadores com mais anos de experiência, treinadores com o Curso de Treinadores Nível /Grau 2. Os treinadores efectivos de maior experiência do processo de treino assumem como (Mesquita, 2005; Salmela e Moraes, 2003; Hoover-Dempsey & Sandler, 2005; Bento, 2004; Sarmiento, 2012; Brustad, 1992; Smoll, 2001) os scores mais altos deste fator. Como atrás referimos, a maior parte dos atores não reflete sobre o valor da predominância desta competência no treinador somente as pessoas com maior experiência de vida que constatam que a base psicológica e emocional tem uma relação estrita com a nossa capacidade de aprender. Não me esquecendo de referir, os autores que partilham da opinião dos nossos professores de educação física com maior experiência (Mesquita, 2005; Sarmiento, 2012; Salmela e Moraes, 2003; Bento, 2004).

Portanto, vamos de encontro há ideia que para apreciar o rendimento desportivo na dimensão una e humana do desporto será, então necessário, que a orientação dos nossos treinadores do desporto escolar sigam a visão e o princípio que nos confronta um dos autores citados no nosso estudo “Não se deixem levar por motivos que não estão minimamente ligados ao desporto” (Sarmiento, 2012), continuando a certificar o desporto com o seu valor ético (social), humano (bio e psico) e axiológico na sua dimensão única e inequívoca.

Tal multiplicidade de requisitos torna imprescindível um sólido capital de competência técnica, de personalidade e de inteligência estratégica (Garganta, 2004).

Na atualidade, privilegiando fundamentos (Pinto, 2002: 21) e perspetivando novas reflexões “Entendida durante muito tempo como preparação para a vida, a escola tem vindo, (...) a valorizar não só esta função de «andaime» de uma construção, (...) tem vindo a descobrir e a valorizar «as pessoas que moram nos alunos».”

6. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

O questionário estar foi concretizado em formato eletrónico e informatizado, enviado aos contactos pessoais dos treinadores do desporto escolar do distrito da Guarda pedindo a sua colaboração ponderada e reflexiva sobre o processo, o que por vezes, online pode não caracterizar corretamente as condições ótimas para o decorrer do processo.

E não descoramos, a sugerir a replicação deste estudo numa população mais alargada e mesmo mais específica em relação a fatores que podem definir melhor as conclusões retiradas do nosso estudo, como por exemplo, a modalidade, o grupo/turma, as culturas, a comunidade escolar em toda a sua dimensão, no sentido de perceber quais as competências a privilegiar na formação dos futuros treinadores do desporto escolar.

7. BIBLIOGRAFIA

Alves, J. (2000). Liderazgo y Clima Organizacional. Revista de Psicología del Deporte, vol. IX, nº 1-2, pp.122-133.

Araújo, J. (1997). A atitude profissional do treinador. Revista Treino Desportivo. Lisboa, Suplemento, p. 3-10.

Avô, A. B., & Coelho, T. D. (1988). O desenvolvimento da criança.

Becker, A.J. and Solomon, G.B., Expectancy Information and Coach Effectiveness in Intercollegiate Basketball, *The Sport Psychologist*, 2005, 19, 251-266.

Bento, J. (1998): Desporto e Humanidade - O campo do possível. Edição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. UERJ.

Bento, J., Garcia, R., Graça, A. (1999). Contextos da pedagogia do desporto: perspetivas e problemáticas. Lisboa. Livros Horizonte.

Bento, J. (2004). Discurso e Substância. Porto. Editora Campo de Letras

Bento, J. O., & Petersen, R. D. S. (2006). Pedagogia do desporto. TANI, G.; BENTO, JO; PETERSEN, RDS Pedagogia do desporto. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 26-40.

Botting, D., & Humboldt, A. V. (1973). Humboldt and the Cosmos. Harper & Row.

Brohm, J., 1976. Sociologie politique du sport, 1976, Second Edition : Nancy, P.U.N. 1992.

Brustad, R. J. (1992). Integrating Socialization Influences Into the Study of Children's Motivation in Sport. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 14(1).

Chan, J. T., & Mallett, C. J. (2011). The value of emotional intelligence for high performance coaching. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 6 (3), 315-328.

Chiavenato, I., (2004). Gerenciando com as pessoas (3ªEd.). São Paulo. Elsevier

Collins, K., Gould, D., Lauer, L., & Chung, Y. (2009). Coaching Life Skills through Football: Philosophical Beliefs of Outstanding High School Football Coaches. *International Journal of Coaching Science*, 3(1).

Cunha, M. P. et al (2006). Organizações Positivas. Publicações D. Quixote. Lisboa.

Cruz, A. (2014). Qualidades do treinador do Séc. XXI-na perspectiva de vários autores.

Denny, R.(1993). Motivação para Vencer. Clássica Editora. Lisboa

Feldman, M. S., Sköldbberg, K., Brown, R. N., & Horner, D. (2004). Making sense of stories: A rhetorical approach to narrative analysis. *Journal of Public Administration Research and Theory*, 14(2), 147-170.

Felton, L., & Jowett, S. (2013). “What do coaches do” and “how do they relate”: Their effects on athletes' psychological needs and functioning. *Scandinavian journal of medicine & science in sports*, 23(2), e130-e139.

Garganta, J. (2004) Atrás do palco. Nas oficinas do Futebol. Porto. Campo das Letras Editores.

Gaspar, D & Portásio, R. (2009). Revista de Ciências Gerencias. Liderança e Coaching: desenvolvendo pessoas, recriando organizações. *Revistas de Ciências Gerenciais*. Vol XIII, No18, Ano 2009. desenvolvendo pessoas, recriando organizações. *Revistas de Ciências Gerenciais*. Vol XIII, No18.

Gallimore, R., & Tharp, R. (2004). What a coach can teach a teacher, 1975-2004: Reflections and reanalysis of John Wooden's teaching practices. *Sport Psychologist*, 18, 119-137.

Graça, A., & Mesquita, I. (2006). Ensino do desporto. Tani G, Bento JO, Petersen RDS, organizadores. Pedagogia do desporto. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Grolnick, W. S., Ryan, R. M., & Deci, E. L. (1991). Inner resources for school achievement: Motivational mediators of children's perceptions of their parents. *Journal of educational psychology*, 83(4), 508.

Hodge, K., Henry, G., & Smith, W. (2014). A case study of excellence in elite sport: Motivational climate in a world champion team. *The Sport Psychologist*, 28(1), 60-74.

Hoover-Dempsey, K., Battiato, A., Walker, J., Reed, R., DeJong, J., & Jones, K. (2001). Parent involvement in homework. *Educational Psychologist*, 36 (3), pp. 195-209.

Hoover-Dempsey, K.V., & Sandler, H.M. (2005). Final Performance Report for OERI Grant #R305T010673: The Social Context of Parental Involvement: A Path to Enhanced Achievement. Apresentado ao monitor do projecto, Institute of Education Sciences, U.S. Department of Education.

Hooper, A. & Potter, J. (2011). Liderança Inteligente - Criar a Paixão pela Mudança. Actual Editora. Lisboa.

Hodge, K. (2014), *The Sport Psychologist*, 2014, 28, 60-74, © 2014 Human Kinetics, Inc.

Lourenço, L. e Ilharco F., (2007). LIDERANÇA “As lições de Mourinho”, Todos os direitos reservados Booknomics.

Likert, R., 1961. *New Patterns of Management*. McGraw-Hill

Lima, J. T. (2014). *Ética e Desporto Profissional. Considerações a partir da perspectiva filosófica de Sílvio Lima*.

Lourenço, L. e Ilharco F., (2007). LIDERANÇA “As lições de Mourinho”, Todos os direitos reservados Booknomics.

Lourenço, L. (2010). Mourinho - A Descoberta Guiada. Editora Prime Books, 5ª Edição.

Malete, L., & Feltz, D. L. (2000). The effect of a coaching education program on coaching efficacy. *Sport psychologist*, 14(4), 410-417.

Mallett, C. (2005). Self-determination theory: A case study of evidence-based coaching. *The Sport Psychologist*, 19(4), 417-429.

Matos, M. D. F., & Cruz, J. F. A. (1997). Desporto escolar: motivação para a prática e razões para o abandono. *Psicologia: Teoria, investigação e prática*, 2, 459-490.

Martens, R. (1987). *Coaches Guide to Sport Psychology*. Champaign. Illinois. Human Kinetics.

Meinberg, E. (1992). Sportanthropologie-was könnte das sein. Alkemeyer, T./Boschert, B. ua (Hrsg.), 3-20.

Mesquita, I. (2005). A pedagogia do Desporto. Planeamento. 3ª edição pp 37-39.

Murad, M. (2004). Desporto de muitas cores e sabores. Reflexões em torno do desporto mais popular do mundo (pp. 227-233, 235-238). Porto: Campo das Letras Editores.

Neto, L & Marujo, H. (2011) Vários Autores, in *Psicologia Aplicada*, Coordenado por LOPES, M. P. et al. RH Editora, 1ª Edição. Lisboa

Neves, J.; Garrido, M. e Simões, E. (2006). *Manual de Competências - Pessoais, Interpessoais e Instrumentais: Teoria e Prática*. Lisboa. Edições Sílabo.

Olímpio, C. (2014). ANTHP - Associação nacional de Hóquei em Patins 20º aniversário.

Pereira, A. (2012). in *Seminário de Treino Desportivo para Jovens Atletas*. Guarda. Instituto Politécnico.

Pinto, M. (2002). *Televisão, Família e Escola*. Lisboa. Editorial Presença.

Pires, G. (2005). *Gestão do Desporto. Desenvolvimento Organizacional* (pp.152-162, 252) (2.ªed.) Porto: APOGESD.

Rodrigues, J. (2012). in Seminário “Treino Desportivo em Jovens atletas”, 19 de novembro. Guarda. Instituto Politécnico.

Rodrigues, J.,1997. Os treinadores de sucesso - «Estudo da influência do objectivo dos treinos e do nível de prática dos atletas na actividade pedagógica do treinador de Voleibol», 20 de setembro,

Rosado, A. e Mesquita, I. (2009). *Pedagogia do Desporto*. Lisboa. Edição Faculdade de Motricidade Humana.

Salmela, J. H. & Moraes, L. C. (2003). Coaching expertise, families and cultural contexts. Em L. Starkes & K. A. Ericsson (Orgs.), *Expert performance in sport: Advances in research on sport expertise* (pp. 275-296). Champaign, IL: Human Kinetics.

Sarmiento, P. (2004). *Pedagogia do Desporto e Observação*. Lisboa. Serviços de Edições Faculdade de Motricidade Humana.

Sarmiento, P. et al (2010). *Pedagogia do Desporto e Observação*. Lisboa. Serviços de Edições Faculdade de Motricidade Humana.

Sarmiento, P.; Sequeira, P. e Figueiredo, A. (2012). in Seminário “Treino Desportivo em Jovens atletas”. 19 de novembro. Guarda. Instituto Politécnico.

Serpa, S. (1990). O treinador como líder: panorama actual da investigação. *Revista Ludens*, 12(2), 23-32.

Serpa, S. (1995). A relação Interpessoal na díade Treinador-Atleta (desenvolvimento e aplicação de um questionário de comportamentos Ansiogénicos do Treinador) Dissertação do doutoramento, não publicada, Lisboa; Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.

Serpa, S.; Fonseca, C.; Rosado A. (2013). Robustez Mental - Uma Perspetiva Integrada. *Revista de Psicologia del Deporte*, 2, 495-500.

Sousa, C. (2015) “Desporto Escolar - Representações dos coordenadores locais das zonas da Guarda e de Viseu” - Dissertação de Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Sweetenham, B. (2002). Reserve tempo para ser treinador: ensine os seus atletas a porem em prática os princípios científicos. *Treino Desportivo*, n.º 17, 21-24.

Teixeira, P. (2007), O Desporto Escolar. Estudos dos Serviços Prestados nas Escolas Básicas do 2º e 3º Ciclos do Concelho de Gondomar - Porto: FDUP.

Teques, P. (2009). "Envolvimento parental no Futebol". Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desporto. Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa.

Thelwell, R. C., Lane, A. M., Weston, N. J., & Greenlees, I. A. (2008). Examining relationships between emotional intelligence and coaching efficacy. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 6(2), 224-235.

Treasure, D., & Roberts, G. (2001). Student's perceptions of the motivational climate, achievement beliefs, and satisfaction in physical education. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 72 (2), pp. 165-175.

Tani G., Bento J., Petersen R . (2006). *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro. Brasil Editora Guanabara Koogan.

Weinberg, R. e Gould, D. (1995). *Foundations of Sport and Exercise Psychology*. Champaign, Illinois, Human kinetics.

Wentzel, K.R. (1991). Relationships between social competence and academic achievement in early adolescence. *Child Development*, 62, 1066-1078.

Whitmore, J. (2006), *Coaching para Performance*, Qualitymark Editora, Rio de Janeiro.

Wolfenden, L., & Holt, N. (2005), Talent development in junior tennis, Perceptions of players, parents, and coaches. *Journal of Applied Sport Psychology*, 17, 108-126.

8. WEBGRAFIA

Amândio G., (2001). «Breve roteiro da investigação empírica na Pedagogia do Desporto: a investigação sobre o ensino da educação física», Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 2001, vol. 1, nº 1, 104-113. Consultado em 2 de Maio de 2013. Disponível em: http://www.fade.up.pt/rpcd/_arquivo/artigos_soltos/vol.1_nr.1/13.pdf

Arthur, C.A., Hardy, L., & Woodman, T. (2012). Realising the Olympic dream: Vision, support and challenge. *Reflective Practice*, 13(3), 399-406. PubMed doi:10.1080/14623943.2012.670112

Brito, M. (2013, Junho 26). «Estava a ficar um bocadinho fora do radar». consultado em 2 de Julho de 2013. Disponível em: http://www.record.xl.pt/Modalidades/tenis/interior.aspx?content_id=829819

Chan, J.T., & Mallett, C.J. (2011). The value of emotional intelligence for high performance coaching. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 6(3), 315-328. PubMed doi:10.1260/1747-9541.6.3.315

Duarte L., (Junho, 2012). Tese de Mestrado. «Motivação Para a Prática e Não Prática no Desporto Escolar na EBI c/JI Cidade Castelo Branco Motivação Para a Prática e Não Prática no Desporto Escolar na EBI c/JI Cidade Castelo Branco, Ciências Sociais e Humanas, Universidade da Beira Interior.

https://www.google.pt/webhp?source=search_app&gfe_rd=cr&ei=dk0BV9r5G-er8wfrgZjQAw&gws_rd=ssl#q=universidade+da+beira+interior+estudos+sobre+o+treinador+desporto+escolar

Engel, (1977) The need for a new medical model: a challenge for biomedicine. *Science* 08 Apr. Vol. 196, Issue 4286, pp. 129-136

DOI: 10.1126/science.847460

Esteves, J. (2009). A Excelência do treinador de Futebol - Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Consultado em 10 de Fevereiro de 2013. Disponível em:

<http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/rcger/article/viewFile/966/859>

Fialho N., (21 de Junho de 2016), Cédulas de Treinador vs. Licenciaturas, <https://10cnef.wordpress.com/2016/06/21/cedulas-de-treinador-vs-licenciaturas/>

Figueiredo A. R. , (2013, 03 de Novembro). Transcrição de Liderança. Consultado em 10 de Dezembro de 2013. Disponível em <http://prezi.com/th2i72ljfam8/lideranca/>

Garcia, M. (2005, dezembro 14). Políticas Educativas e Sociais do Desporto. Congresso do Desporto. Um Compromisso Nacional. Políticas Educativas e Sociais no Desporto. Disponível em <http://www.congressododesporto.gov.pt/ficheiros/RuiGarcia.pdf>.

Governo de Portugal, (Julho, 2014) Instituto Português do Desporto e Juventude, I.P, IPDJ, Plano Nacional de Ética no Desporto Código de Ética Desportiva, http://www.pned.pt/media/24987/codigoetica_web.pdf

Guedes P., As práticas de coaching em jovens e a transferibilidade de competências para a vida - O que nos diz a ciência. Pág.9. ISSN 1647-9696. Revista da Sociedade Científica da Pedagogia do Desporto

Hersey, P. e Blanchard, K. (1986). Psicologia para administradores: A teoria e as técnicas da liderança situacional. Consultado em 25 de maio de 2013, E.P.U. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd103/lideranca-no-desporto.htm>

IPDJ , (2012) Programa Nacional de Formação de Treinadores.

Lyons, M., Rynne, S.B., & Mallett, C.J. (2012). Reflection and the art of coaching: Fostering high-performance in Olympic Ski Cross. *Reflective Practice*, 13(3), 359-372. PubMed doi:10.1080/14623943.2012.670629

Mageau, G.A., & Vallerand, R.J. (2003). The coachathlete relationship: A motivational model. *Journal of Sports Sciences*, 21(11), 883-904. PubMed doi:10.1080/0264041031000140374

Marturelli Jr., Oliveira, A. de «Treinadores de Futebol de Alto Nível: as evidentes dificuldades que cercam a produtividade destes profissionais». Consultado em 25 de Janeiro de 2013. Disponível em: <http://www.futebolesociedade.com.br/download/bc77d2129c4e17d57a97.pdf>

Portugal (2012) - Associação Nacional de Treinadores de Futebol. Consultado em 26 de Novembro de 2012. Disponível em : www.antf.pt/

Pedro T., Depart. Psicologia e Comunicação, Associação Portuguesa de Escolas de Futebol. Consultado em 19 de Dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.omeuclube.org/ramalhal/documentos/ramalhal1753221964187.pdf>

Trollope A., (1815) .Inglaterra. Consultado em 04 de Dezembro de 2012. Disponível em <http://www.citador.pt/frases/maravilhoso-e-o-poder-que-pode-ser-exercido-quas-anthony-trollope-6556>

Neto, L. (2008). “Tudo o que sempre quis saber sobre Inquérito/Indagação/Investigação Apreciativo(a) em 10 perguntas (aparentemente) fáceis”, in <http://www.inqueritoapreciativo.com/Tudo-o-que-sempre-quis-saber-sobre-o-IA.pdf>,

Guerreiro, S. (Maio, 2008) “A influência do Coaching e do Inquérito Apreciativo no Positivismo Organizacional”http://www.bizpoint.pt/login/upload/userfiles/Coaching_e_Inquerito_Apreciativo_Maio2012.pdf

Soares J., (no.2009), Percepções dos professores do desporto escolar sobre a relação entre o sector escolar e o sector federado da Região Autónoma da Madeira, Departamento de Educação Física e Desporto, Universidade da Madeira, Portugal, Rev. Port. Cien. Desp. v.9 n.2 Porto nov. 2009, http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-05232009000200009

Wikipedia, the free encyclopedia https://en.wikipedia.org/wiki/Simone_Biles

9. ANEXOS

Questionário

Perceções sobre qualidades de um bom treinador

(Francisco, C.M., 2011)

Este inquérito tem como objetivo recolher informações acerca das perceções dos diferentes atores desportivos sobre as qualidades de um bom treinador.

Tenha em consideração que não existem respostas certas ou erradas e que a confidencialidade e anonimato, das suas respostas, estão assegurados.

Estado civil		Sexo
Solteiro ^(a) <input type="checkbox"/>	Divorciado ^(a) / separado ^(a) <input type="checkbox"/>	Masculino <input type="checkbox"/>
Casado ^(a) / união de facto <input type="checkbox"/>	Viúvo <input type="checkbox"/>	Feminino <input type="checkbox"/>

Idade _____

Habilitações	
Até 12º Ano <input type="checkbox"/>	Licenciatura <input type="checkbox"/>
Bacharel <input type="checkbox"/>	Outra: _____ <input type="checkbox"/>

Responde no papel de: Atleta Pai/Enc. de educação Treinador
 Professor Espectador Dirigente
 Aluno do curso de desporto Outro

Já treinou alguma equipa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Se sim, quantos anos < 3 Anos <input type="checkbox"/> de 3 a < 5 <input type="checkbox"/> >= 5 <input type="checkbox"/>
---	---

Gostaríamos de saber o seu grau de concordância relativamente às afirmações abaixo transcritas. Por favor, assinale com uma cruz (X) a opção que melhor corresponde ao seu caso pessoal. Para cada afirmação escolha a opção com que mais se identificar: 1. Discordo

totalmente; 2. Discordo; 3. indiferente; 4. Concordo; 5. Concordo totalmente.
Para mim um treinador deve...

Ser responsável	① ② ③ ④ ⑤
Ser pontual	① ② ③ ④ ⑤
Tratar de igual forma respeitando as diferenças individuais	① ② ③ ④ ⑤
Ter capacidade de resolução de problemas	① ② ③ ④ ⑤
Ter respeito	① ② ③ ④ ⑤
Ter conhecimentos técnicos	① ② ③ ④ ⑤
Ter capacidade de motivar os atletas para o treino e competição	① ② ③ ④ ⑤
Revelar conhecimento dos atletas	① ② ③ ④ ⑤
Ser dedicado	① ② ③ ④ ⑤
Ter conhecimentos táticos	① ② ③ ④ ⑤
Atuar de acordo com princípios éticos	① ② ③ ④ ⑤
Saber gerir os conflitos no seio da equipa/clube	① ② ③ ④ ⑤
Saber influenciar positivamente os atletas	① ② ③ ④ ⑤
Ser aplicado	① ② ③ ④ ⑤
Saber fazer a gestão psicológica do treino e da competição	① ② ③ ④ ⑤
Transmitir confiança a atletas e pais	① ② ③ ④ ⑤
Ser compreensivo	① ② ③ ④ ⑤
Primar pela qualidade do trabalho apresentado - inovador e surpreendente	① ② ③ ④ ⑤
Ser organizado	① ② ③ ④ ⑤
Oportuno nas repreensões e chamadas de atenção - disciplinador	① ② ③ ④ ⑤

Obrigado pela sua colaboração...